

RENATO FERREIRA DE SOUZA

**GEORGE HERBERT MEAD:
CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA SOCIAL**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
PSICOLOGIA SOCIAL**

- 2006 -

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RENATO FERREIRA DE SOUZA

**George Herbert Mead:
Contribuições para a Psicologia Social**

**Dissertação apresentada à banca
examinadora do Programa de Estudos
Pós-Graduados em Psicologia Social,
como exigência parcial para a
obtenção do título de MESTRE em
Psicologia Social sob orientação da
Prof^a Dra. Maria do Carmo Guedes.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

- 2006 -

Comissão julgadora

O *Homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*.

Durkheim

DEDICATÓRIA

Para meu amigo pai, Tarley Ferreira, em forma de reconhecimento, admiração e gratidão.

Professora Maria do Carmo, exemplo de profissionalismo, o meu carinho.

Mãe, Tati, Débora, Cida, e Tathi, minha equipe de apoio: vocês foram fundamentais nesta empreitada: muito obrigado.

Obs.: A pesquisa teve o apoio do CNPq.

RESUMO

SOUZA, R. F. (2006). George Herbert Mead: Contribuições para a Psicologia Social. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Palavras chave: história da psicologia; história da psicologia social; teoria social; socialização; individuação; identidade; Berger e Luckmann; Habermas.

O trabalho desenvolvido pretende contribuir para a compreensão de um autor/personagem da psicologia social. Analisamos e acrescemos conhecimento sobre George Herbert Mead e os desdobramentos de sua teoria psicossocial.

Para este propósito trabalhamos em duas vertentes básicas: primeiro, através da abordagem social em história da psicologia, confrontamos a vida de Mead com momentos de constituição da psicologia à sua época, colocando em relevo aspectos centrais desta interlocução nem sempre identificados. Correlacionamos a história de Mead com questões sociais, políticas, econômicas e científicas de sua época; informações sobre o que se passava no plano das relações interpessoais ao tempo em que elaborava sua teoria, assim como suas conexões com práticas e valores culturais específicos foram contemplados. A segunda vertente decorre de uma incursão na literatura que perpassa por temáticas concernentes aos estudos meadianos, para o que priorizamos os trabalhos dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann e do filósofo Jürgen Habermas.

Pretende-se assim contribuir para a história da psicologia social e difundir os conceitos científicos meadianos, tornando-os mais acessíveis aos estudiosos da psicologia social.

ABSTRACT

SOUZA, R. F. (2006). George Herbert Mead: Contributions for the Social Psychology. Master's degree Dissertation. Pontificia Catholic University of São Paulo.

Key words: Psychology's history; social psychology's history; social theory; socialization; individualization; identity; Berger and Luckmann; Habermas.

The developed work intends to contribute for the understanding of an author/character of the social psychology. We analyzed and we added knowledge about George Herbert Mead and the unfoldings of his psychosocial theory.

For this purpose we worked in two basic pathways: first, through the social approach of the psychology's history, we confronted Mead's life with moments of constitution of the psychology at his time, placing in projection central aspects of his dialogue not always identified. We correlated the history of Mead with social subjects, politics, economical and scientific of his time; information on what happened in the plan of the interpersonal's relationships at the time he was elaborating his theory, as well as his connections with practices and specific cultural values were mediated. The second path elapses from an incursion that goes through a thematic concerning to the Meadelian's studies, for what we prioritized the sociologists Peter Berger's and Thomas Luckmann's works and of the philosopher Jürgen Habermas.

It is then intended to contribute to the history of the social psychology and to diffuse the Meadelian's scientific concepts, turning them more accessible to the specialists of the social psychology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
CAPÍTULO 1: PROCESSUALIDADE DA PESQUISA: FUNDAMENTOS	07
1. O pesquisador no centro da pesquisa	07
2. Considerações metodológicas	12
a) a definição do problema	13
b) a especificação das informações	13
c) a seleção de fontes	14
d) o levantamento das informações	14
e) o tratamento das informações	15
3. Métodos para compreensão histórica	15
4. Constatação do descaso	19
CAPÍTULO 2: HISTÓRIA E CONCEITOS DE G. H. MEAD: POSSIBILIDADES	27
1. Outros Significantes: Família, amigos, primeiros estudos e trabalhos	29
1.2 Atividades profissionais: compromisso com o conhecimento	36
1.3 Mead e o primeiro curso de Psicologia Social	39
1.4 Atividades políticas: à procura de um socialismo científico	42
2. Fundamentos, conceitos e categorias da teoria meadiana	48
2.1 O Outro Generalizado	52
2.2 A materialidade: o homem em interação com o mundo físico	55
2.3 Fases do <i>self</i> : o “EU” e o “MIM”	57
3. Sobre a obra de George Herbert Mead	61
CAPÍTULO 3: APROPRIAÇÕES TEÓRICAS DE G. H. MEAD: UTILIZAÇÕES	63
1. Mead, aporte para mudança na sociologia do conhecimento	76
2. Falando em ciência: a linguagem de Mead	81
3. Mead, um ‘outro’ muito ‘significativo’	91
4. Mead, as instituições e a realidade	98
5. Mead e os estudos sobre identidade	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Constatação do descaso histórico da psicologia em relação a George Herbert Mead	23
Tabela 2	- Contribuições Meadianas na obra, <i>A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento</i> , de P. Berger e T. Luckmann, (1966)	63
Tabela 3	- Contribuição Meadiana na obra, <i>Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno</i> , de P. Berger e T. Luckmann, (1995)	66
Tabela 4	- Contribuições Meadianas na obra, <i>Pensamento Pós-Metafísico: Estudos Filosóficos</i> , de Jürgen Habermas. Item 8, “Individuação através de socialização. Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead”, (1988)	67

APRESENTAÇÃO

A página à minha frente como as possibilidades da pesquisa.

Antes de tudo a história. Agosto do ano 2000. Conheço George Herbert Mead em Belo Horizonte, apresentado por um professor de Ética, mestre em filosofia, na faculdade de Psicologia¹. Primeiro encontro truncado; não conhecia nada a respeito de nosso autor, assim como a grande maioria dos colegas que, ávidos por Freud, Rogers, Perls, ou Skinner, nem deram tanta importância assim a esta primeira interação; nas duas semanas seguintes os encontros foram instigantes. Percebia que Mead tinha muito a oferecer, mas as temáticas divergiam². Como resultante simbólico do contato, apenas o registro e a possibilidade de mais uma psicologia.

Após dois anos, a salvação e o futuro do Brasil haviam se tornado um problema social concreto, e mais uma leva de psicólogos se voltava para o sistema, à procura de espaço no mercado de trabalho. Inscrevo-me em um curso de formação clínica, com ênfase na Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvido através de aulas teóricas, atendimento clínico e supervisão³.

É nesta mesma época que recebo um telefonema da Secretaria de Assistência Social da prefeitura de Belo Horizonte para uma entrevista de emprego. Na função ‘apoiador de campanha’, trabalharia junto a famílias desabrigadas pela chuva do verão de 2002 na capital mineira, enquanto suas novas casas não ficavam prontas.

Foram nove meses de intensa convivência com quase cinquenta famílias alojadas em pequenos quartos, de um antigo hotel no centro da cidade, quase trezentas pessoas. Em “nosso” hotel moravam cidadãos da comunidade Pedreira Prado Lopes⁴.

As famílias se organizavam das mais diversas formas. Aos poucos íamos conhecendo quem era pai, mãe, avô, avó, irmãos, filhos, primos de quem. Às seis da manhã, no café, pedreiros, carpinteiros, vendedores ambulantes, domésticas, diaristas e toda sorte de trabalhadores saíam para mais um dia de labuta; às seis da

¹ - De certa forma aqui começa a pesquisa.

² - Até então minha formação acadêmica, devido à grade curricular, pedia muito para o estudo e análise das instâncias clínicas e individuais da psicologia, contrapondo as idéias meadianas.

³ - Nada a ver com Mead e sua teoria certo?

⁴ - Como esta, havia mais sete unidades espalhadas pela cidade com famílias desabrigadas e moradores de área de risco.

tarde o pessoal das igrejas evangélicas; e alguns mais animados com a noite. Aos domingos, nostálgicamente, grande parte visitava seus familiares e vizinhos na comunidade.

Meu trabalho era mediar possíveis conflitos, distribuir as “quentinhas” (almoço e jantar) uma para cada morador, o leite em pó para as famílias com crianças pequenas; controlar uma pequena farmácia; fazer encaminhamentos para hospitais, órgãos públicos; relatar em ata os procedimentos, e nunca, nunca chamar a polícia.

A ocasião aguçou-me a voltar os estudos para a psicologia social, nada em específico, lia textos da graduação e alguns livros aleatoriamente.

A organização própria dos moradores, a disposição em ajudar ao próximo, a persistência, o planejamento para reclamarem o que lhes era de direito, e o respeito nas “negociações” com o “intermediário” do Estado, com o “síndico”, fizeram-nos perceber que nossa psicologia estava aquém.

Um projeto antigo volta à tona; devo mencionar que o desejo de fazer um curso de pós-graduação para seguir carreira acadêmica advinha dos tempos em que havia deixado o curso de engenharia⁵.

Várias foram as idéias para projetos de pesquisa, algumas mirabolantes; de concreto, a área: psicologia social. Agora já não estudava mais aleatoriamente e, pela bibliografia indicada para a prova de conhecimentos, me deleitava com as idéias de possíveis projetos: liderança de grupo, cooperação, desigualdade social, descaso público, relações comunitárias, a socialização via rap, dentre outras, seguiam o mesmo caminho, cabeça, papel, euforia, “salvação do mundo”, reflexão, falta de conhecimentos, abandono, mente, cabeça, papel..

Continuava no Instituto Humanista de Psicoterapia com o curso de formação clínica; aqui a pesquisa se estrutura e a psicologia se mostra social.

O problema a ser investigado na pesquisa surgiu ao se fazer uma confrontação entre a Psicologia Social e o atendimento clínico psicoterápico. Havia alguns meses estava atendendo dois meninos portadores de deficiência visual⁶.

⁵ - Longas foram as tardes e noites de dúvidas. Psicologia, Sociologia ou História?

⁶ -O Instituto tinha uma espécie de convênio com o Instituto São Rafael, escola para os portadores da deficiência visual.

O que me inquietava naquela época era a leitura dos textos de George Herbert Mead indicados para a prova em São Paulo. Mead (1972), aperfeiçoando sua gênese da personalidade colocava a referência a uma segunda pessoa como sendo fundamental para qualquer auto-referência, e mostrava-me que a partir dos gestos começam a surgir os sinais, os símbolos e, posteriormente, as convenções semânticas válidas intersubjetivamente, inaugurando a linguagem como algo que faz parte da conduta social. Considerando, com Mead (1972), serem os gestos fundamentais para o “surgimento” da constituição social do EU, gostaríamos de compreender o mecanismo pelo qual os portadores de deficiência visual lidam com esta carência e constituem suas personalidades, já que Mead parte do pressuposto de que os gestos são visualizados durante a interação social.

Com estas inquietações é construído o projeto, pré-requisito juntamente com a prova de conhecimentos e entrevista, para o ingresso no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUC-SP.

Professores Odair Sass e Antonio Ciampa me deixam à vontade para conversarmos sobre o projeto, sua metodologia, meu interesse por Mead e a interlocução com os portadores de deficiência visual, enfim, a entrevista de mais um candidato. “Você quer trabalhar com Mead ou com a questão da identidade em portadores de deficiência visual?”⁷

Poucos dias depois sou chamado para uma nova entrevista⁸.

Nosso encontro foi animador, desta vez já sabia qual era o núcleo de pesquisa, as temáticas trabalhadas e já pensava em algumas possibilidades para a pesquisa em história da psicologia.

História e George Mead, será? História, Mead, uma combinação possível... A se pensar?

De pronto me pareceu interessante...

⁷ - Devem ter me considerado um típico mineiro. “Ainda não sei bem, as duas temáticas me agradam; a única certeza que tenho é de minha vontade em ingressar na pós-graduação”. A estratégia por que não, era deixar em aberto às possibilidades; principalmente pelo fato de realmente não saber qual seria o desdobramento deste meu primeiro projeto e em qual núcleo de pesquisa me encaixaria melhor”.

⁸ - Onde começa o trabalho a admiração e a amizade com a professora Maria do Carmo Guedes.

Por que Mead não é traduzido no Brasil, não é difundido na Psicologia? Seria “culpa” sua, qual sua história? Em sua época, o que se estuda na psicologia? Era excêntrico? Não vendia, e hoje?

Desde a procura pelas bibliografias indicadas para o exame de conhecimentos, e posteriormente ao querer me aprofundar nos estudos meadianos para a construção do projeto, estranhava não encontrar livros do Mead em livrarias e sebos; em bibliotecas eram antigos, poucos e raros os volumes em espanhol ou inglês. “Como, se parece importante para a psicologia social (...) indicado na PUC.”

O estranhamento desta história transforma-se em curiosidade...

CAPÍTULO 1

PROCESSUALIDADE DA PESQUISA: FUNDAMENTOS

1. O PESQUISADOR NO CENTRO DA PESQUISA

Já no centro de pesquisa nos inteiramos das obras de Odair Sass (2004), *Crítica da Razão Solitária: A Psicologia Social Segundo George Herbert Mead*; Robert Farr (2002), *As Raízes da Psicologia Social Moderna*; Bazilli et al. (1998), *Interacionismo Simbólico e Teoria dos Papéis: Uma aproximação para a Psicologia Social*; além do clássico meadiano de (1972), *Mind, Self and Society: from the standpoint of a social behaviorist*, dentre outras, que por já circulavam abordando diretamente teoria e história de George Mead nas ciências sociais. O questionamento que a princípio apresentava-se pelo fato do não-reconhecimento teórico e pela pouca difusão da obra de Mead, começa a ser compreendido.

Às vezes, o espanto pode provocar a lucidez. A existência de autores que desenvolveram análises psicológicas de fôlego, entre outros os acima nomeados [Henri Wallon principalmente na educação, Lev Vygotsky e George Mead], e que permanecem nos escaninhos da academia, evidenciam o desprezo dos psicólogos, não pelo ‘antigo’, pelo ‘démodé’ ou, se preferir, pelo ‘clássico’, mas, lamentavelmente, pela história da ciência que juram produzir. (Sass, 2004, p. 22)

Compreendemos, então, que o problema do descaso teórico é atual, apesar de ter sido amenizado pelos trabalhos dos estudiosos da teoria meadiana citados anteriormente. Destacamos em especial a tese de doutoramento do professor Odair Sass que faz uma leitura crítica da teoria meadiana, tornando-a acessível em nossa língua.

Sass (2004, p. 287) informa que a princípio seu trabalho teria como objetivo dois movimentos: introduzir a psicologia social meadiana, e detalhar as principais contribuições de Mead para outras disciplinas como a Educação, Ciências Sociais,

Teoria da Comunicação, dentre outras; contudo, o segundo movimento demandaria uma análise em profundidade das obras dos autores que recorrem a Mead⁹.

Devido à parcialidade com que a teoria social meadiana era apresentada e as análises que existiam quanto aos nexos entre o pragmatismo e a psicologia social, Sass (2004) decidiu contemplar o primeiro movimento e suas consequências para a psicologia. No entanto, considera que a análise destas apropriações de Mead permanece como importante de ser realizada por quem considera relevante o estudo monográfico de base. “Análises mais incisivas e globais sobre as repercussões da obra de Mead sobre as ciências humanas e sociais permanecem ainda por ser realizadas.” (Sass, 2004, p. 285)¹⁰

Acreditamos faltar melhor entendimento das questões, até certo ponto objetivas, que fizeram com que Mead tenha sido esquecido, para posteriormente ser retomado após várias décadas. Somente trabalhando com a pesquisa histórica seríamos capazes de decifrar de certa forma esta lacuna temporal e em quais e por quais circunstâncias o filósofo e psicólogo social George Mead foi e continua sendo pouco difundido na literatura psicológica e, com maior gravidade, na Psicologia Social. Tentaremos atuar por estes dois flancos, pesquisando sua história, e analisando parte de sua contribuição para os atuais estudiosos da sociedade.

Ao considerarmos a obra de Mead como uma relevante contribuição à Psicologia Social, sendo que pelo menos no Brasil, não tem recebido a devida importância, haja visto poucos trabalhos na pós-graduação¹¹, e a quase inexistência nos cursos de graduação, estamos com o intuito de compreender as circunstâncias que apontam para esta condição visando uma reflexão consistente.

Nenhum dos grandes nomes do pragmatismo norte-americano da segunda metade do século XIX aos anos trinta do século XX teve sequer 2% de suas obras publicadas em português por editoras brasileiras; somados, não atingem 1% do que publicaram em vida. Em português, nenhum título de G. H. Mead. (Warde, p. 12, in Sass, 2004)

⁹ - Em (Sass, 2004), já encontramos os apontamentos destas apropriações por autores de diferentes áreas que recorrem à psicologia social de Mead.

¹⁰ - Objetivo desta pesquisa é acrescer conhecimentos sobre a história de Mead e iniciar este trabalho de análise das apropriações feitas por outros autores de sua teoria.

¹¹ - Pesquisas que de fato priorizem o trabalho de Mead, teórica e/ou historicamente.

O que se propõe é uma pesquisa teórica que, ao socializar Mead, nutre a expectativa de contribuir de alguma forma para a psicologia social e seus desdobramentos práticos futuros.

Os pontos que reitero permitem-me finalizar afirmando que a psicologia social meadiana encerra um modelo psicológico que pode contribuir substantivamente para o avanço da teoria social da psicologia e, por essa perspectiva, para as ciências sociais em geral; a menos, é claro, que George Herbert Mead e a sua obra permaneçam ainda esquecidos pelos psicólogos e à sombra da história da ciência. (Sass, 2004, p. 289)

Antes de continuar, para focalizar melhor o objetivo, faz-se necessário pensarmos a respeito da obra e relevância de nosso autor. Aspectos que sustentam a hipótese de importância e atualidade tanto de Mead, quanto desta dissertação, são encontrados em autores que posteriormente serão analisados.

Habermas (1988), recorrendo a Mead, recupera-o voltado para o futuro, como importante e atual autor para a elaboração de uma teoria crítica da sociedade.

No meu entender, a única tentativa promissora de apreender conceitualmente o conteúdo pleno do significado da individualização social encontra-se na psicologia social de G. H. Mead. Ele coloca a diferenciação da estrutura de papéis em contato com a formação da consciência e com a obtenção de autonomia de indivíduos que são socializados em situações cada vez mais diferenciadas. Em Hegel, a individuação depende da subjetivação crescente do espírito, ao passo que em Mead ela resulta da internalização das instâncias controladoras do comportamento, que de certo modo imigram de fora para dentro. (Habermas, 1988, p. 185)

Conforme Habermas, Hegel emprega o conceito “*totalidade individual*” para esclarecer por que a multiplicidade de determinações predicativas não esgota a essência da individualidade, o eterno vir a *ser*, porém, o sociólogo, sente falta de um conceito equivalente, para não confundir processos de individuação com processos

de diferenciação. Para ele, a psicologia social meadiana é a única a apreender o conceito da individualização social, a individuação do *si mesmo*.

Berger e Luckmann (1966), depois de criticarem os psicólogos sociais americanos por não incorporarem à psicologia social as contribuições das teorias macrossociológicas, concluem que:

A total ignorância da obra de Mead constitui um grave defeito teórico do pensamento social neomarxista na Europa, hoje em dia. Há uma considerável ironia no fato de ultimamente os teóricos neomarxistas estarem procurando uma ligação com a psicologia freudiana (fundamentalmente incompatível com as premissas antropológicas do marxismo), esquecendo completamente a existência da teoria de Mead sobre a dialética entre a sociedade e o indivíduo, que seria imensuravelmente mais compatível com sua própria abordagem. (p. 32)

Neste mesmo sentido, professor Ciampa, ministrando a disciplina, Psicologia Social e Realidade Brasileira, na pós-graduação em Psicologia Social pela PUC-SP, esteve na vanguarda, trabalhando com referências que apontavam para estas considerações. A bibliografia em questão é um caderno de estudos em psicologia social, de Joachim Israel do ano de 1972, onde se percebe:

Existe uma semelhança básica entre as imagens do Homem definidas por Marx e por George Herbert Mead. Mead preocupava-se bem mais do que Marx com os processos psicológicos e, assim, sua análise vai um pouco além da de Marx. Ele faz uma suposição básica, de tipo ontológico, a qual estabelece a base não só para uma abordagem relacional dialética, mas, também, para a abordagem subsequente. A suposição é a seguinte: “Um eu só surge onde existe um processo social dentro do qual este eu tenha se iniciado. Ele surge dentro desse processo.” (Mead, apud Israel, 1972, p. 26)

No centro de pesquisa é que tomamos conhecimento, ou o refinamos, e conseqüentemente aí a pesquisa se faz. A inquietude agora tem subsídios para tentar fazer uma pesquisa que contribua onde percebe que algo falta. É uma produção

intelectual como a de Mead, que evidencia problemas de ordem teórica para além do seu tempo e mesmo que, provisoriamente, sugira soluções para tais, ou mesmo reponha sob nova óptica velhos problemas, instigando-nos, faz por merecer em seu cerne a ampliação do conhecimento científico que o refere.

Ressaltamos que o interesse pela obra do autor cresceu proporcionalmente à medida que nos envolvemos e aprofundamos na pesquisa e no estudo da Psicologia Social.¹² Esta socialização científica está longe de ser vista como uma adaptação a um contexto ou ser um agrupamento de idéias, pois o ser humano, no caso o pesquisador, compreende e age neste mundo através de sua participação ativa na produção de sentido desse mundo, na produção de um sentido sobre o que é o seu próprio estar no mundo.

Aos poucos fomos interagindo com os núcleos de pesquisa do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUC-SP que trabalham direta ou indiretamente com a produção científica de Mead.¹³

Refazendo este percurso (2004, 2005) percebemos a importância de Mead para a psicologia social, mas também a falta de uma maior sistematização dos estudos relacionados à sua obra e principalmente à sua história. A este respeito destacamos que várias vezes corroboramos ser nosso autor referência básica para autores das diferentes áreas da teoria social que são referências constantes nos núcleos citados.

Percebendo a importância e atualidade da obra de George Mead para o trabalho de seus atuais interlocutores e interpretes (Habermas, Goffman, Blumer, Berger e Luckmann, Scheibe, Marx e Hillix, Ciampa, Sass, dentre outros), consideramos que, aliado à pesquisa histórica, deveríamos começar a compreender como é feita esta leitura da obra de Mead por alguns de seus estudiosos.

O que condiz com a história, já que ao investigarmos o trabalho de autores que se utilizam diretamente da teoria meadiana, conseqüentemente, novas

¹² - Esta pesquisa de base, aliada às orientações e as interações ocorridas no ambiente acadêmico com professores e colegas, ganha sua consistência neste processo sócio histórico.

¹³ - Dentre eles o Núcleo de Pesquisa em Identidade-Metamorfose, coordenado pelo professor Antônio da Costa Ciampa, o Núcleo de Psicologia Política e Movimentos Sociais, coordenado pelo professor Salvador A. M. Sandoval, além de termos presenciado aulas ministradas pela professora Mary Jane Spink, coordenadora do Núcleo de Práticas Discursivas e Produções de Sentido e do professor Raul Albino Pacheco Filho, coordenador do Núcleo Psicanálise e Sociedade que fizeram referências diretas à obra de George Mead, além claro das importantes considerações e obra do já mencionado professor Odair Sass coordenador do Núcleo de Psicologia e Tecnologia.

perspectivas e possibilidades tanto teóricas quanto históricas podem surgir. Dentre estes autores que trabalham com a teoria do Mead, dois em especial nos chamam atenção. Ao considerarmos que esta história pode ser reconstruída socialmente aproximamo-nos dos conceitos dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1966), então analisaremos como George Mead auxilia na construção de sua teoria. Habermas atrai principalmente, dentre outras coisas, por trabalhar entrelaçando os processos de individuação e socialização, analisando a simultaneidade entre estes processos, ambos possibilitados e estruturados pela linguagem, bastando isto para percebermos a dimensão da influência de Mead em seu trabalho. Queremos saber como Mead o auxilia em seu pensamento pós-metafísico.

Nossa análise da obra de Berger e Luckmann será feita através do estudo criterioso de seus dois trabalhos feitos em parceria, os livros intitulados, *A Construção Social da Realidade*, (1966) e *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno*, (1995).

Já com Jürgen Habermas, o mesmo tipo de pesquisa seria inviável pela quantidade e mesmo densidade de suas obras. Decidimos então pela análise do capítulo “Individuação através de socialização, Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead” em *Pensamento Pós-Metafísico: Estudos Filosóficos*, de (1988).

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Trabalhos reflexivos estão na origem da constituição da ciência psicológica como campo independente, mas não raro são ignorados. Por vezes, a caracterização da Psicologia como “ciência e profissão” ignora esse fato: de que a disciplina psicológica é antes e originalmente uma disciplina reflexiva, à qual apenas muito mais tardiamente se articulam programas de investigação científica e programas voltados à solução de problemas humanos (cf. Tourinho, Carvalho Neto & Neno, 2004, apud Tourinho, 2006)¹⁴. Uma consequência decorrente destas condições é a ausência, na área reflexivo-conceitual de sistematização das investigações, de

¹⁴ - A estrutura desta exposição ganhou forma com a leitura de um capítulo de Emanuel Tourinho, em tese apresentada à Universidade Federal do Pará em 2006.

programas amplos aos quais pesquisadores se dediquem de forma integrada fazendo com que essa produção tenha unidade metodológica. Porém, tudo isso não significa dizer que este tipo de produção científica possa realizar-se sem os devidos cuidados e preceitos de decisões de ordem metodológica. As que foram encaminhadas para esta pesquisa estão sumarizadas nestas considerações.

a) a definição do problema:

O trabalho a ser desenvolvido prioriza contribuir ou aperfeiçoar a compreensão de um autor/personagem da psicologia social. Em detrimento de possíveis temáticas e/ou áreas bem delimitadas da psicologia social, nos arriscamos em analisar e acrescer conhecimentos sobre George Herbert Mead e os desdobramentos de sua teoria psicossocial. O estudo pretende avançar em relação a sua história e demonstrar sua relevância para os trabalhos da Teoria Social.

À medida que esses estudos históricos e conceituais foram se desenvolvendo, “um conjunto de informações foram catalogadas e de algum modo incorporadas à interpretação, sendo posteriormente refinadas de acordo com nossos objetivos.” (Tourinho, 2006, p. 9) A partir de um acúmulo mais sistemático das informações foi se mostrando possível trabalhar em duas vertentes básicas: primeiro, o fato de que por meio destas informações históricas seria possível compreendermos a vida de Mead e momentos da constituição da psicologia à sua época, colocando em relevo aspectos centrais desta interlocução nem sempre identificados. A segunda decorre de uma incursão preliminar na literatura atual que perpassa por temáticas concernentes aos estudos de Mead. Acreditamos que à luz das informações produzidas por estas análises seria possível alargar a interpretação para os conceitos meadianos. Mais que uma razão, essa “suposição” passou a funcionar como a confirmação de uma hipótese de apropriação teórica de seus conceitos científicos. As dimensões históricas e conceituais em relação à vida e obra de George Mead foram então assumidas como ponto de partida e referência para a sistematização das informações produzidas nesta pesquisa.

b) a especificação das informações:

“Dois conjuntos de informações tornaram-se essenciais para que a análise pretendida pudesse ser desenvolvida.” (Tourinho, 2006, p. 10) De um lado, era

necessário buscar nos textos históricos, psicológicos, sociológicos e nas referências, informações que nos permitissem correlacionar a história de Mead com as questões sociais, políticas, científicas e estruturais de sua época, informações sobre o que se passava no plano das relações interpessoais ao tempo em que elaborava sua teoria, assim como suas conexões com práticas e valores culturais específicos deveriam ser contempladas. De outro, era necessário circunscrever os estudos atuais da teoria da sociedade que foram elaborados com a colaboração da teoria meadiana, dentro de nossas análises, para identificarmos possíveis apropriações dos conceitos de Mead.

c) a seleção das fontes:

O trabalho requereu o levantamento de dois conjuntos de produções, que poderiam prover as informações necessárias ao estudo: um primeiro conjunto de textos e bibliografias referia-se aos elementos que subsidiassem a análise histórica dos fatos; um segundo conjunto deveria corresponder a obras de autores atuais utilizadas por psicólogos sociais e que tenham em Mead um aporte de fundamentos científicos para a construção de suas teorias.

O primeiro conjunto de textos, com informações históricas, foi selecionado com base em dois critérios: a análise aproximada do período de vida de Mead (1863 a 1931), e a pesquisa em livros e manuais de história da psicologia e da psicologia social; foram também observados e folheados para esse primeiro conjunto, textos de áreas afins como os de sociologia, filosofia e educação, que traziam informações históricas relevantes para o problema focalizado.

O segundo conjunto de textos, com informações teóricas que apontariam para a apropriação da teoria social de Mead em obras atuais, foi selecionado com base em outros critérios: a utilização dos mesmos em programas de pós-graduação em psicologia social, em especial a PUC-SP, e o fato destes autores explicitarem a importância da teoria meadiana em suas elaborações. Nossa familiaridade prévia com os textos escolhidos também importou na identificação das possíveis fontes de informação, e a necessidade de delimitarmos as obras para a análise, também foi considerada.

d) o levantamento das informações:

Do material selecionado foram destacados trechos ilustrativos de temas relacionados ao problema descrito. Esse levantamento poderia ter sido feito ao longo

do exame de cada texto, mas efetivamente só aconteceu após uma apreciação geral da literatura que seria considerada. A partir disso, os trechos eram transcritos em arquivos que seriam depois aproveitados na construção das análises, como se vê nas tabelas às páginas 23, 63, 66 e 67.

e) o tratamento das informações:

Concordamos com Tourinho (2006), que como em outros campos científicos, em um trabalho teórico-conceitual a análise não se realiza somente após a coleta de informações. Este procedimento já se dá pautado por uma suposição acerca de cursos de análises possíveis, identificados desde a construção do problema de pesquisa e leitura preliminar de uma literatura. Ainda assim, pode-se dizer que há um momento em que claramente trata-se menos de colecionar informações e mais de a elas conferir uma determinada inteligibilidade de acordo com os propósitos estipulados.

Dois etapas principais sintetizam o processo analítico deste trabalho. Primeiro, a adoção de uma perspectiva histórica que possibilite compreensão ao emaranhado subjetivo que o cruzamento de uma vida e suas alternativas, com uma época e suas possibilidades, podem desencadear. Segundo, a constatação da utilização/apropriação da teoria social de George Mead, que, por vezes, a própria psicologia social insiste em não considerar.

Estes procedimentos descritos definem e limitam o alcance de contribuições desta dissertação. Pensadas desse modo, essas decisões revelam também o tipo de objetivos a serem alcançados: contribuir para a história da psicologia social ao elegermos como figura central da pesquisa um de seus pioneiros, e difundir os conceitos científicos meadianos tornando-os mais abrangentes para a psicologia social.

3. MÉTODOS PARA COMPREENSÃO HISTÓRICA

Tendo como base a análise de Wettsten (1975), assume-se que a história da psicologia não pode ser vista nem à maneira “indutivista”, nem à maneira “convencionalista” e que as alternativas mais comuns encontradas, a de se traçar à história de uma determinada perspectiva psicológica como a história da psicologia ou

a de se buscar a unificação das diferentes perspectivas para que se possa ter uma história da psicologia, não possibilitam compreender o caminho percorrido por esta disciplina. Ao contrário, para compreendê-lo é preciso não camuflar as divergências, os conflitos, os antagonismos, não camuflar a existência de diferentes psicologias, buscando nas suas histórias a história da psicologia. Esta perspectiva diante da história da psicologia, entretanto, para ser conseqüente, mais que o reconhecimento da diversidade, exige que se busque as raízes desta diversidade.

Robert Watson (1960) argumenta que as contribuições psicológicas encontram-se encravadas no contexto social do qual elas emergem. A psicologia sempre respondeu a uma lógica institucional interna, mas fundamentalmente a seu ambiente social. Concordamos com Antunes (1998) que a compreensão histórica da psicologia implica captá-la no bojo das relações que estabelece com o todo do qual faz parte, na dinâmica do movimento realizado no fluxo do tempo.

Considera-se que a psicologia, enquanto área de conhecimento, é uma produção histórica que expressa uma leitura da realidade, concretizada nas e pelas relações que estabelece com os fatores de natureza social, política, econômica, cultural e científica em geral (Antunes, p. 363, in Brozek, 1998)

Ao identificar algumas maneiras de construir a evidência historiográfica, Campos (1998) aponta duas possíveis e interessantes formas: Na abordagem biográfica, a vida e a obra de um autor são utilizadas como principal fonte de dados para a reconstrução dos acontecimentos. Essa perspectiva é especialmente interessante por permitir a combinação das abordagens internalista e externalista: ao descrever a evolução do pensamento do autor, a ênfase recai sobre o ponto de vista internalista; ao abordar as relações entre autor e comunidade ou a época, é possível observar a interação entre a atividade científica e o contexto social e cultural¹⁵.

No modo descritivo e analítico, descrevem-se detalhadamente os pressupostos e o conteúdo de determinada teoria, tal como proposta por seus indicadores, analisando-a se possível em comparação com abordagens alternativas. Lembramos que o estudo das controvérsias é particularmente importante na descrição do

¹⁵ - Esperamos conseguir esta interlocução no próximo capítulo.

desenvolvimento de uma ciência. Aproxima-se, assim, de Lakatos (1989) acerca dos programas de investigação rivais: a controvérsia é justamente o momento em que se revelam às explicações alternativas e as teorias em conflito, e nelas é possível avaliar em profundidade o argumento e a lógica de cada modelo¹⁶. Estas informações obtidas e refinadas nos conduzirão a um embate entre escolas, teorias e fundamentos, e também sobre a atividade de alguns grupos e instituições da psicologia.

Esta história que se pretende crítica é fundamental para compreendermos os diversos momentos pelos quais a psicologia passou, sem isolar fatos ou datas, mas interligando-os com os contextos sociais, econômicos e políticos, sem perder de vista a ideologia por trás de cada acontecimento, a que ou a quem se presta determinado método ou teoria. Tratando-se de uma pesquisa sobre George Mead, levar em consideração as condições sócio-históricas é essencial¹⁷.

O que se propõe é uma história que será permeada pela vida e obra de Mead, ressaltando os principais acontecimentos que influenciaram o desenvolvimento de sua teoria, os diálogos que estabeleceu com os intelectuais de sua época, as divergências que enfrentou e as dificuldades para construir a sua psicologia social a seu tempo. No entanto a complexidade histórica exige uma abordagem que dê conta não só dos aspectos parciais como os colocados até aqui. Julgamos importante que estes momentos ou trajetos da psicologia estejam situados no contexto em que se deram. Nesse sentido entendemos como Antunes (1998), que para a melhor compreensão da psicologia em sua historicidade teremos a exigência de integração de três diferentes, mas não mutuamente exclusivos, níveis de análise: (1) interno; (2) de fundamentação filosófica e (3) de contexto.

O nível interno de análise refere-se ao estudo da psicologia, ou mais propriamente de suas múltiplas manifestações particulares (em função de sua vasta e complexa constituição), abrangendo suas definições, conceitos, pressupostos, estrutura, métodos, coerência interna etc. Esses elementos, porém, não são isolados ou autônomos, mas fundamentados em bases epistemológicas que lhes dão

¹⁶ - Interessante analisarmos a Psicologia dominante na época, em relação às idéias e pressupostos meadianos.

¹⁷ - Essa ausência seria imperdoável ao pensarmos na importância dada pelo próprio autor para a influência da sociedade na constituição da subjetividade.

sustentação e são definidoras de sua conformação específica. Assim, o primeiro nível de análise não se esgota em si mesmo, mas se complementa e se radica nesse segundo plano analítico. A síntese, porém, só é possível após a integração com esse terceiro nível de análise, quando os elementos acima materializam-se no tempo e no espaço, no seio das relações engendradas na dinâmica social (Antunes, p. 372, in Brozek, 1998)

Desta forma, na combinação proposta através das três fases descritas acima, temos que a compreensão histórica da psicologia implica, portanto, a compreensão da trama de relações na qual ela se insere e desenvolve. Nesse sentido, faz-se necessário buscar o entendimento de suas múltiplas manifestações, abarcando as multideterminações das quais ela é produto e produtora. Tal perspectiva nos aponta para os fundamentos da abordagem social em história da psicologia, a qual consideramos a mais adequada para abarcar as estratégias propostas para esta pesquisa. Mesmo considerando a abordagem social em história a indicada para uma melhor compreensão dos acontecimentos, não exacerbamos suas possibilidades e mesmo devemos refletir que:

Concebendo a história como produção humana coletiva que se processa objetiva e dinamicamente no fluxo do tempo, cabe ao estudo histórico a compreensão e a explicitação do movimento e das relações travadas no interior da realidade que se busca conhecer. Deve-se, ainda, reconhecer que essa atividade é também dinâmica, sendo histórica e socialmente condicionada, o que a faz parcial e incompleta, donde decorre a necessidade constante de se estar fazendo e refazendo o conhecimento histórico; isso, entretanto não nega sua autonomia, ainda que relativa, e reafirma a possibilidade de sua objetivação. (Antunes, p. 371, in Brozek, 1998)

Esse modo abrangente e cauteloso de compreender a pesquisa histórica é bastante útil, pois explicita as bases metodológicas que permitem uma maneira de se fazer a análise histórica considerando às determinações que o movimento global da sociedade, em suas épocas, trazem à psicologia. Não se encontram as psicologias, seus produtores e reprodutores isolados no tempo e no espaço, e longe estão de

outrora propagada neutralidade, ou acima das idéias e práticas que permeiam a sociedade da qual fazem parte. Compreender essas relações é tarefa que se impõe à história da psicologia.

4. CONSTATAÇÃO DO DESCASO

Embora George Herbert Mead (1863–1931) tenha criado novas idéias e formulado uma série de novas noções que originaram uma vasta e original teoria, foi rejeitado pelos intelectuais de sua época, sendo pouco reconhecido no ambiente acadêmico. Segundo Farr (1996), sofreu o desdém dos seus contemporâneos, não tendo espaço para discutir publicamente suas premissas. Suas criações científicas não circulam livremente no círculo de estudiosos e pensadores, ficando restritas a alguns grupos minoritários da Universidade.

Frente a constatações deste tipo, consideramos imprescindível uma análise histórica que pudesse responder nossas indagações sobre a vida e a obra deste psicólogo social; mais que justificativa, essas questões foram o ponto de partida deste estudo.

Mead foi repudiado pelos positivistas na psicologia. “Ele não aparece como uma figura central (ou mesmo menos importante) nas histórias da psicologia social (Allport, 1954; Jones, 1985), ou nos manuais de psicologia social (Lindzey, 1954; Lindzey e Aronson, 1968-1969, 1985).” (Farr, 1996, p. 84)

Neste sentido, Farr (1996) aponta sua restrição a estes manuais, pois separam a história do pensamento (Allport, 1954) da história da pesquisa, basicamente de cunho experimental (Jones, 1985). A divisão de responsabilidades entre Allport e Jones com respeito a sua cobertura da história da psicologia social reflete na suspeita de uma análise mediada pela filosofia positivista de ciência. “Por que se preocupar com o estágio metafísico da especulação, como Comte o chamou, quando a nova era do positivismo e do progresso já nasceu?” (G.W. Allport, 1954, p. 3, apud Strey, 1998, p. 24)

Farr (1996) e Samelson, apud Farr, p. 34, divergem destes autores principalmente em relação à explicação dos fundamentos da psicologia social moderna. Ambos consideram que ao ser publicada pela primeira vez (Allport, 1954),

a obra, *The historical background of social psychology, Handbook of Social Psychology*, apresentou uma contribuição valiosa para o conhecimento. É menos valiosa agora, cinquenta anos depois, sendo que suas reedições (Allport, 1968, 1985) apresentam apenas revisões ou emendas sem importância. Isso contribuiu para a dicotomia entre o social e o individual que esteve presente na psicologia social até pouco tempo.

A orientação comportamental na psicologia social norte-americana pode ser compreendida nas fala de F. H. Allport (1924):

Não há nenhuma psicologia de grupos que não seja essencial e totalmente uma psicologia de indivíduos. A psicologia social não deve ser apresentada como em contraposição à psicologia dos indivíduos, ela é uma parte da psicologia do indivíduo, cujo comportamento ela estuda com relação àquela parte do ambiente que compreende seus semelhantes. Da mesma forma, não existe consciência que não seja a dos indivíduos. A psicologia, em todas suas ramificações, é uma ciência do indivíduo. (apud Farr, 1996, p. 138)

A psicologia americana do início do século XX parece apresentar uma característica marcante: ao mesmo tempo em que enfrenta a discussão sobre sua autonomia (Smith, 1981; Leary 1980; apud Campos, 1996), já o faz refletindo a diversidade (Smith, 1981, apud Andery, 1998 p.16) e, dentro desta diversidade, indicando o caminho que seria hegemônico até meados do século XX, e que é exatamente o caminho proposto por uma teoria: o behaviorismo (Leary, 1980; Sexton, 1978).

O positivismo é uma força importante tanto dentro como sobre a história da psicologia social. É dentro desta característica mais geral que as demais teorias deverão ser compreendidas: o desenvolvimento do que se poderia chamar de uma psicologia efetivamente norte-americana, em seus vários aspectos – na formação de psicólogos, nas alterações institucionais, na elaboração e difusão de um modelo de pesquisa peculiar (Danziger, 1986); a dicotomização entre ciência pura – ciência aplicada; a positivização da psicologia.

É fácil menosprezar a importância do empreendimento de George Mead:

Mead formulou sua psicologia social numa época em que a psicologia tinha se tornado uma ciência experimental (na Alemanha, nos últimos 25 anos do século dezenove), e antes que a psicologia social se tivesse tornado uma ciência experimental (Jones, 1985), nos Estados Unidos, na segunda metade do século vinte. (Farr, 1996 p. 82)

Em Schultz & Schultz (1994) a estruturação do livro nos dá também uma pista da influência positivista. As idéias são apresentadas de forma linear, seqüencial e progressiva “facilitando” a definição do objeto, dos métodos e os objetivos da ciência psicológica. Mead também está de fora desta obra. “Desde o começo formal do campo (1879), a Psicologia tem sido definida de várias maneiras, à medida que novas idéias conseguem o apoio de grande número de seguidores e passam, por algum tempo, a dominar a área.” (1994 p. 5)

Sass (2004), após criticar o desprezo que existe pela história da psicologia, cita como exemplo o livro de Marx e Hillix (1976) sobre os sistemas e teorias em psicologia, um dos mais utilizados como referência, constando também a referida omissão. Entendemos que os trabalhos destes autores alcançam os objetivos aos quais se propuseram. Mais que isso, também são referências teóricas e históricas. O problema é que, ao se buscar uma compreensão global da psicologia através de uma perspectiva seqüencial no tempo, escolas de pensamento, teorias e autores são preteridos em detrimento de outros. Qual é o parâmetro e quem faz esta análise: uma história?

Conforme Souza (1998) nos mostra, a história da Psicologia Social “reduzida” a determinados autores ou idéias, sem considerar o contexto sócio-cultural, externalista, acaba por privilegiar uma determinada filosofia da ciência, a saber, o positivismo, estabelecendo um recorte grosseiro na construção e desenvolvimento do conhecimento da Psicologia Social.

Parece haver compatibilidade de princípios entre o programa do positivismo lógico para a ciência e o programa do behaviorismo para a psicologia. Para Smith (1981), esta compatibilidade faz com que o behaviorismo – recorra ao positivismo

lógico para se fundamentar, e faz também com que o positivismo lógico busque no behaviorismo algumas respostas para as questões que enfrenta.

Segundo Stegmuller (in Brozek, 1998, p. 307), dentro da perspectiva do Círculo de Viena, ou pelo menos de um de seus mais marcantes pensadores – Carnap, “o behaviorismo não é uma possível maneira de se fazer psicologia, mas é a única forma possível”. Como o behaviorismo¹⁸ não é mais o viés dominante, acreditamos ser mais fácil agora, aos historiadores, tentarem ser “objetivos” acerca de sua importância histórica.

Pensamos com Farr (1996) que escrever história seja uma empresa coletiva e cooperativa. Explicitamos que nossa intenção ao retomarmos a constituição da psicologia social, tendo Mead como referência, é contribuir de alguma forma em sua permanente (re) construção. Como o próprio Farr¹⁹ (1996) comenta, no momento atual, não há pessoas suficientes trabalhando neste campo de forma a gerar a espécie de infra-estrutura que é necessária para que se escreva uma boa história.

Percebendo as contingências históricas que precipitaram na negligência em relação a Mead, decidimos analisar livros e manuais de Psicologia e de História da Psicologia; nossa suspeita seria a corroboração desta hipótese de descaso, que se confirmou com a pouquíssima menção a Mead nestes materiais de caráter histórico.

Na tabela²⁰ que se segue, essas ausências significativas, relativas à teoria meadiana:

¹⁸ - Devemos mencionar que quando estamos falando do behaviorismo, nos referimos aos estudos do final do século XIX e início do século XX.

¹⁹ - Interessante refletirmos, um inglês, Robert Farr, discutindo a psicologia americana, citando autores americanos, compatriotas de Mead, e que não o destacam como sujeito de importância para a história da Psicologia Social.

²⁰ - Esta análise realizada na biblioteca da PUC-SP esquadrinhou livros e manuais referentes aos seguintes termos processados na busca informatizada: História da Psicologia; Psicologia Social; História da Psicologia Social; Manual de Psicologia; Manual de Psicologia Social. Ao todo encontramos e separamos para análise 28 obras; 19 compõem a tabela; 05 citam Mead uma única vez, seja em referências, rodapés ou em citação; 04 citam-no mais vezes e com certa propriedade; estas obras são as seguintes: *A Psicologia Moderna*, (Klinberg, 1953); *Ensinos Básicos dos Grandes Psicólogos*, (Sargent e Stafford, 1965); *Psicologia Social*, (Young, 1974) e *Social Psychology: individuals, groups, societies*, (McDavid, 1968).

Tabela 1- Constatação do descaso histórico da psicologia em relação a G. H. Mead

Título	Autor (es) e tradutor (quando a versão lida era uma tradução)	Local, ano de publicação, e número de páginas	Intertítulo (s) onde Mead poderia/deveria ser mencionado e não foi.
Elementos de Psicologia	David K. e Richard S. Tradução de Dante Moreira Leite	Universidade Califórnia, 1974, 416 p.	“O indivíduo na sociedade”
Elementos de Psicologia	Iva W. Bonow.	São Paulo, 1964, 108 p.	“Psicologia Social”
Iniciação à Psicologia	Larry S. Skurnik Tradução de Deny Felix Fonseca	Universidade de Bristol, 1967, 125 p.	“Referências em Psicologia Social”
Iniciação à Psicologia	Margareto; Edward S. Marks Tradução de Octávio Mendes Cajado	São Paulo, 1967, 126 p.	Idem
Introdução à Psicologia	Rita Atkinson, Richard Atkinson. Tradução de Daniel Bueno	Universidade da Califórnia, 2002, 790 p.	“Pensamento e linguagem”; “Personalidade e individualidade”; “Interação e influência social”
Introduction to Psychology	Ernest R. Hilgard	Stanford University, 1953, 640 p.	“Individuality and personality”; “Social Psychology”; “Psychology and Society”
Introductory Psychology	Douglas R. Price	London, 1958, 203 p.	“Communication, social effects”; “Personality, social aspects”
Manual de Psicologia	C. J. Adock Tradução de Octávio Alves Velho	Universidade de Victoria, 1965, 650 p.	“O Eu”; “O corpo e o self”; “Aspiração do self”; “Consciência versus sociedade”
Manual de Psicologia	Jean Delay, Pierre Pichot Version espanhola de Leopoldo Monserrat Valle	Barcelona, 1969, 412 p.	“ Estudio de los grupos desde el punto de vista de los miembros que los constituyen”; “La imitacion”; “Los grupos y la psicología social”

Continua...

Tabela 1 - *Continuação*

Título	Autor (es) e tradutor (quando a versão lida era uma tradução)	Local, ano de publicação, e número de páginas	Intertítulo (s) onde Mead poderia/deveria ser mencionado e não foi.
Manual de Psicologia	David Katz	Madrid, 1954, 288 p.	“Psicologia social de los animales y su significacion para a la pso”
O que é Psicologia	Richard H. Henneman Tradução de José F. Bitencourt Lomanaco	Universidade de Virginia, 1974, 125 p.	“As escolas de Psicologia do séc. XX”; “Psicologia Social”
Princípios de Psicologia	Fred S. Keller Tradução de Carolina M. Bori e Rodolpho Azzi	Universidade de Columbia, 1968, 451 p.	“Comportamento social”; “Comportamento social em animais”; “Exemplos de análises de interação social”
Psicologia	A. Smirnov, A. N. Leontiev Tradução de Florêncio Villa Landa	México, 1960, 571 p.	“El lenguaje”; “Desarrollo de los hábitos em los niños”
Psicologia	Gardner Lindzey; Richard Thompson Tradução de Elizier Schneider	Universidade de Harvard, 1977, 754 p.	“Linguagem”; “grupos e interação social”
Psicologia	Geraldina P. Witter	Campinas, 2002, 255 p.	“Levantamento do desempenho verbal em situação de brinquedo”
Psicologia	Harry F. Harlon, Richard Thompson	Universidade da Califórnia, 1978, 575 p.	“Homem: um animal social”; “Socialização”
Psicologia	Karen Huffman, Mark Vernoy Tradução de Maria Emilia Yamamoto	São Paulo, 2003, 814 p.	“Consciência”; “Pensamento, linguagem e inteligência”; “Psicologia Social”; “Nossas ações em relação ao outro” ; “Influencia social”; “Processo de grupo”

Continua...

Tabela 1 - *Continuação*

Título	Autor (es) e tradutor (quando a versão lida era uma tradução)	Local, ano de publicação, e número de páginas	Intertítulo (s) onde Mead poderia/deveria ser mencionado e não foi.
Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia	Ana M. B. Bock, Odair Furtado, Maria L. T. Teixeira	São Paulo, 2002, 368 p.	“O enfoque interacionista no desenvolvimento humano”; “Críticas à Psicologia Social”; “Identidade”; “A construção social da realidade”; “Instituições, organizações e grupos”; “Problemas da escola”; “A aquisição da linguagem”
Psychology: a dynamic science	Kurt S., Philip M Groves	University of Colorado, 1976, 770 p.	“Personality and social development”; “Psychology and social issues”

Depois de esperada constatação do descaso histórico em relação a Mead, o fato que deve ser sublinhado e que nos chama a atenção, é a não participação da teoria meadiana em assuntos em que foi o/ou um dos pioneiros: interação e influência social; individuality and personality; consciência versus sociedade; comportamento social em animais; interação social; socialização; identidade, dentre outros. A consequência direta da negligência histórica em relação ao Mead é a inviabilidade de sua contribuição teórica.

Henle (in Brozek, 1998) posiciona-se criticamente em relação à história considerando que :

A história nos permite a distância necessária para solucionar problemas. O exame crítico das suposições implícitas de nossos predecessores é muito mais fácil que o exame de nossas próprias suposições. Assim, a história pode nos ajudar, pelo menos, a começar a nos libertarmos de nossas próprias limitações e cegueira. Se não encontramos uma perspectiva mais abrangente – e onde senão na história poderíamos procurar por orientação? - teremos não só um ponto de vista unilateral e estrito daquele que é nosso assunto, mas

na verdade teremos uma visão equivocada. A história pode nos ajudar a ‘ver onde nos encontramos na psicologia, e se gostamos de estar ali. (p. 37)

Acrescentamos que negligenciar a história não significa escapar de sua influência. Nossa intenção além da consequente denúncia deste descaso histórico em relação à obra e à história de Mead, é a possibilidade de socializar estas questões²¹.

²¹ - Quando alguém procurar por G. H. Mead nos terminais da biblioteca da PUC-SP este trabalho constará ao pequeno grupo de referências que trabalham com George Mead.

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA E CONCEITOS DE GEORGE HERBERT MEAD: POSSIBILIDADES

O corrente capítulo aborda a vida e a obra de George Herbert Mead (1863 – 1931), destacando os principais acontecimentos que influenciaram o desenvolvimento de sua teoria: o contexto social, político e econômico, os diálogos que estabeleceu com os intelectuais de sua época, as divergências que enfrentou e as dificuldades para construir a sua proposta de uma nova psicologia social.

Mead elaborou um programa para a produção de um conhecimento científico que possibilitasse o surgimento de uma nova perspectiva em psicologia social, ao mesmo tempo, que se debruçava sobre reflexões filosóficas. Transitava constantemente entre a filosofia e a ciência, procurando aproximar os sistemas de pensamento que tradicionalmente mantinham-se separados possuindo distintos objetos de análise. Abordou questões complexas tradicionalmente restritas ora ao campo filosófico, ora ao campo científico. Exemplo dessa aproximação foi o constante interesse de Mead pela relação entre a consciência individual e os influxos sociais.

Mead desenvolveu múltiplos conceitos a fim de assegurar uma melhor compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade. A constituição do *self* e o processo de interação social são importantes aspectos desta temática abordados pelo autor; a linguagem e os objetos físicos do mundo material também se tornaram elementos centrais no processo de formação da persona humana e de construção das identidades sociais. O conceito do outro generalizado que propicia a produção do *self*, à medida que instaura a reflexão resultante da internalização pelo indivíduo de um reflexo da(s) atitude(s) do(s) outro(s), o que garantirá sua inserção na comunidade, também é desenvolvido por Mead.

Mead (1932) defendendo, em sua filosofia da história, que o passado é sempre reconstruído pela perspectiva do presente, autoriza-nos a tentarmos, pela história, estudá-lo, (re) interpretá-lo e analisá-lo, mesmo dentro da conjuntura atual, na qual se encontram o pesquisador, a psicologia social e as questões concernentes à

modernidade. Os tempos certamente são outros, mas concordamos com Sass (2004) que a necessidade de voltarmos aos clássicos²², percebendo suas contribuições para a estruturação de uma nova psicologia que se pretende social e crítica, tendo como meta a transformação de indivíduos em sujeitos autônomos, não pode desconsiderar a história de um psicólogo social radicalmente democrático.

Sass (2004) comenta que, no final da década de 1970, a Psicologia Social passou por um processo de radicalização ao abandonar os conhecimentos até então produzidos, a princípio comprometidos com uma concepção ideológica do liberalismo, considerando o indivíduo de forma a-histórica, a-social, não levando em consideração as contribuições de Marx e dos marxistas para uma reformulação. Esta proposição tinha como objetivo “purificar” a psicologia, construir uma “psicologia crítica” diferenciando-a da então existente. Porém trouxe benefícios para a psicologia sobre um outro aspecto.

Essa radicalidade desempenhou um papel bastante produtivo, não porque os autores estudados e as obras lidas contivessem em si mesmos a procurada teoria psicológica crítica, mas porque nos sugeriam: 1) haver uma efetiva importância da psicologia social do campo das Ciências sociais e 2) entender a dimensão psicológica do ponto de vista da história dos homens. (Sass 2004, p. 21, 22)

Após o abandono houve um criterioso retorno, sem o fetiche de se enveredar por modismos, sabendo com mais clareza das determinações históricas que influenciam o indivíduo e a sociedade. Este retorno incidiu obrigatoriamente em produções científicas que auxiliam, sendo referências para a elaboração de uma nova psicologia social.

Acreditamos na necessidade e eficácia desta (re) volta devido a dois principais motivos: 1) continuar a reflexão da necessidade deste movimento e 2) apropriarmos definitivamente da teoria meadiana, incorporando-a à história da psicologia social, já que, ao menos no Brasil, ainda não recebe a devida importância, visto não termos sequer um título de G. H. Mead em português.

²² - Acreditamos ser esta a idéia de Sass (2004), ao citar Guimarães Rosa no início de sua obra: “O grande movimento é o da volta”.

1. OUTROS SIGNIFICANTES: FAMÍLIA, AMIGOS, PRIMEIROS ESTUDOS E TRABALHOS

Mead nasce no dia 27 de fevereiro de 1863 em New England, em uma família de um clérigo protestante, ministro em South Hadley, Massachusetts; era o segundo filho de Hiram Mead com a professora Elisabeth Storrs Billings.

Seu pai, professor de homilética (arte de pregar sermões religiosos) é designado a exercer sua função em New Hampshire, mudando-se com a família em 1867. Dois anos depois ingressa na Faculdade de Oberlin onde permanece lecionando até sua morte em 1881.

A Faculdade de Oberlin era, por um lado, bem conhecida pela ortodoxia religiosa e um estreito pensamento dogmático; no outro, distingue-se por uma ênfase extraordinária nas obrigações sociais implícitas vivendo como Cristãos e por um compromisso completamente radical pela emancipação de negros e mulheres. (Joas, 1997, p. 15)²³

Coincidente à entrada das ciências naturais no ensino superior americano, predominantemente dominado pela igreja, Mead estuda na Faculdade de Oberlin. De imediato aparecem os primeiros conflitos com as reivindicações dogmáticas religiosas em prover uma explicação do mundo. Conseqüência deste conflito é a aproximação de Mead da teoria da evolução de Darwin, como prova irrefutável do caráter meramente mitológico da doutrina Cristã da criação do mundo. Ainda jovem, Mead se afasta das concepções determinísticas do mundo e se aproxima da visão científica que lhe sugeria a idéia de um darwinismo aplicado à Sociedade. Por outro lado, incomodava-lhe pensar de que forma poderiam ser conservados os valores de uma vida digna que fosse socialmente comprometida, sem os dogmas e fora dos limites estreitos do modo de vida puritano.

²³ - Quando citarmos a obra de Joas (1997), a tradução que segue será de responsabilidade nossa. O livro foi publicado originalmente na Alemanha em 1980. A edição por nós utilizada é a da primeira edição do MIT, datada do ano de 1997.

Esse período da vida de Mead é caracterizado por um interesse em encontrar a sua própria identidade desenfreada através de preceitos morais, um interesse que o conduziu à literatura e à psicologia, por uma compreensão semelhante à dos filósofos esclarecidos, e pela fé nos efeitos libertadores dos métodos científicos. (Joas²⁴, 1997, p. 15-16)

É o próprio Mead que na primavera de 1882 define o momento como o despertar de um “sono dogmático”, e ensaia seus primeiros esforços independentes no reino da filosofia. “Contra a estreiteza e a insipidez da filosofia escocesa estabelecida da intuição, ele coloca suas esperanças no idealismo alemão de Kant e nos pós-kantianos.” (p. 16)

Após a morte do pai, Mead teve que começar a pagar com seu trabalho os estudos em Oberlin. Trabalhou como professor de escola secundária, mas logo foi dispensado por problemas disciplinares, terminando seu vínculo trabalhista e seu primeiro ciclo universitário na instituição em 1883. “Sobre sua formação intelectual Mead disse certa feita que levou vinte anos para desaprender o que lhe haviam ensinado em seus primeiros vinte anos.” (Sass, 2004, p. 18)

Nos anos seguintes passou a trabalhar como agrimensor em construção de ferrovias para diferentes companhias ferroviárias. Esta experiência técnica solidificou seu interesse pelas ciências naturais, apesar de não lhe agradar. “Ele lamentou sua inabilidade para embarcar em uma carreira burguesa e se tornar um animal de fazer dinheiro²⁵.” (Joas, 1997, p. 16) Nesta mesma época mantém contatos por cartas com seu amigo de faculdade dos tempos do Oberlin College, Henry Castle, e em 1884 lhe escreve dizendo que, se pudesse, tornar-se-ia um pastor.

²⁴ - “O melhor estudo do desenvolvimento do pensamento de Mead, e certamente o mais detalhado, pode ser encontrado em Joas (1980), porque se baseia em uma extensa pesquisa em arquivos, e em uma detalhada análise lingüística de vários textos. Mais importante ainda, ele é uma interpretação do desenvolvimento de seu pensamento e não apenas uma lista de fatos importantes. Sendo uma exegese européia, e não norte-americana, da obra de Mead, ela presta justiça integral ao papel do idealismo alemão no desenvolvimento do pensamento de Mead, especialmente nos primeiros anos. Ela contém também, uma exposição inigualável do desenvolvimento do pensamento político de Mead (ver capítulo 2, ‘O desenvolvimento de um intelectual radicalmente democrático: George Herbert Mead, 1863-1931’, p. 15-32 in Joas, 1985).” (Farr, 1996, p. 89)

²⁵ - Mead’s letter to Henry Castle, 16 March, 1884.

A perda de fé no Cristianismo convergia com a perda de toda certeza de um significado metafísico da existência do mundo e do homem. O sentimento de que a vida é absurda provocou uma crise existencial longa e duradoura em Mead, deixando-o sem orientação tanto para a escolha de uma nova profissão como de metas pessoais.

Quando pensava em exercer o ensino da filosofia nas escolas, esbarrava no problema do controle clerical dentro das melhores instituições de ensino e pesquisa do país.

No conselho de seu amigo mais íntimo, e guiados ambos pelo desejo de achar significância e um sentido ativo e socialmente útil, Mead decidiu entrar num estudo de graduação na Universidade de Harvard em 1887, apesar de todos os riscos financeiros auxiliares.²⁶ (Joas, 1977, p. 16)

Mead escolheu Harvard pela proximidade da Johns Hopkins University, considerada a melhor universidade gratuita dos Estados Unidos naquela época, mas principalmente por causa de um homem com quem Mead interagirá durante toda a vida, tendo-lhe a maior admiração e apreço por sua excelência como professor acadêmico.

Este homem era o neocristão-hegeliano Josiah Royce, responsável pela visão de Mead do idealismo alemão, transmitindo-lhe o modelo básico de uma filosofia da história que interpretou o reino de Deus como a realização histórica de uma comunidade de todos os seres humanos provocado por comunicação universal.²⁷ (p. 17)

Nos anos em que estivera afastado das universidades, Mead havia se aprofundado nos estudos sobre Kant, tendo-o assumido como a mais importante via para combater o dogma teológico e reivindicar o postulado de liberdade moral.

²⁶ - Tradução nossa: "On the advice of his closet friend, and guided both by his desire to find meaning and by his longing to be active and socially useful, Mead decided to enter upon graduate study at Harvard University in 1887, in spite of all the attendant financial risks."

²⁷ - Idem: "This man was the Christian neoHegelian Josiah Royce, who became important particularly for Mead's view of German idealism, and who transmitted to him the basic model of a philosophy of history that interpreted the kingdom of God as the historical realization of a communication."

Devido à dificuldade com a língua alemã, segundo Joas (1997), Mead não acompanha o seminário de Royce sobre Kant. Porém se matricula em cursos ministrados por ele sobre Spinoza e Spencer, e em ética ministrada pelo professor Palmer, onde sua tese intitulada “Que tanto a partilha tem motivo no mundo objetivo?” é aceita. Muitas fontes indicam a admiração e a influência exercida em Mead por Royce. Para Mead, ele o libertou para o pensamento, para a reflexão.

O conhecimento de Mead acerca de Hegel deve-se principalmente ao fato de ter sido aluno de Josiah Royce, filósofo americano que desempenhou importante papel na elaboração da vertente americana do neohegelianismo e na divulgação de Hegel na América, em fins do século XIX, e menos pelo fato de Mead ter completado sua formação na Alemanha, onde priorizou seus estudos de psicologia, em especial a de Wundt. (Sass, 2004, p. 73)

Estas bases filosóficas apresentadas por Royce despertaram em Mead um claro descontentamento com o tratamento meramente especulativo e o distanciamento que a filosofia e a ciência mantinham dos problemas sociais, que não lhe possibilitavam uma melhor compreensão e interpretação sobre a vida e a cultura americana. Hegel com sua filosofia dialética exerce notável influência com a proposta de não dirigir suas preocupações a aspectos específicos da vida humana, suas origens ou inserção no mundo. “Seu sistema revela preocupação mais ampla, voltada ao direito, à história, à política, enquanto âmbitos diversos da realização do homem em seu mundo, esta sim o foco primordial.” (Andery, 2004, p. 365).

Em 1888 Mead toma a decisão de se especializar em psicologia fisiológica e não mais em filosofia.

A decisão dele estava por um lado incentivada pela perspicácia que só a pesquisa empírica poderia conduzir além da mera elucidação de conceitos do novo conhecimento. Havia, porém, também um segundo motivo. Mead pensou que no campo da psicologia fisiológica seria possível procurar suas idéias e interesses sem entrar continuamente em conflito com as igrejas Cristãs que ainda quase totalmente controlavam

as universidades, financeiramente e também ideologicamente, que poderiam impedir sua pesquisa científica²⁸. (Joas, 1997, p. 17)

Assim, a psicologia fisiológica era, para ele, um meio consciente escolhido para disfarçar suas idéias filosoficamente rebeldes, além da vantagem de poder colocá-las à prova.

A Alemanha era o centro da pesquisa fisiológica e do desenvolvimento da psicologia experimental, principalmente em Leipzig onde o primeiro laboratório de psicologia havia sido criado por Wilhelm Wundt. Mead estudou na Universidade de Leipzig em 1888/89, mas continuava com dificuldades em relação à língua alemã. Por isto, seus planos de estudo mudaram, e mais uma vez, voltou-se para os estudos filosóficos matriculando-se no curso de Wundt: “Fundamentos de metafísica”, e nos cursos oferecidos por Heinze “A História mais recente da filosofia moderna” e de Rudolf Seydel “A Relação da Filosofia alemã ate o Cristianismo desde Kant²⁹”.

Farr (1996) considera que muito dos estudiosos de Mead não compreenderam bem sua relação com Wundt. Cita o exemplo de Morris, que esquece de mencionar que Mead estudou em Leipzig. Farr (1996) demonstra que Miller (1973), em sua biografia, pensa que Mead foi influenciado pela psicologia fisiológica de Wundt. Ele certamente o foi, mas Mead foi extremamente crítico a respeito dela, pois a concepção de mente subjacente à ciência experimental de Wundt era essencialmente cartesiana. Ele foi fortemente influenciado pela *Volkerpsychologie* de Wundt, inclusive fazendo a análise dos quatro primeiros volumes de sua *Psychological Review* entre 1904 e 1906, revista científica dirigida por Wundt.

Depois de um semestre em Leipzig, Mead se transfere para Berlim, centro com maiores possibilidades para a atividade filosófica. “Como mostram os registros de inscrições nos arquivos da Universidade de Berlim, Mead se tornou um estudante de Dilthey, Ebbinghaus, Paulsen e Schmoller.” (Joas, 1997, p. 18)³⁰ Este fato é de crucial importância para compreendermos as raízes da intelectualidade de Mead, pois

²⁸ - In a letter to his parents from Leipzig, dated 3 February, 1889.

²⁹ - Informações recolhidas por Joas na universidade de Leipzig confirmam que, como frequentemente foi suspeitado, o próprio Mead compareceu às conferências de Wundt, na realidade, não em psicologia, mas muito em filosofia.

³⁰ - In a communication of 2 April, 1975, the director of the Archives of the Humboldt University Berlim informed me that Mead was registered in the Philosophical Faculty of the University of Berlim from 2 April, 1889, to 24 October, 1891.

através destes professores foi alertado para um conflito que logo viria à tona gerando uma famosa controvérsia, entre uma ‘psicologia explicatória’ orientada às ciências naturais, empregando procedimentos reducionistas, tendo Ebbinghaus como representante, e a ‘psicologia descritiva’ que usa métodos interpretativos das ciências humanísticas, representado por Dilthey.

As preocupações de Mead não o colocaram em acordo pleno com nenhum dos lados. Este debate resultaria na separação entre o fenomenológico e a psicologia experimental.

Segundo Joas (1997), Mead sob a orientação de Dilthey empreende-se na elaboração de uma dissertação que procura compreender o conceito empírico de espaço. Como testemunham cartas, nesta pesquisa Mead pretendeu superar Kant em vários aspectos. Diferentemente de Kant, Mead não entende o espaço como uma forma de intuição, mas sim como um produto construcional da cooperação de mão e olho, tato e visão. Assim, procurava escapar do fenomenalismo de Kant, além de abrir e precisar as condições prévias corpóreas de percepção de espaço, utilizando a pesquisa psicológica empírica.

Mead acreditou que a resposta para a pergunta da relação de seres humanos com a natureza pode ser encontrada na própria natureza, mas não através de limitações, e sim pela radicalização dos problemas de constituição do self, considerando-os no conjunto de características intrínsecas, fundamentais da espécie humana. Então, deste ponto de vista, a universalidade cognitiva não está mais garantida pelo dom orgânico comum de todos os seres humanos; é mais uma tarefa que deve ser levada a cabo de uma maneira ativa e construída socialmente.

“Os *insights* de Mead são sugestivos de temas filosóficos que ele não pôde desenvolver neste momento pela falta das ferramentas conceituais apropriadas, mas isso o ocuparia ao longo de sua vida.” (Joas, 1997, p. 19) A própria dissertação ambiciosamente concebida nunca foi escrita.

Provavelmente Dilthey influenciou Mead a se interessar por outra área de pesquisa, o tratamento psicológico de perguntas éticas. Dilthey tentava estas aproximações em famosas conferências ministradas sobre ética, presenciadas por Mead. “Nesta época Mead afirma que a psicologia do desenvolvimento moral inicial

da criança era então o mais importante de todos os campos de pesquisa³¹, planejando publicar nos Estados Unidos um volume de traduções de artigos neste assunto.” (Joas, 1997, p. 19)

Além destas influências, havia outra experiência que o marcaria em seus tempos de Berlim: sua impressão do movimento alemão social-democrático trabalhista.

As bases complementares da confiança de Mead são, por um lado, a convicção de que as reformas sociais dos E.U.A. ou, como Mead inequivocamente escreveu durante este período, o socialismo, teria que começar ao nível local por causa da fraqueza do governo central e, por outro lado, a organização local eficiente e os prospectos favoráveis do Partido Democrático Social em políticas locais que ele observou na Alemanha. Mead acreditou que, após seu retorno para os E.U.A., seria capaz de contribuir aos esforços de dar uma forma racional à sociedade americana³². (p. 20)

Seu socialismo chegava a ser influenciado pelos ideais do “Cristianismo Royciano”, e pela esperança de que pudesse alcançar a realização prática desses ideais na vida cotidiana através de sua atividade como intelectual “reformista”.

Em 1891 Mead recebeu uma oferta de trabalho feita pela Universidade de Michigan, para o cargo de professor do Departamento de Filosofia, convite efetivado por John Dewey. Assim, deixa Berlim precipitadamente, mas não antes de se casar com Henle Castle, irmã do amigo Henry que havia falecido em um acidente de carruagem no começo daquele ano. Esse retorno rápido a seu país implica o abandono do doutorado que fazia em Berlim.

³¹ - Mead's letter to Henry Castle, 24 October, 1891.

³² - Tradução nossa: “The complementary bases of Mead's confidence are, on the one hand, the conviction that in the USA social reforms, or, as Mead unequivocally wrote during this period, socialism, would have to begin at the local level because of the weakness of the central government, and on the other hand the efficient local organization and the favorable prospects of the Social Democratic Party in local politics which he observed in Germany. Mead believed that after his return to the USA he would be able to contribute to the efforts to give a rational form to American society.”

1.2 ATIVIDADES PROFISSIONAIS: COMPROMISSO COM O CONHECIMENTO

Após o regresso da Europa, sua nova posição, instrutor de psicologia, o fez dar cursos em psicologia fisiológica, história da filosofia, sobre Kant, e a teoria da evolução³³. É nesta época que pela primeira vez Mead tenta tirar da teoria da evolução suas implicações para a psicologia e fazer da relação entre um organismo e seu ambiente o modelo básico para a pesquisa psicológica. “Era adepto da Teoria da Evolução proposta por Darwin; em função de seu vasto conhecimento acerca do evolucionismo, compreendia de forma profunda e detalhada a Psicologia Comparativa que sofreu fortes influências de Darwin e Wundt.” (Farr, 1996, p. 80)

Mead se interessou pela pesquisa experimental por problemas de atenção e sobre a relação entre percepção de pressão e percepção de temperatura, porém não queria fazer uma pesquisa fortuita e expressou por várias vezes sua preocupação e necessidade de buscar uma clarificação teórica fundamental para seu ponto de vista sobre questões sociais. Procurou por esta clarificação através do estudo completo do pensamento de Hegel, tendo para esta empreitada o auxílio de dois colegas hegelianos eminentes em Michigan: John Dewey e Alfred Lloyd, de quem Mead se tornara amigo.

Para Sass (2004) o contato de Mead com as idéias hegelianas é fundamental para suas futuras concepções em psicologia social; é deste contato direto com a obra hegeliana que Mead retira seu substrato para pensar o sujeito psicológico como inapelavelmente social.

No mesmo ano de chegada a Michigan, Dewey apresenta Mead a Cooley, PhD em economia, que por sua vez, o apresenta às idéias de Adam Smith, através das quais, Mead obteve inspiração para produzir a teoria que trata da questão do indivíduo assumir o papel do outro; suas idéias básicas começaram a se desenvolver neste período.

O respeitado Dewey em 1894 é convidado a chefiar o Departamento de Filosofia e Psicologia da recém fundada Universidade de Chicago. Uma de suas

³³ - With regard to this information, see Irvin Shaw's history of the University of Michigan and the article by George Dykhuizen, 'John Dewey and the University of Michigan', *Journal of the History of Ideas* 23 (1962), pp. 513-44 (apud, Joas, 1997, p. 219)

condições de aceite para o convite seria a contratação de Mead como professor assistente.

Assim começa o trabalho de ambos em uma das mais ambiciosas universidades da época, inserida numa cidade gigantesca e conturbada. Chicago era uma das metrópoles de industrialização capitalista; a maioria de sua população era constituída por imigrantes de primeira geração, trabalhadores inexperientes ou semi-qualificados e seu crescimento era tão rápido, que todas as tentativas de planejamento frustravam-se. Não era possível em Chicago ter uma compreensão ingênua de democracia sem se perguntar sobre sua possível realização em uma sociedade industrial. “Programadamente, a nova universidade foi orientada fortemente para tarefas práticas como a análise científica e solução de problemas na comunidade local” (Joas, 1985, p. 22), e filósofos e psicólogos como Mead e Dewey firmaram muitos compromissos.

Ambos estavam envolvidos com a Hull House, o modelo exemplar para o movimento de assentamentos de moradias. Por muitos anos Mead serviu como seu tesoureiro. As casas de assentamento ficavam nas áreas problemáticas da cidade, e nelas foram hospedados assistentes sociais com o propósito de desenvolver um centro de comunicação para a população das ruas e das favelas urbanas. As casas ofereciam aos membros de diferentes nacionalidades a entrada na cidade com a possibilidade de desenvolverem grupos baseados em interesse comuns. Além disso, a Hull House era um centro de discussão para a intelligentsia³⁴ radical de Chicago. Sua noção subjacente fundamental era que aquela democracia simplesmente não podia ser entendida como uma forma particular de instituição política, e aquela educação em democracia não era para ser concebida como a americanização dos imigrantes.

Neste mesmo período Mead se comprometeu fortemente na luta pelos direitos da mulher e para a reforma do código penal juvenil. Era sócio de vários comitês de arbitragem de greve, e também atuava em várias comissões públicas que visavam reformas sociais.

³⁴ - See Jane Addams's book, *Twenty Years at Hull House* (New York, 1910). See Mead's review of another book of Jane Addams (No. 31) and his essay on *Settlements* (No. 37) (apud, Joas, 1997, p. 219)

Durante décadas Mead foi sócio do Clube da Cidade, chegando a presidi-lo em determinada época. O Clube era uma associação de notáveis intelectuais e homens de negócios muito influentes na política local, que se preocupavam com as reformas para a inclusão e participação política dos imigrantes, à democratização do planejamento urbano, e a reforma dos serviços de saúde municipal. À frente do Clube, Mead se preocupou com problemas educacionais, publicando um relatório em forma de livro para o treinamento vocacional nos Estados Unidos. Segundo Joas (1997), seus artigos desta época apontam para a idéia de um treinamento vocacional público, afastando os interessados, do controle dos empregadores, integrando a educação formal com o treinamento vocacional. “Ele estava, sem reservas, interessado por todas as perguntas de educação e políticas educacionais.” (p. 23)

Durante algum tempo Mead foi editor do *Jornal do Professor de Escola Primária*, ensinou no Laboratório da Escola da Universidade de Chicago, onde a reforma educacional foi implementada com ênfase nas atividades da criança e no “grupo de vida informal” com a finalidade de desenvolver o intelecto da criança e suas habilidades práticas e sociais. Também presidiu uma escola experimental para crianças com transtornos emocionais.

Todas essas atividades compuseram uma parte dos trabalhos na vida de Mead que recebeu muito pouca atenção. Ainda o envolvimento prático múltiplo de Mead em educação e políticas exercitou uma influencia muito grande em sua teoria. Seguramente não é nenhum acaso seu chamado para o desenvolvimento de uma psicologia social precisamente por sua importância para uma teoria científica da educação, e que a série longa de artigos que começam em 1909 nos quais ele faz os passos essenciais para uma psicologia social, segue por uma fase levada quase exclusivamente para publicações em educação.³⁵ (Joas, 1997, p. 23)

³⁵ - Tradução nossa: “All of these activities make up a part of Mead’s life’s work that has received very little attention. Yet Mead’s multifarious practical involvement in education and politics exercised a very great influence on his theoretical evolution. It is surely no accident that he called for the development of a social psychology precisely because of its importance for a scientific theory of education, and that the long series of articles beginning in 1909, in which he made the essential steps towards such a social psychology, followed upon a phase taken up almost exclusively by publications on education.”

1.3 MEAD E O PRIMEIRO CURSO DE PSICOLOGIA SOCIAL

Em 1900, atuando há seis anos como professor na Universidade de Chicago, Mead começou a ministrar seu curso anual de psicologia social. “Ele empregou os termos ‘psicologia social’, muito antes que outros o tivessem feito. Esse era o título de seu curso em 1900-1901, uns oito anos antes que os termos aparecessem nos títulos de livros escritos por McDougall (1908) e Ross (1908).” (Farr, 1996, p. 105,106)

Foi também em 1900 que Watson mudou-se para Chicago a fim de iniciar sua tese de doutoramento, sob a orientação de Dewey; conforme Farr (1996), em virtude de não entendê-lo, Watson resolveu mudar de orientador, passando a ser orientado pelo professor Angell.

Mead era do Departamento de Filosofia, que incluía os cursos de Psicologia e Educação. Quando Dewey se transfere novamente, em 1904, agora para a Universidade de Columbia, os psicólogos de Chicago sob a direção de Angell criam um Departamento de Psicologia separado da Faculdade de Filosofia.

Mead permaneceu com os filósofos, enquanto Watson transferiu-se para o novo departamento. Como consequência desse episódio, muitos psicólogos deixaram de recomendar o curso de psicologia social organizado e ministrado por Mead, o qual começou a ser freqüentado por sociólogos. (Farr, 1996, p. 82)

De acordo com Farr (1996), os sociólogos de Chicago, especialmente desde a chegada de Faris em 1920 para a coordenação da pós-graduação, estimavam a série de palestras sobre psicologia social proferidas por Mead como importante para o desenvolvimento da sociologia naquela Universidade. Albion Small, mais tarde patrono da cadeira de Sociologia em Chicago, é quem continua recomendando o curso de psicologia social de Mead para seus alunos da pós-graduação. Blumer assumiu esta herança após a morte de Mead em 1931.

Watson, que havia sido aluno de Mead, deixa Chicago e logo em seguida se torna presidente da APA, *American Psychological Association*. No mesmo período em que esteve na presidência da instituição (1912-1915), lança seu manifesto

behaviorista, que tinha por objetivo eliminar as noções de consciência, self e mente, rejeitando as abstrações e destinando à Psicologia a análise de objetos observáveis e sujeitos a experimentação. Mead, contudo, em sua psicologia social, utilizou e estudou esses conceitos, indispensáveis à compreensão do fenômeno humano.

As idéias de Watson se propagaram por diversos círculos intelectuais, sendo adotadas por diferentes teóricos.

Uma das provas do sucesso da cruzada de Watson é que a definição de James de psicologia como ciência da vida mental rapidamente se tornou obsoleta. Os psicólogos seguiram Watson, do mesmo modo como os habitantes de Hamelin seguiram o tocador de flauta. (Farr, 1996, p. 88)

A Psicologia em vigor apropriou-se dos procedimentos metodológicos próprios do experimentalismo positivista. Por essa razão, Watson defendeu que esse campo do conhecimento, para adquirir o caráter científico, deveria ser um ramo das ciências naturais, que adotasse para a compreensão dos seres humanos os métodos objetivos de pesquisa, considerados adequados ao estudo dos animais e das crianças. Esses métodos não poderiam depender da introspecção, pois nem os animais nem as crianças apresentavam um discurso inteligível ao experimentador adulto, sendo, desse modo, imprescindível a observação do seu comportamento.

Mead, entretanto, acreditava que a pesquisa deveria centrar-se na linguagem, o que tornava a psicologia uma ciência social. Além de analisar a linguagem e suas múltiplas formas de expressão, Mead deteve-se no problema da mente humana, naturalizando-a.

Watson, por sua vez, interessado na objetividade de todos os fenômenos humanos, dispensou-a, por considerá-la inalcançável pela observação. Watson, portanto, foi um positivista filosoficamente ingênuo enquanto Mead foi um pragmático filosoficamente sofisticado. (Farr, 1996) Diz ele sobre Mead, em texto de 1936:

Eu não o compreendia em aula, mas durante anos Mead teve um grande interesse em minha experimentação animal, e ele e eu

passamos muitos domingos no laboratório olhando meus ratos e macacos. Nessas exibições amigáveis e em sua casa eu o entendia. Um homem mais gentil, e de mais fino trato, eu jamais encontrei (Watson, 1936, p. 274, apud Farr, 1996, p. 81)

No fim dos anos 1920, a onda de reação ameaçou os restos, inclusive do pensamento pragmatista da Universidade de Chicago. Mead como chefe do Departamento de Filosofia envolve-se em brigas políticas com o então reitor da Universidade. Joas (1997, p. 221), após ter lido um sumário dos arquivos de Miller (1973) que continha as explicações desta ruptura, comenta que esta disputa veio à tona com a indicação de um neotomista, Mortimer Adler, para ser professor em Chicago, contra os desejos expressos do departamento e de seu chefe. O reitor Hutchins e Adler, recém contratado, “se tornaram figuras importantes para os emigrantes conservadores do Terceiro Reich, para quem a Universidade de Chicago se tornou um lugar de encontro – claramente em contraste com as tradições dessa universidade durante décadas.” (Farr, 1996, p. 90)

Neste mesmo período, Dewey visita Mead já doente e o convence a deixar Chicago e ir para a Universidade de Columbia em 1931. Contudo Mead não teve tempo de assumir mais este posto.

Depois de ensinar durante quase quarenta anos nesta universidade (Chicago), George Herbert Mead morreu no dia 26 de abril, de 1931 quase desconhecido, estimado por alguns colegas e estudantes como um pensador extraordinário, e profundamente amargado pelas mudanças controversas nas políticas internas da universidade que ameaçaram alterar a natureza da filosofia de lá, fazendo isto em caráter católico e reacionário. Tão grande era a amargura de Mead que, logo antes de sua morte, ele decidiu deixar a instituição e a cidade que tinham sido o seu campo de ação.³⁶ (Joas, 1997, p. 28)

³⁶ - Tradução nossa: “After teaching for almost 40 years at the University, George Herbert Mead died on April 26, 1931, generally unknown, esteemed by some colleagues and students as an extraordinary thinker, and deeply embittered by controversial changes in the university’s internal politics that threatened to alter the nature of philosophy there, making it Catholic and reactionary in character. So great was Mead’s bitterness that shortly before his death he decided to leave the institution and the city that had been his field of action.”

Mead escreveu, no período de 1894 a 1931, mais de sessenta artigos nas mais diversificadas áreas, da Física à Filosofia. Deixou valiosas contribuições para a Psicologia e para Sociologia. Já seus livros foram publicados apenas após sua morte, fruto de anotações de seus ex-alunos, principalmente Charles Morris, que editou e prefaciou *Mind, Self and Society*, considerada sua obra principal.

1.4 ATIVIDADES PÓLITICAS: À PROCURA DE UM SOCIALISMO CIENTÍFICO

No tempo em que viveu em Michigan, de 1891 a 1894, Mead teve apenas uma atividade política, envolvida com os afazeres da pesquisa de Dewey. Foi à fundação de um jornal que pretendia servir como um contrapeso à imprensa comercial. Porém este projeto, com o intuito de melhorar a sociedade pela melhoria das informações disponíveis, foi combatido fortemente e se desmoronou antes que tivesse realmente começado.

A intenção de tornar os intelectuais acadêmicos úteis para a reforma social que estava implícita neste projeto também é contida no texto teórico mais extenso que foi preservado desta fase da evolução intelectual de Mead. O trabalho em questão é uma interpretação da noção Cristã de amor contra a formação da teoria da emoção de William James. (Joas, 1997, p. 21)

Pode parecer à primeira vista que este empreendimento tem pouco a ver com as preocupações filosóficas e psicológicas de Mead. O que ocorre é que, por meio de sua psicologia, Mead tenta dar um passo importante para secularizar e politizar uma noção cristã central. Para ele não poderíamos desfrutar deste sentimento, o amor, impulso para uma comunidade fraterna, isoladamente. Para Joas (1997) este pensamento expressa o forte desejo de Mead, comparável aos jovens hegelianos, de fazer com que as igrejas dessem conta deste sentimento em seu sentido amplo, e passassem da ética da fraternidade das formas de ações impeditivas em seus rituais, para traduzirem isto em ação, transformação, e em práxis social.

A primeira guerra mundial (1914-1918) trouxe um ponto alto novo nas atividades políticas e jornalísticas de Mead. Ele se tornou defensor da advocacia do Presidente Wilson na entrada dos Estados Unidos na guerra, defendendo em artigos de jornais a entrada americana no conflito com um caráter “desinteressado”; tentou contribuir à educação patriótica dos americanos por meio de uma discussão ética das perguntas morais colocadas por objeção conscienciosa. Pressupondo meios democráticos para as tomadas de decisões, e o interesse maior de sua nação, Mead chega inclusive a aceitar a limitação da democracia e da liberdade de expressão, como resultado das considerações militares. “Este pedido um pouco desamparado por dar uma direção democrática a uma política que não é democraticamente controlada deixa claro a que tipo de impasse Mead tinha se conduzido por seu apoio à política externa de Wilson.³⁷” (Joas, 1997, p. 24)

Entretanto, esta posição política de Mead era comum a uma geração inteira de intelectuais americanos progressivos.

A guerra não era compreendida como o resultado de causas políticas e econômicas globais e dos interesses contraditórios de poderes imperialistas competindo, mas ao invés como um conflito entre os princípios de democracia e autocracia. De acordo com esta visão, as causas da guerra se encontram no expansionismo da ‘autocracia alemã’; e a batalha contra esta autocracia somente não era meramente nenhuma oposição contra um competidor, mas sim um ato moralmente justificado e heróico com a finalidade de salvaguardar a democracia no mundo.³⁸ (p. 24-25)

Como metas de guerra Mead sobreleva a democratização da Alemanha prussiana, e o desenvolvimento de mecanismos não violentos para a resolução de conflitos internacionais, e especialmente o estabelecimento da Liga das Nações.

³⁷ - Tradução nossa: “This somewhat helpless call for giving a democratic direction to a policy that is not democratically controlled makes clear what kind of a *cul de sac* Mead had been led into by his support of Wilson’s foreign policy.”

³⁸ - Idem: “The war was not understood as the result of global political and economic causes and of the conflicting interests of competing imperialist powers, but instead as a conflict between the principles of democracy and autocracy. According to this view, the causes of the war lay in the expansionism of German ‘autocracy’; and the battle against this autocracy was not merely opposition to a competitor, but rather a morally justified and heroic act for the purpose of safeguarding democracy in the world.”

Segundo Joas (1997), uma ingênua crença de que os Estados Unidos, ‘por causa da história anticolonialista de sua origem, e por causa de suas tradições democráticas, era intrinsecamente um não imperialista, realmente uma nação antiimperialista.’ (p. 26)

Os comentários de Mead na questão de anexar o Haváí em 1895, as declarações em relação à política governamental para Cuba e Filipinas, a aprovação da política de Wilson para o México, e seu endosso em 1922 da Política de Porta Aberta com respeito à China, foram todos preenchidos com a confiança dentro do justo e libertador papel dos E.U.A. no mundo. Para Mead o imperialismo era só um problema das relações políticas entre estados, e não econômico.

Para Joas (1997) aqui se encontra o segredo do progressivismo autêntico do pensamento burguês americano e de sua duração relativamente longa. O pragmatismo estava baseado na possibilidade de integrar avanços no desenvolvimento da ciência e tecnologia e as conseqüências sociais nas convicções otimistas de progresso da burguesia. Não se percebia claramente que a causa desta prosperidade americana se encontrava justamente em sua política de expansão. Conforme Joas, Mead e outros intelectuais durante a ‘Era Progressiva’ tiveram uma compreensão incompleta das condições materiais e da própria posição política que, posteriormente à primeira guerra, mudou sua função, fazendo com que os intelectuais não compreendessem as razões para o desaparecimento, na década seguinte, das condições sociais que eram favoráveis para a reforma.

Sass (2004), após analisar uma citação de Mead (1972, p. 187-188) que tomava o comportamento político como exemplo para demonstrar os aspectos constitutivos do *self*, as instâncias “eu” e “mim”, comenta:

O que consideramos crítico no texto referido não é, portanto, nem a ingenuidade nem a obviedade, mas, sim, o caráter idealista e funcional com que Mead considera as complexas relações políticas, na medida em que implicitamente supõe uma moral na conduta das pessoas que está longe de ser um produto natural das relações sociais; em conseqüência, supõe que o projeto de um político naturalmente é a expressão da expectativa dos outros. Por outras palavras, considero que seu equívoco não reside no modelo que

propôs para a análise da interação entre os políticos e os outros membros da sociedade, mas da não-inclusão de mediações importantes que dão sentido àquela interação. Por exemplo, é um truísmo do autor considerar que um projeto político possa, na sociedade capitalista, expressar, numa ênfase pleonástica, o conjunto organicamente organizado dos membros da sociedade. (Sass, 2004, p. 267)

Mesmo com o apoio de Mead à guerra, é incorreto pensar que seu compromisso com a reforma social tinha se afrouxado. Para Joas (1997), há evidência considerável de que, nesta época, sua posição em relação às reformas sociais ficaram ligeiramente mais radicais.

Em cartas como também na revisão do livro de Thorstein Veblen sobre os pré-requisitos econômicos de uma paz mundial duradoura, Mead proclamou a sua aprovação ao novo programa do Partido Trabalhista Britânico que expressou o seu desenvolvimento de esquerda declarando o estabelecimento evolutivo de uma sociedade socialista por meio de medidas transitivas precisamente planejadas para ser a meta oficial do partido. Mead ponderou a pergunta se uma organização comparável era necessária nos E.U.A., e quais seriam as suas chances de sucesso, ou se uma troca à esquerda pelo Partido Democrático seria suficiente para afiançar uma mudança social. (p. 27)

No entanto, pela sua aprovação da política externa dos Estados Unidos, Mead foi compelido a aceitar as condições prévias domésticas daquela política, e limitar lutas para a reforma social dentro daquele contexto.

Ao contrário de John Dewey, que havia revisto sua posição sobre a guerra após o Tratado de Versalhes³⁹, e ainda reteve sua franca simpatia à experiência social

³⁹ - 32 países assinaram um acordo em 28 de junho de 1919 na França, elaborado na verdade pelos representantes dos “três grandes”, o presidente Woodrow Wilson do EUA, e os primeiros ministros da Inglaterra e França, e que foi imposto à Alemanha derrotada. O tratado, que punha fim oficialmente a I Guerra, pretendia devolver a paz à Europa e, ao mesmo tempo, eliminar o potencial bélico e industrial alemão, mas criou uma nova realidade marcada pela postura imperialista dos vencedores e pelo fortalecimento do sentimento nacionalista e de vingança na Alemanha.

da Revolução russa, Mead não mostrou acreditar nestes ideais e opôs este caminho seguido pela União Soviética com objeções um tanto abstratas, como, por exemplo, que era duvidoso que a produção eficiente pudesse ser organizada sem levar em conta o motivo de lucro.

Mead poderia reagir então só defensivamente à mudança súbita e extrema do humor político nacional nos anos 20, os ‘anos gordos, intolerantes’. As suas publicações e atividades políticas cessaram quase completamente. Os tópicos com que se interessou afastaram-se do domínio das ciências sociais e se aproximaram mais da filosofia natural e cosmologia. A única exceção é formada por suas importantes contribuições na questão do pensamento internacional contra o pensamento nacional⁴⁰ (Joas, 1997, p. 27)

Neste trabalho Mead argumentava da necessidade de se criar possíveis relações internacionais, para que, livres da violência, se estabelecessem mecanismos para resoluções racionais de conflitos. Comparados com as tendências de pensadores daquela época, na Europa e nos E.U.A., abandonar o nacionalismo agressivo e resignar-se ao esclarecimento ideal de uma civilização que abraça tudo com humanidade, fazia da posição de Mead uma exceção humanística.

O aumento do ‘abstracionismo’ no pensamento de Mead e a concentração do seu interesse na possibilidade de atingir valores e conhecimentos objetivos levando em conta a pluralidade inegável das perspectivas individuais, em que estes valores humanísticos seriam imensamente ameaçados, tornou-se o cenário principal para a discussão de sua filosofia e de sua psicologia social.

Para Mead era crucial o entendimento da oposição entre uma ‘ideologia’ de movimentos sociais, e uma ‘política científica’ de reformas graduais na sociedade. À luz desta oposição, Mead toma seu posto político.

⁴⁰ - Tradução nossa: “Mead could therefore only react defensively to the sudden and extreme change of the national political mood in the 1920s, the ‘fat, intolerance years’. His political publications and political activity ceased almost completely. The topics with which he concerned himself shifted away from the domain of the social sciences and approached closer to natural philosophy and cosmology. The single exception is formed by his important contributions on the questions of international-mindedness versus national-mindedness.”

Mead aceitou utopias socialistas somente como uma fonte de inspiração para a reforma social científica, mas as considerou ser principalmente uma expressão da imaturidade de movimentos sociais nas fases iniciais, e recomendou ao movimento trabalhista uma secularização e racionalização de seus ideais similarmente a esses que o Cristianismo tinha sofrido.⁴¹ (Joas, 1997, p. 29)

Mead assim defendeu a reforma social. Para ele o oposto de reforma social utópica era a reforma social científica. Em sua composição, 'A Hipótese de Funcionamento na Reforma Social' incumbe-se explicitamente em justificar e incluir a reforma social entre as ciências indutivas, explicando quais as implicações do conceito e de hipóteses para o caso desta possibilidade.

A tese geral desta composição é que na reforma social, como na ciência, nós temos a nossa disposição só um método e a possibilidade de observar as repercussões das mudanças que nós fazemos, mas nós não temos conhecimento de seus ideais e metas finais. Esta posição tirou sua autoconfiança na impressão então prevalecente de que o sucesso de reforma social estava crescendo continuamente: "Aqui, também, isto acontece, não por uma declaração do que a sociedade ou o indivíduo vão ser, mas achando o ponto de identidade entre eles, e controlando o processo de reforma não sacrificando nada valioso em nenhum deles. É só o método do qual nós podemos estar seguros, não o resultado" [(Mead's review of *Lê Bom* (No. 16), p.412)]⁴² (p. 30)

⁴¹ - Idem: Mead accepted socialist utopias only as a source of inspiration for scientific social reform, but considered them to be primarily an expression of the immaturity of social movements in their early stages, and recommended to the labour movement a secularization and rationalization of its ideals similar to those which Christianity had undergone.

⁴² - Tradução nossa: The general thesis of this essay is that in social reform, as in science, we have at our disposal only a method and the possibility of observing the repercussions of the changes we make, but we do not have knowledge of ideals and final goals, from which practical measures for their realization can be deduced. This position drew its self-confidence from the impression then prevalent that the success of social reform was continually growing: "Here, also, this place, not by a statement of what either society or the individual is going to be, but by finding the point of identity between them, and controlling the process of reform by sacrificing nothing valuable in either. It is only the method we can be sure of, not the result."

Para Popper, citado por Joas (1997), a fabricação de políticas em uma ciência, a racionalidade da ação política, tem que se ver com a escolha de meios e técnicas para a gente, coisas justas; isto não nos leva a uma sociedade aberta, mas em vez disso, permite que estruturas estáveis de dominação permaneçam incontestadas em sua validade implicitamente aceita. “Em contraste, para Mead a reivindicação da ação política para a racionalidade é fundada na forma de tomada de decisão social, isto é, em um unir de habilidade com a obrigação de fazer algo” (Joas, 1997, p. 31). Posição confirmada por sua fala, em uma conferência sobre o movimento de união americano.

A tarefa do cientista é procurar entender as posições de todas as partes de um conflito e tornar isto possível para eles virem a chegar a um acordo. Reforma social racional, então, não consiste em achar meios econômicos para determinados fins, mas ao invés em uma intensificação da discussão pública da qual emergem soluções construtivas para todos os problemas sociais beneficiando tudo e no interesse de tudo.⁴³ (p. 31)

2. FUNDAMENTOS, CONCEITOS E CATEGORIAS DA TEORIA MEADIANA

O pensamento de Mead se distancia dos behavioristas clássicos, dominantes em sua época; Watson fundador do movimento behaviorista, dizia ser o homem “um animal distinto dos demais unicamente nas formas de se comportar.” (apud Sass, 2004) Era a busca por uma Psicologia verdadeiramente Científica, que teria para isto de expor positivamente sua metodologia de ação, advindo de sua crítica à introspecção como método de investigação, afirmando que as experiências privadas eram da mesma natureza que as públicas, ou seja, deviam preocupar-se com o que pudesse ser observado e não com experiências subjetivas. “Com tal proposição,

⁴³ - Tradução nossa: “The task of the scientist to understand the positions of all parties to a conflict and to make it possible for them to come to an agreement. Rational social reform, then, does not consist in finding economic means for given ends, but instead in an intensification of public discussion, from which emerge constructive solutions for social problems benefiting all and in the interest of all.”

Watson queria enfatizar que a Psicologia científica deveria se preocupar com o estudo do comportamento. Assim, seria uma ciência do comportamento; um ramo experimental da ciência natural” (Bazilli, 1998, p. 50), abandonando outros possíveis objetos de estudo como a mente e a consciência, fundamentais à teoria meadiana.

Mead propõe um outro caminho, uma outra psicologia. Todo comportamento tem um precedente interno próprio, não estando, portanto, subordinado meramente a um determinismo exterior que não considera a capacidade do sujeito de realizar suas próprias ações, características de sua singularidade, sinalizando para um *a priori* importante: o que é interno ao sujeito torna-se responsável por construir intenções em relação ao objeto e a si mesmo.

Estar diante de um objeto, para Mead, é pressupor o indivíduo capaz de atribuir valor, finalidade ao objeto e não simplesmente um certo agir irracional, determinado por estímulos. Nesse sentido, discutir a importância da intencionalidade do sujeito e sua consciência em elaborar reações, significa renunciar a idéia positivista de que o indivíduo é apenas comportamento. Assim, conforme Sass (2004), numa época em que o observável e o quantificável são as verdades científicas, Mead lança-se na aventura de formular pressupostos que ampliam a compreensão sobre o ser humano ressaltando sua complexidade. Para Mead, a psicologia não pode ser reduzida apenas ao estudo da consciência, mas deve ampliar o seu campo de estudo e análise, englobando as dimensões públicas (acessíveis à observação) e privadas (acessíveis apenas ao indivíduo). Desse modo, o comportamento encontra sentido dentro do indivíduo; quando se exterioriza, torna-se atitude, disposição para a conduta. Para Mead, o duplo caráter da experiência individual é o ato completo, que culmina com a manifestação exterior da ação – o comportamento e sua extensão. Importante também sua constatação de que a natureza da consciência é social e dialeticamente funcional, já que não é dada, não é uma substância cerebral, ela é que a princípio permite ao sujeito compartilhar conceitos, possibilitando sua ação e inserção na sociedade.

O que Mead nos propõe é a idéia de *ato social*, não como uma questão de estímulo e suas reações, mas sim um processo dinâmico da experiência interna que, ao mesmo tempo, se constitui socialmente, exigindo a cooperação de mais de um indivíduo, sendo seu objeto social. Estas são considerações de Mead, que apontam

para pensarmos o início das *interações sociais*, e que contribuem para o entendimento posterior do que virá a ser denominado “*papel social*”.

A linguagem e os gestos criam um campo comunicacional que gera as informações necessárias para o sujeito viver em sociedade e, assim, formar sua consciência. Portanto, a comunicação entre sujeitos não acontece numa esfera mental, mas nesse campo comunicacional, resultante da complexidade dos processos sociais em que os sujeitos estão imersos. “Para Mead, a linguagem é algo que faz parte da conduta social. Basicamente, ele procura mostrar como, a partir dos gestos, surgem os sinais e os símbolos e, posteriormente, as convenções semânticas válidas intersubjetivamente.” (Ferreira, 1999, p. 78) Por este processo de compartilhamento intersubjetivo é que o sujeito se constitui.

A apropriação dos significados das palavras se dá em sua relação com o “*outro generalizado*”, na adoção das atitudes do outro. Podemos então afirmar que em Mead, a natureza da significação está implícita na estrutura do ato social; e a linguagem é para ele um processo social que, através das interações, influencia a construção de nossa personalidade, possibilitando-nos indicar e interpretar certos estímulos, bem como modificar e reagir a esses estímulos no sistema essencialmente social da conduta pessoal.

Mead desenvolveu múltiplos conceitos para melhor compreender a relação entre indivíduo e sociedade. Sua teoria envolvendo a compreensão do processo de interação social, da importância da linguagem e dos objetos físicos do mundo material tornaram-se elementos centrais no processo de entendimento da formação do *self* e da construção das identidades sociais.

Com intenção de apreendermos alguns dos principais conceitos elaborados e difundidos por Mead ao longo de seu trabalho, analisaremos os aspectos de sua teoria que priorizem o entendimento do processo de construção social do *self*.

Mead destaca a importância dos jogos infantis como um primeiro momento em que a criança irá se constituir a partir da relação com o outro, seu outro (*dublê*). É nos jogos infantis que a criança cria seus personagens imaginários. “Este é o primeiro ardil do homem sobre a natureza, e, portanto, o primeiro passo para ele se fazer um animal social.” (Sass, 2004, p. 239)

Através dos jogos a criança se tornará capaz de internalizar os papéis e organizar suas experiências numa seqüência temporal. “As formas distinguíveis de apropriação do outro pela criança decorrem da organização das suas atividades sociais e não por um suposto material amadurecido biológico e intelectualivo.” (p. 247)

O que Mead quer enfatizar sobre os jogos infantis é o caráter funcional, assumido para a organização da criança através de um aspecto mediador na formação de seu *self*.

Interessante notar, “que no desenvolvimento da criança há dois estágios que exibem as duas fases da realização da consciência de si mesma. O primeiro estágio é o jogo (*play*) e o segundo é o do jogo com regras (*game*).” (Mead, 1924, apud Sass, 2004, p. 244) Estas fases são distinguíveis por se apropriarem diferentemente do papel do outro, já que as situações sociais pedem complexidades distintas de apropriação.

Os jogos que antecedem aos de regras, são aqueles em que a criança brinca de alguma coisa sem se preocupar com os fins e meios de sua atividade (*play*), podendo alterar rapidamente de papéis, não se preocupando em corresponder à atividade com seu meio; sentada em uma bola pode sentir-se cavalgando. A criança entra em relação e se apropria do outro através de suas próprias atitudes, não entrando em contato com o outro social, generalizado.

Posteriormente a criança começaria mais uma fase de seu amadurecimento ao participar do jogo com regras (*game*), regras estas que determinariam os padrões de comportamento dos integrantes da interação. A regra, ao ser internalizada, faz com que o indivíduo funcione por si só e que os participantes consigam atingir seus objetivos em conjunto e não mais individualmente. Esta fase traz grandes mudanças no modo de as crianças realizarem suas experiências; elas já não conversam mais consigo mesmas, e começam a desempenhar papéis mais fixos.

A partir especialmente da aquisição da fala, é que a criança irá gradualmente dominando o processo de apropriação da atitude do outro. E o jogo com regras implica essa apropriação da atitude de todos os participantes de forma organizada, até chegar ao ponto em que todos assimilem as regras, organizando para si o outro como um outro generalizado.

Tenho assinalado, então, que há dois estágios gerais no pleno desenvolvimento do self. No primeiro desses estágios, o self individual é constituído simplesmente por uma organização das atitudes particulares dos outros indivíduos voltadas para o próprio indivíduo e das atitudes de uns para com os outros, nos atos sociais específicos em que aquele participa com estes. Mas no segundo estágio, de pleno desenvolvimento do self individual, este self está constituído não apenas pela organização das atitudes individuais particulares, mas também por uma organização das atitudes sociais do outro generalizado, ou o grupo social a que pertence como um todo. (Mead, 1972, apud Sass, 2004, p. 254, 255)

O aprendizado da organização destas regras, que, juntas, formam o jogo, vai possibilitar à criança controlar sua conduta nos processos sociais, tendo por referência o ponto de vista do todo integrado de sua comunidade.

Identificado em crianças maiores, o jogo, como realizado no esporte, exige uma maior complexidade do *self*. “Este é o segundo ardil que o homem aplica à natureza, porque não mais se relaciona com seu outro ‘fantasiado’, um *doublé*, mas com um seu outro organizado e generalizado.” (Sass, 2004, p. 205)

2.1 O OUTRO GENERALIZADO

Fundamental, o conceito do “outro generalizado” aparece com destaque na obra de Mead, como elemento essencial de sua teoria do *self*; Mead descreve esse outro generalizado da seguinte forma:

A comunidade ou grupo social organizado, que proporciona ao indivíduo sua unidade do ‘self’, pode ser chamada ‘o outro generalizado’. A atitude do outro generalizado é a atitude de toda a comunidade. Assim, por exemplo, no caso de um grupo social como o de uma equipe de futebol, a equipe é o outro generalizado, na medida em que intervém – como processo organizado ou atividade

social – na experiência de qualquer um de seus membros. (Mead, 1972. p. 154)

Somente na medida em que o indivíduo puder adotar as atitudes gerais de todos os outros envolvidos nos processos sociais de sua comunidade, acordando com a totalidade das relações experienciais das instituições e grupos de seu ambiente comunitário, é que esse indivíduo poderá desenvolver um *self* completo. Podemos dizer que o outro generalizado é uma espécie de influência da socialização na constituição do *self*, ou seja, na individuação.

É na forma do outro generalizado que os processos sociais influenciam na conduta dos indivíduos envolvidos neles e que os levam a cabo, i é, que a comunidade exerce controle sobre a conduta de seus membros individuais; pois dessa maneira o processo ou comunidade social entra como um fator determinante no pensamento do indivíduo. No pensamento abstrato o indivíduo adota a atitude de outro generalizado. (p. 155).

Percebemos, então, que em Mead a questão da formação da personalidade está intrinsecamente relacionada com o social, com o meio lingüístico da comunidade na qual a pessoa está inserida. As atividades lingüísticas seriam então a última atividade na organização do *self*, referindo-se às construções simbólicas elaboradas pelo sujeito implicando a formação do pensamento.

Esse é o terceiro artil humano, que incorpora os anteriores e permite ao homem internalizar conscientemente o mundo exterior, e suplantar a si mesmo, convertendo a si mesmo, como consciência de si, no seu outro. É o que Mead, e outros autores denominam de diálogo interiorizado. (Sass, 2004, p. 205)

Esta natureza do outro generalizado pode ser, então, desde um indivíduo que encene uma função da sociedade, um agrupamento social, comunidades e instituições, e também os próprios objetos do mundo material com o qual nos relacionamos.

É na forma do outro generalizado que os processos sociais influenciam o comportamento dos indivíduos neles envolvidos e que são executados, quer dizer que é nessa forma que a comunidade exerce seu controle sobre o comportamento de seus membros; porque é nessa forma que o processo entra como um fator determinante do pensamento individual. Pelo pensamento abstrato o indivíduo assume para si a atitude do outro generalizado, sem referência à expressão que esse outro generalizado possa assumir para qualquer outro indivíduo particular; e pelo pensamento concreto assume essa atitude em que é expressa nas atitudes para o seu comportamento, por parte daqueles outros indivíduos com quem está envolvido na situação ou no ato social. Mas, unicamente adotando a atitude do outro generalizado para si, por uma dessas maneiras, pode o indivíduo pensar, porque apenas assim pode se dar o pensamento. E somente através da apropriação pelos indivíduos da atitude ou das atitudes do outro generalizado para si mesmo que pode existir um universo de discurso, como um sistema de significados comuns ou sociais que o pensamento pressupõe. (Mead, 1972, apud Sass, 2004, p. 280)

Comprendemos, então, que em Mead, o *self* só aparece enquanto atitude da comunidade direta ou indiretamente manifestada, sendo que o outro generalizado⁴⁴ é uma espécie de instrumento do controle social introjetado pelo *self*, que, por sua vez, reflete a formulação abstrata do *ethos* da comunidade ou sociedade à qual pertence o indivíduo. Percebemos o outro generalizado como um elemento de mediação entre o indivíduo e a sociedade; ou é a forma concreta com que esta opera sobre aquele.

Além de discorrer extensamente sobre a participação do outro no processo de constituição da *persona* e de formação das identidades sociais, Mead também se deteve no papel das entidades físicas na construção do *self* as quais, desse modo, favorecem o processo de socialização.

⁴⁴ - “Quanto à psicologia, os autores reivindicam a aproximação entre os conceitos do Outro generalizado, de Mead, e Superego, da psicanálise de Freud; ‘O conceito do Outro generalizado, de Mead e do Superego, de Freud, que são os pontos que mais os aproximam, permitem-nos vincular o particular e o público, isto é, relacionar os atos mais íntimos do indivíduo às formas mais amplas do fenômeno sociohistórico...’” (Gerth e Mills, 1973, apud Sass, 2004, p. 281) Neste mesmo sentido acrescentamos o conceito elaborado por Lacan, de “Grande Outro”.

2.2 A MATERIALIDADE: O HOMEM EM INTERAÇÃO COM O MUNDO FÍSICO

A cultura material não deve ser considerada um conjunto de objetos que se destacam apenas por sua utilidade cotidiana. É, antes de tudo, um sistema de signos e símbolos construídos socialmente, mediados por produtos coletivos, que participam da elaboração da teia social. A materialidade é, pois, revestida de um simbolismo social impregnado de significados que se proliferam e surgem da interação do indivíduo com os objetos físicos.

À medida que o homem se relaciona com as coisas que circulam a sua volta, o seu *self* paulatinamente se constitui, assumindo uma forma corporificada e encarnada, que o torna um "eu" físico. Ocorre, portanto, a materialização da *persona*, a encarnação de um *self* originariamente sem forma e sem contornos físicos. O contato com as entidades materiais fornece ao indivíduo os limites do seu corpo, que o separam das coisas externas. Os limites dos objetos concretos e a sua fisicalidade também derivam dessa relação cotidiana.

Porém devemos ressaltar um aspecto importante para Mead: o de que o *self* não coincide com o organismo físico em que ele se forma. O organismo fisiológico é essencial ao *self*, mas somos capazes de pensar um *self* sem ele.

Podemos ver nossos pés, especialmente se os olhamos pelo lado contrário de um par de binóculos de teatro, como coisas estranhas que temos dificuldades em reconhecer como nossas. As partes do corpo são completamente distinguíveis do *self*. Podemos perder partes do corpo sem sofrer uma séria invasão do *self*. A mera habilidade para experimentar distintas partes de um corpo não se diferencia da experiência de uma mesa... (Mead, 1972, apud Sass, 2004, p. 268)

Antes da aproximação entre o sujeito e as coisas, o mundo apresenta-se desprovido de forma e as materialidades parecem não ter adquirido o que lhes confere o caráter físico. Tudo se mostra difuso e indistinto. Quando o homem começa a tocar, perceber e manipular as coisas que o cercam, o mundo torna-se um

ambiente social e físico propício à existência humana. O que era antes inóspito e inabitável revela-se acolhedor, por causa do toque humano. A mão, que possibilita o contato físico com as coisas, concedendo-lhes forma e contorno físicos, inaugura um mundo material, o que, por sua vez, assegura a constituição do *self*.

A resistência material à ação do sujeito revela explicitamente que os objetos não são constituídos apenas por superfícies, mas possuem interioridade. Portanto, nessa relação de confronto e adequação entre o homem e as entidades físicas, os objetos tornam-se realidade, passam a ser algo, adquirem significados sociais, sendo percebidos pela coletividade como uma produção do grupo. O indivíduo, por sua vez, ao aproximar-se das coisas, compreende e descobre a si mesmo, conseguindo distinguir o "eu" do "outro".

La capacidad Del ser humano para verse a si mismo como objeto en el campo de su propia experiecia, así como su habilidad para razonar o pensar se da intelectualmente em la intersección que se establece entre três sistemas o estratos de realidade; lo inorgânico, lo orgânico y el sistema social humano. Los objetos son relevantes porque permiten la definición de um ‘self’ encarnado o corporeizado dentro de um ambiente concreto (Doménech et al. 2003, p. 22).

Mesmo sofrendo a resistência dos objetos, o homem apropria-se das respostas das entidades físicas assim como adota a percepção e os gestos do outro. O homem interioriza o objeto concreto, tornando o “eu” um ser físico, um “self-coisa”, materializado. Ele só consegue perceber-se como provável “coisa” física, quando age sobre os objetos e experimenta a resposta que eles dão no momento em que são pressionados. O corpo distante é convertido num corpo próximo e presente. O indivíduo pode, portanto, viabilizar uma experiência de contato com um objeto fisicamente distante, quando assume uma atitude reflexiva, que torna a matéria real.

Na experiência de contato, o objeto é alcançado pelo ato, mesmo que esteja localizado num passado longínquo e num lugar inacessível. O indivíduo pode se aproximar dele, porque a temporalidade e a espacialidade não constitui obstáculos ao contato com o objeto. É desse encontro possibilitado pelo ato humano que a coisa adquire materialidade, passando a existir. A constituição do *self* e a formação das

identidades sociais, por sua vez, são decorrência do agir material mediado pela linguagem, que fornece contornos físicos ao corpo humano e ao *self*.

“A possibilidade de consciência individual de si mesmo como entidade separada e localizada em um tempo e um espaço emerge quando esta se confronta com o mundo dos ‘outros’ e o mundo das coisas” (Doménech, apud Lima, 2005, p. 130).

Percebemos que, quanto à sua natureza, o outro generalizado, então, pode ser: um indivíduo que encarne uma função da sociedade; um agrupamento social; e o mundo físico, os objetos. Vimos que os dois primeiros podem ser agrupamentos sociais, a família, um partido político e assim por diante, constituindo para cada indivíduo que os compõe, um outro generalizado. Já o terceiro caso, a materialidade, é especificada por Mead nos seguintes termos: “É possível que os objetos inanimados, não menos do que outros organismos humanos, façam parte do outro generalizado e organizado – completamente socializado - para um dado indivíduo humano, desde que este responda a tais objetos socialmente ou na forma social.” (Mead, 1972, apud Sass, 2004, p. 279)

2.3 FASES DO *SELF*: O “EU” E O “MIM”

O processo de socialização obteve considerável destaque na obra de Mead, que se dedicou à compreensão das tramas sociais e da inserção do sujeito à comunidade a que pertence.

O indivíduo socializado, integrado à realidade social, possui um *self*, cuja manifestação se dá na afirmação de si ou na identificação do sujeito com o contexto coletivo. O *self*, desse modo, assegura a incorporação das atitudes sociais, o que possibilita a socialização do indivíduo e a constituição da sociedade.

Para pertencer a um grupo social, todo indivíduo precisa, de certo modo, reproduzir gestos, valores e símbolos compartilhados pela coletividade na qual se insere. Mesmo aquele que nega a atitude coletiva e se recusa a adotá-la, termina por internalizar alguns padrões sociais de conduta. A *persona*, adquirida por todo aquele que se apropria continuamente do comportamento social, lhe permite identificar-se com a comunidade, adaptando-se a ela, mas afirmando-se como indivíduo autônomo,

lutando contra a coletivização massificada. O sujeito que se dispõe a afirmar-se no grupo, apresentando, além das atitudes generalizadas, novas ações, provoca uma série de novas reações no outro, contribuindo para transformações nas redes sociais.

O *self* capaz de promover a integração coletiva é constituído por dois componentes: o "mim" e o "eu". Para Mead estes dois componentes são indissociáveis.

O "mim" consiste na “reprodução” de reações socialmente construídas e organizadas, na internalização do outro generalizado, na internalização⁴⁵ das regras sociais, na identificação do sujeito com sua comunidade cultural. É a presença do outro na consciência do indivíduo, processo que não ocorre de forma automática e inconsciente. O sujeito, para se conhecer, precisa perceber a existência do outro em si. O *self* envolve a consciência de si a partir do reconhecimento do outro; não resulta de uma experiência individualizada, mas de uma vivência coletiva.

Cuando la reacción del otro se convierte en parte esencial de la experiencia o conducta del individuo; cuando adoptar la actitud del otro se torna parte esencial de su conducta, entonces el individuo aparece en su propia experiencia como una persona... (...) La persona es el otro, el otro organizado, generalizado... (Mead, 1972, p. 220-221)

Não obstante, há outra característica marcante da *persona* que se expressa no outro elemento que lhe é constitutivo: o "eu". O "eu" é a reação inusitada do sujeito às ações da sociedade, transformando-a; representa as atitudes novas assumidas e criadas pelo indivíduo diante das reações sociais formalizadas. É a emergência do novo, da espontaneidade, do que não estava anteriormente presente na experiência individual, que surge como resistência às atitudes coletivas, modificando a teia social. O “eu” é a fase do *self* que exterioriza, reagindo à atitude dos outros.

Enquanto o "mim" exprime a convencionalidade, a tradição e a adaptação, o "eu" indica a novidade, a originalidade e a criatividade.

⁴⁵ - “Mais atento do que muitos psicólogos, Habermas distingue as noções de interiorização e de internalização, por vezes usadas como equivalentes. (Cf. HABERMAS, 1978b, p. 34). Interiorizar é usado no sentido de levar para o interior as estruturas externas já organizadas; internalizar é um termo mais apropriado para indicar o processo estruturante da experiência individual” (Sass, 2004, p. 259).

O 'eu' é a reação do organismo às atitudes dos outros; o 'mim' é o conjunto organizado das atitudes dos outros que o indivíduo adota para si mesmo. As atitudes dos outros constituem o mim organizado e então o indivíduo reage a elas como um 'eu'. (Sass, 2004, p. 265)

Mesmo adotando a conduta dos outros, o indivíduo expressa a si mesmo, revestindo o comportamento coletivo de características pessoais, até então desconhecidas. A *persona*, portanto, agrega em si o "outro", que confere ao sujeito o título de membro da comunidade, detentor de direitos legítimos, e o "eu", o distingue dos outros, privilegiando suas particularidades.

En una sociedad, debe encontrarse em todos una serie de hábitos de reacción comunes, organizados, pero la forma en que los individuos actúan es lo que origina todas las diferencias individuales que caracterizan a las distintas personas. El hecho de que tengan que actuar de cierta manera común, no les priva de originalidad (Mead, 1972, p. 223)

Dessa forma, o indivíduo, para pertencer a um grupo e socializar-se, precisa assumir pautas comuns de condutas, reproduzindo-as. Entretanto, ele não apenas recebe passivamente os conteúdos sociais, reage ativamente aos atos alheios, produzindo novas reações e, conseqüentemente, transformando a si e a totalidade. Adapta-se à realidade e, simultaneamente, confronta-se com ela, não de forma necessariamente ofensiva e destrutiva.

Mead parece não acreditar na negação extrema do sistema de ações sociais que impediria o sujeito de socializar-se, na subversão radical que preconiza a destruição dos laços sociais convencionais e a rejeição do nexo de reações coletivas, culminando com a não interiorização dos códigos partilhados coletivamente. Qualquer tipo de indignação social repousa em alguma espécie de adaptação e aceitação dos ditames sociais.

O indivíduo, todavia, não se encontra completamente preso às determinações grupais. Há brechas nas pautas de conduta coletiva organizada que lhe permitem modificar o que está estabelecido, construindo novas formas de agir. O *espírito* humano é o meio do homem "descolar-se" da realidade social, distinguir-se do outro

que, de tão presente e disseminado na sociedade, torna-se em muitos momentos invisível. É a possibilidade de perceber-se distinto da massa, de dialogar consigo mesmo e de refletir sobre as atitudes sociais constitutivas da estrutura da *persona* e da sociedade humana, o que pode contribuir para o surgimento de mudanças no espaço coletivo.

Aproveito o ensejo para considerar que Mead não extrai uma conseqüência importante de sua noção de *self*. O *self*, já frisamos, articula o passado, o presente e o futuro. A sua fase expressa pelo ‘mim’ está voltada ao passado; o ‘eu’ é a expressão presente do que o sujeito projeta como futuro. Ora, assim pensando, o *self* completo contém a perspectiva do futuro, o devir da ação. Daí, do ponto de vista histórico, se é fato que a ordem social capitalista determina certas formas de personalidade, é igualmente irrecusável que novas formas de organização social da vida podem criar personalidades de novos tipos. (Sass, 2004, p. 267) ⁴⁶

Sass destaca ainda outro aspecto importante advindo da noção de *self*, formulada por Mead: é a possibilidade de pensarmos na contribuição do conceito para o entendimento dos chamados comportamentos patológicos. Já que o *self* é produzido pelo confronto do ‘eu’ com o ‘mim’, o que deveria resultar em uma unidade, nem sempre ocorre; unidade está que por razões externas ou internas ao indivíduo pode se desfazer; quando está coerência entre as instâncias do *self* não são possíveis, caracterizam-se as dissociações da personalidade. “A união das fases do *self* expressa o que chamamos de comportamento racional; a completa desunião evidencia o que poderíamos chamar de origem social da loucura.” ⁴⁷ (Sass, 2004, p. 275)

⁴⁶ - Concordamos com Sass: “Um projeto político que vincula organicamente os seus sintetizadores e executantes com as atitudes e expectativas dos membros da sociedade – em que cada ‘eu’ age em sintonia com o ‘mim’ social – faz sentido com os princípios que organizam as sociedades socialistas e não com aqueles que organizam a sociedade capitalista.” (Sass, 2004, p. 267)

⁴⁷ - “Mead não apresenta o seu pensamento nesses termos. A interpretação que fazemos das idéias do autor é que, digamos, as radicaliza” (Sass, 2004, p. 275).

3. SOBRE A OBRA DE GEORGE HERBERT MEAD

De certa forma somos privilegiados em relação à catalogação das produções de Mead. Sua obra póstuma clássica: *Espiritu, Persona y Sociedad desde el punto de vista del conductivismo social* (1934) tem o mérito de sistematizar todos os seus trabalhos, uma vez que Mead não fez de forma mais ampla esta organização. O livro traz também notas e resumos de notas dos alunos mais destacados de Mead que freqüentaram seu curso de psicologia social, como também a seleção de manuscritos inéditos deixados pelo próprio autor. Os escritos de Mead estão ordenados cronologicamente (Mead, 1972, p. 391-393), sendo seu início datado de 1894 com a publicação de um artigo em uma revista de psicologia. São catalogadas 68 publicações sendo a última de 1936.

Suas obras sistemáticas (livros), foram publicados postumamente, contendo uma variada gama de assuntos e possibilidades; abrangem desde a filosofia, explorada seja através de autores – Mead apresenta a sua interpretação de Kant, Schelling, Fichte, Hegel, Marx e Bergson, entre outros – seja através de temas como as filosofias do presente e do ato. Ao todo, esta obra sistemática é composta por quatro volumes: *The Philosophy of the Present* (1932), *Mind, Self and Society* (1934), *Movements of Thought in the Nineteenth Century* (1936) e *The Philosophy of the Act* (1938). O qualificativo sistemático é justificável para Sass (2004) porque são textos organizados de maneira a apresentar mais extensamente o pensamento do autor e, portanto, explicar melhor o encadeamento que ele estabelece entre os temas, as suas fontes e o significado dos conceitos que elabora.

Ferreira (1999) ressalta que, devido à impossibilidade de acesso às obras completas de Mead, utiliza-se de três textos originais considerados essenciais para a compreensão do “eu socialmente produzido em Mead”, a saber: *The Definition of Psychological* (1908), *Social Consciousness and the Consciousness of Meaning* (1910) e *The Social Self* (1913).

No livro *Espiritu, persona y Sociedad*, com introdução de Charles Morris, encontramos em nota de rodapé uma visão do conjunto de bibliografias norte-americanas sobre a vida e obra de Mead.

La bibliografía sobre G. H. Mead em los Estados Unidos es demasiado vasta para incluirla em esta nota. Una vision de conjunto se encontrará em F. B. Karpf: *American Social Psychology* (New York, Mac Graw Hill, Co; 1932), y em el excelente artículo de K. Young y D. W. Oberdorfer: “*Psychological Studies of Social Process*”, em Barnes, Becker & Becker: *Contemporary Social Theory* (New York Appleton, 1940). (Mead, 1972, p. 14)

Sass (2004, p. 17) explica que para compor breves notas sobre a vida de George Mead recorreu a Schellenberg, 1981, p. 45-52; Mead, 1938, p. LXXV-LXXIX; Dewey, 1938, p. 25-32; Baldwin, 1986, p. 7-9.

Farr (1996), em *As Raízes da Psicologia Social Moderna*, faz uma contextualização histórica da Psicologia Social, resgatando a obra e a importância de Mead para a psicologia. Em relação à biografia e à revisão da obra de Mead, dois autores são constantemente citados: Faris (1936) e Joas (1980).

Infelizmente ainda não encontramos em português nenhum dos quatro livros póstumo de Mead e muito menos alguma revisão biográfica.

CAPÍTULO 3

APROPRIAÇÕES TEÓRICAS DE G. H. MEAD: UTILIZAÇÕES

Ao decidir por analisar as obras de Peter Berger/ Thomas Luckmann e Jürgen Habermas, com intento de verificar as apropriações dos conceitos meadianos, percebemos a necessidade de delimitação do material investigado; aos dois trabalhos em parceria de Berger e Luckmann, acrescentamos apenas um capítulo de Habermas: “Individuação através de socialização. Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead”, em *Pensamento Pós-Metafísico* (1988), por explicitar nele seu entendimento da teoria meadiana.

Para a consecução destas análises, e com a expectativa de mostrar a importância da obra de Mead na construção de aportes científicos da teoria social, realizamos um esquadramento à medida que minuciosamente procurávamos, ao longo dos textos, tópicos que pudessem nos remeter ao trabalho de Mead.

Este procedimento pontua com precisão os excertos meadianos nas obras analisadas de Berger e Luckmann: *A Construção Social da Realidade* (1966), e *Modernidade, pluralismo e crise de sentido* (1995), e o texto referido de Habermas (1988), permitindo uma visão panorâmica da participação de Mead nestas elaborações científicas. Seguem-se as três tabelas, nas quais, além da página e intertítulo no qual é citado, transcrevem-se o parágrafo em que a citação aparece.

Tabela 2. Contribuições Meadianas na obra, *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (1966). BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. Tradução de Floriano S. Fernandes. Petrópolis, Vozes, 24^a ed. 2004

Nº da Página	Intertítulo	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Madiana
32	Introdução: O PROBLEMA DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO	“Nossos pressupostos sócio-psicológicos, especialmente importantes para a análise da interiorização da realidade social, são grandemente influenciados por George Herbert Mead e alguns desenvolvimentos de sua obra realizados pela chamada escola simbólico-interacionista da sociologia americana”.

Continua...

Tabela 2- *Continuação*

Nº da Página	Intertítulo	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Madiana
71	II. A Sociedade como Realidade Objetiva, 1. Institucionalização, a) Organismo e atividade	“O ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos que o têm a seu cargo”. “O termo ‘outros significativos’ foi tomado de Mead”.
72	Idem	“Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo”. “Isto constitui uma decisiva diferença antropológica entre Marx e qualquer perspectiva adequadamente sociológica, de um lado (especialmente a que é fundada na psicologia social de Mead), e, de outro lado Freud e a maioria das perspectivas psicológicas não - freudianas”.
73	Idem	“Por conseguinte, a formação do eu deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, no qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos”. “Este ponto é explicado na teoria de Mead sobre a gênese social do eu”.
74, 75	Idem	“O caráter social da autoprodução do homem foi formulado de maneira mais nítida por Marx na crítica a Stirner na <i>A Ideologia Alemã</i> . A evolução de Jean Paul Sartre de seu primitivo existencialismo à sua posterior modificação marxista, isto é do <i>L’être et néant a Critique de la raison dialectique</i> , é o mais impressionante exemplo na antropologia filosófica contemporânea da realização desta compreensão sociologicamente decisiva. O particular interesse de Sartre nas ‘mediações’ entre os processos macroscópicos sócio-históricos e a biografia individual seria grandemente beneficiado, ainda uma vez, pela consideração da psicologia social de Mead”.
82	II. A Sociedade como Realidade Objetiva, 1. Institucionalização, b) As origens da institucionalização	“O termo ‘tomar o papel do outro’ foi tirado de Mead. Tomamos aqui o paradigma da socialização, exposto por Mead, aplicando-o ao problema mais amplo da institucionalização. A argumentação combina aspectos fundamentais dos enfoques de Mead e Gehlen”.

Continua...

Tabela 2- Continuação

Nº da Página	Intertítulo	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Madiana
102	II. A Sociedade como Realidade Objetiva, 1. Institucionalização, d) Papéis	Sobre o 'eu social' confrontado com o eu em sua totalidade, cf. o conceito de Mead do 'mim' [me] com o conceito, enunciado por Durkheim, de <i>homo duplex</i> .
103	Idem	“Embora nossa argumentação use termos estranhos a Mead, nossa concepção do papel é muito próxima à dele e pretende ser uma extensão da teoria do papel de Mead em um quadro de referencia mais amplo, a saber, aquele que inclui uma teoria das instituições”.
136, 137	II. A Sociedade como Realidade Objetiva, 2. Legitimação, a) As origens dos universos simbólicos	“A mesma função legitimadora refere-se à 'exatidão' da identidade subjetiva do indivíduo. Pela própria natureza da socialização, a identidade subjetiva é uma entidade precária. Depende das relações individuais com os outros significativos, que podem mudar ou desaparecer”. “A precariedade da identidade subjetiva está já implicada na análise de Mead da gênese do eu”.
175	III. A Sociedade como Realidade Subjetiva, 1. A Interiorização da Realidade, a) A socialização primária	“(…) Todo indivíduo nasceu em uma estrutura social objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam de sua socialização”. “Nossa descrição neste ponto apóia-se sem dúvida abundantemente na teoria da socialização de Mead”.
177	Idem	“(…) Em outras palavras, a personalidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos outros para ele significativos”. “Nossa concepção do caráter reflexo do eu deriva de Cooley e Mead. Suas raízes podem ser encontradas na análise do 'eu social' de William James (<i>Principles of Psychology</i>)”.
177	Idem	“Embora isto não possa ser desenvolvido aqui, pode-se dizer o suficiente para indicar a possibilidade de uma psicologia social genuinamente dialética. Esta seria igualmente importante para a antropologia filosófica e para a sociologia. No que diz respeito a esta última, uma tal psicologia social (fundamentalmente de orientação no sentido de Mead, mas com o acréscimo de importantes elementos retirados de outras correntes do pensamento social científico) tornaria desnecessário procurar alianças teoricamente insustentáveis com o psicologismo freudiano ou behaviorista”.

Continua...

Tabela 2- *Continuação*

Nº da Página	Intertítulo	Observações- Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
178	Idem	“O conceito de ‘outro generalizado’ é usado aqui inteiramente no sentido que lhe foi dado por Mead”.
243	Conclusão: A Sociologia do Conhecimento e a Teoria Sociológica	“Finalmente, afirmamos que a ligação, por nós estabelecida aqui, entre a sociologia do conhecimento e o núcleo teórico do pensamento de Mead e sua escola sugere uma interessante possibilidade para o que poderia ser chamado psicologia sociológica, isto é, uma psicologia que deriva suas perspectivas fundamentais da compreensão sociológica da condição humana.”

No segundo trabalho em parceria, *Modernidade, Pluralismo e Crise de sentido: A orientação do homem moderno (1995)*, Berger/ Luckmann analisam o mundo atual e suas características, partindo da perspectiva social para a compreensão do pluralismo na modernidade como responsável pela crise de sentido⁴⁸.

Tabela 3. Contribuição Meadiana na obra *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno (1995)*. BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, Vozes, 2004.

Nº da Página; edição (2004)	Intertítulo	Observação – Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
55	4. <i>A perda da auto-evidência</i>	“Unindo a teoria das instituições, de Gehlen, e a psicologia social, de George Herbert Mead (da qual já aproveitamos alguma coisa na explanação anterior sobre a formação da identidade pessoal), pode-se dizer que os ‘programas’ institucionais são ‘internalizados’ na consciência do indivíduo e o dirigem em seu agir não como experimentando um sentido estranho, mas como dele próprio. Os ‘programas’ são ‘internalizados’ em processos de camadas múltiplas; em primeiro lugar na ‘socialização primária’, em que se coloca a pedra fundamental da construção da identidade pessoal; depois na ‘socialização secundária’, que introduz o indivíduo nos papéis da realidade social, sobretudo do mundo do trabalho”.

⁴⁸ - Neste segundo trabalho, Berger/Luckmann raramente indicam os autores que os auxiliam em seus pensamentos, e continuam sem apresentar as referências bibliográficas. Porém, esta obra demonstra coerência e continuidade em relação aos temas abordados no “*A Construção Social da Realidade (1966)*” construindo um encadeamento de idéias complementares. Preocuparemos então em entendê-la, para inferirmos onde as contribuições de Mead importam para Berger/ Luckmann na busca de compreensão da sociedade moderna.

Habermas, também com o auxílio da teoria de Mead, encorpa a análise social ao focalizar a questão da individuação, em detrimento das determinações gerais da sociedade analisadas por Berger/ Luckmann. Também para este autor as contribuições de Mead são essenciais.

Tabela 4. Contribuições Meadianas na obra *Pensamento Pós-Metafísico: Estudos Filosóficos (1988)* de Jürgen Habermas no item 8, “Individuação através de socialização. Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead”, III parte, “Entre a Metafísica e a Crítica da Razão”. Traduzido do original alemão, Tempo Brasileiro, 2. ed. 2002.

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
185	“No meu entender, a única tentativa promissora de apreender conceitualmente o conteúdo pleno do significado da individualização social encontra-se na psicologia social de G. H. Mead. Ele coloca a diferenciação da estrutura de papéis em contato com a formação da consciência e com a obtenção de autonomia de indivíduos que são socializados em situações cada vez mais diferenciadas. Em Hegel, a individuação depende da subjetivação crescente do espírito, ao passo que em Mead ela resulta da internalização das instâncias controladoras do comportamento, que de certo modo imigram de fora para dentro.”
186	“Mead tem um outro mérito, no meu entender, que é o de ter acolhido certos motivos encontráveis em Humboldt e Kierkegaard: que a individuação não é representada como auto-realização de um sujeito auto-ativo na liberdade e na solidão, mas como um processo linguisticamente mediado da socialização e, ao mesmo tempo, da constituição de uma história de vida consciente de si mesma.”
187	“Antes de me ocupar da concepção de Mead, eu gostaria de lançar uma visão retrospectiva sobre a história do conceito ‘natureza individual’ – a própria expressão revela o paradoxo – e mostrar que ele escapa aos conceitos básicos da metafísica, mesmo da que se apresenta com as roupagens da filosofia da consciência.”
196	“Finalmente, a fusão entre constituição do mundo e auto-determinação, que Fichte empreende no conceito da auto-atividade, mostra-se fecunda para a concepção de uma identidade-eu, <i>pretendida</i> por mim, para mim mesmo. (...) Esse pensamento será realizado por G. H. Mead, no momento em que reduz a instância-eu da filosofia da consciência a um ‘Me’, a um ‘Selbst’ que se põe apenas em contextos de interação, sob os olhos de um <i>Alter</i> – tirando assim todos os conceitos fundamentais da filosofia da base da consciência e transportando-os para a linguagem.”
197	“Mead será o primeiro a tomar o enfoque performativo da primeira pessoa em relação à segunda – e principalmente a relação simétrica tu-me – como chave para a sua crítica ao modelo do espelho, isto é, a auto-relação do sujeito que se objetiva a si mesmo.”

Continua...

Tabela 4- *Continuação*

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
204	<p>“G. H. Mead foi o primeiro a refletir sobre esse modelo intersubjetivo do Eu produzido socialmente. Ele lança fora o modelo da reflexão da autoconsciência, de acordo com o qual o sujeito cognoscente refere-se a si mesmo como um objeto, a fim de apoderar-se de si mesmo e, através disso, tornar-se consciente de si mesmo. A própria doutrina da ciência de Fichte, tem início nas aporias da filosofia da reflexão – porém, somente Mead foi capaz de nos tirar destas aporias seguindo o caminho de uma análise da interação, a qual, diga-se de passagem, já está insinuada na doutrina dos costumes, de Fichte.”</p>
205	<p>“Mead retoma o programa da filosofia da consciência, porém, à luz dos pressupostos naturalistas da psicologia funcionalista de um John Dewey. No início, ele se interessa epistemologicamente pelo esclarecimento da subjetividade e da autoconsciência, isto é, na perspectiva de um psicólogo que dá conta a si mesmo sobre a constituição de seu campo de objetos. Esse é o questionamento de um dos primeiros artigos ‘Sobre a definição do psíquico’ (1903). A questão acerca das condições de acesso ao mundo subjetivo por parte do psicólogo é ligada pouco tempo depois à questão genética acerca das condições sob as quais emerge a vida autoconsciente. Encontramos uma resposta exploratória no escrito intitulado ‘Consciência Social e a consciência de significados’ (1910). Numa sequência rápida aparecem outros artigos, nos quais Mead elabora a solução do duplo problema de um acesso auto-reflexivo à consciência e da gênese da autoconsciência. O derradeiro artigo nesta série, intitulado ‘A identidade social’ (1913) começa com o círculo da reflexão, do qual Fichte tinha partido: o ‘Eu’ que o sujeito cognoscente detecta em sua auto-reflexão, já aparece objetivado na forma de um ‘Me’, puramente observado”. O Eu espontâneo, ou seja, o <i>Selbst</i> que foi transformado em objeto; porém, o Eu espontâneo não é dado na experiência consciente: ‘Pois, no momento em que é representado, ele já passou para o caso-objeto e pressupõe um Eu que observa – porém, um Eu que só pode revelar-se perante si mesmo ao deixar de ser o sujeito para o qual o objeto ‘Me’ existe’ O Eu espontâneo, ou seja, o <i>Selbst</i> que foi transformado em objeto; porém, o Eu espontâneo não é dado na experiência consciente: ‘Pois, no momento em que é representado, ele já passou para o caso-objeto e pressupõe um Eu que observa – porém, um Eu que só pode revelar-se perante si mesmo ao deixar de ser o sujeito para o qual o objeto ‘Me’ existe.’”</p>
205	<p>“A idéia com a qual Mead rompe esse círculo da reflexão auto-objetivadora, impõe a passagem para o paradigma da interação mediada simbolicamente.”</p>
206	<p>“O <i>Selbst</i>, que está conscientemente perante o <i>Selbst</i> de outros, torna-se, pois, um objeto, um outro em relação a si mesmo pelo fato de se ouvir falar e de dar respostas a si mesmo.”</p> <p>“Mead descreve o <i>Selbst</i> da autoconsciência como objeto <i>social</i> que coincide com as feições que o ator detecta em si mesmo no agir comunicativo, ao entrar em sintonia com a relação atual eu-tu e ao descobrir-se nesse processo como <i>Alter ego</i> de seu <i>Alter ego</i>.”</p>

Continua...

Tabela 4- *Continuação*

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
207	“De fato, Mead pensa que nós somos obrigados a pressupor a autoconsciência, se pretendemos utilizar símbolos com significado idêntico. É bom volver as origens de Mead.”
207	“Nos seus primeiros trabalhos, Mead apoiara-se em reflexões de John Dewey, a fim de buscar, atrás do ‘ <i>M</i> ’ reificado da psicologia positivista, o ‘Eu’ como fonte de realizações espontâneas. Inicialmente Mead procurou um acesso ao mundo subjetivo servindo-se do conceito pragmatista da problematização de uma interpretação, já comprovada, que fora introduzida por Peirce. Um ‘problema’ estorva as execuções de um plano de ação empreendido, subtrai a base de validade de uma expectativa até então comprovada e provoca um conflito dos impulsos da ação. Nesta fase da desintegração implode em si mesmo aquilo que nós tínhamos aceito como objetivo: ‘nossos objetos são expulsos de sua posição objetiva e desterrados para um mundo subjetivo.’”
208	““O campo de objetos da psicologia funcionalista é aquele estágio da experiência, no interior do qual nós temos uma consciência imediata de impulsos conflitantes da ação, os quais tiram do objeto o seu caráter de objeto, deixando-nos, neste sentido, numa atitude da subjetividade, ao passo que deles surge um novo objeto de estímulo, dada a nossa atividade reconstrutiva, a qual forma parte do conceito do sujeito Eu.””
208	“Mead descobre logo que essa tentativa de explicação fracassa; pois, esse caminho não lhe permite tornar plausível o modo como o sujeito se descobre a si mesmo no decorrer da atividade despendida para solucionar um problema.”
208	“Mead só pode esclarecer o fenômeno e o surgimento da vida consciente após ter abandonado o modelo deweyano da relação instrumental de um ator isolado com coisas e acontecimentos a após ter adotado o caso modelar da relação interativa de vários atores entre si.”
209	“Mead amplia o conhecido princípio etológico que distingue o organismo singular em seu meio específico, acrescentando-lhe uma dimensão social. Ele se concentra na relação entre vários organismos (da mesma espécie), porque o comportamento solucionador de problemas se encontra em tais interações sob as condições de uma dupla contingência.”
209	““Quando alguém reage às condições do tempo, não consegue ter nenhuma influência sobre o tempo... Ao contrário, o comportamento social bem-sucedido nos conduz a um terreno, onde a consciência das próprias atitudes auxilia no controle do comportamento dos outros.””
209	“A competência de falar consigo mesmo pressupõe, de sua parte, uma forma elementar de auto-referência. Essa é a razão por que a análise de Mead refere-se ao nível pré-linguístico da comunicação através de gestos.”
209, 210	“Essa idéia de reconhecer-se-no-outro serve de fio condutor para a explicação de Mead, segundo a qual, a forma elementar da auto-referência torna-se possível através de um outro participante da interação.”

Continua...

Tabela 4- *Continuação*

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
210	“Para entendermos corretamente (talvez melhor do que ele mesmo) o pensamento de Mead, temos que respeitar a premissa segundo a qual a interação mediada por gestos ainda é comandada pelos instintos. Assim, nos círculos funcionais do comportamento comandado pelos instintos expressam-se significados ‘objetivos’ na perspectiva do etólogo observador, tais como, por exemplo: fuga, defesa, cuidado, reprodução, etc.”
210	“Mead é obrigado a recorrer a uma outra circunstância, já apontada por Herder, a fim de esclarecer quando é que o processo objetivo da interpretação do próprio comportamento através da reação comportamental de um outro pode ser compreendido pelo ator, que experimenta isso, como sendo uma interpretação – isso é possível quando o gesto interpretado pelo outro é um gesto sonoro.”
211	“Podemos detectar nesta reflexão a razão por que Mead modifica subrepticamente o tema, e de que modo o surgimento de uma auto-referência originária está ligado à passagem para um patamar evolucionariamente novo da comunicação.”
211	“Portanto, quando perguntamos acerca do lugar onde o ‘Eu’ da própria experiência surge diretamente, a resposta é a seguinte: como figura histórica. Aquilo que nós éramos instantes atrás, isso é o ‘Eu’ do ‘Me’.”
212	“Todavia, Mead descuida a distinção entre auto-relação originária, que prepara a passagem de uma comunicação mediada por gestos sonoros para uma comunicação genuinamente lingüística, e a auto-relação refletida que se produz apenas no diálogo consigo mesmo, pressupondo, pois, a comunicação lingüística.”
212	“Em suas aulas, Mead apaga essa diferença, provavelmente porque ele entende de antemão ‘conhecer’ como prática solucionadora de problemas e a auto-referência cognitiva como uma função do agir. Todavia, o sentido do par central de conceitos ‘I’ e ‘Me’ modifica-se subrepticamente no momento em que a dimensão motivacional da auto-referência entra em jogo. Mead explica certamente a auto-relação prática do mesmo modo que a auto-referência epistêmica a partir de uma reorganização do nível de interação pré-lingüística comandada pelos instintos.”
213	“Mead esclarece também essa correspondência entre instituições sociais e controles do comportamento no sistema de personalidade, lançando mão do conhecido mecanismo da assunção da perspectiva de um outro, o qual assume com relação a <i>Ego</i> – numa referência de interação – um enfoque performativo.”
213, 214	“Mead interpreta esse ‘Me’ como o ‘ <i>generalized other</i> ’ (o outro generalizado), isto é, como as expectativas de comportamento do ambiente social, generalizadas normativamente, que de certa forma imigram para o interior da pessoa.”

Continua...

Tabela 4- *Continuação*

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
214	“À primeira vista parece ser contra-intuitivo o fato de Mead atribuir essas forças inconscientes do desvio espontâneo a um ‘Eu’ – e não a um <i>Id</i> , como é o caso de Freud – e compreender o <i>Selbst</i> da auto-relação prática, portanto, a identidade da pessoa e a consciência dos deveres concretos, como o resultado anônimo de interações socializatórias.”
215	“É verdade que essa interpretação não esclarece ainda por que Mead mantém a diferença entre ‘ <i>Me</i> ’ e ‘ <i>T</i> ’, ao invés de deixar que um se dissolva no outro. (...) ‘Nós só estamos em condição de retornar sobre nós mesmos assumindo os papéis de outros.’” “Mead afirma também: ‘o outro generalizado de sua experiência empresta-lhe uma identidade-eu.’”
216	“Porém, a própria explanação fornecida por Mead com relação ao modo de funcionamento dessa identidade-eu deixa entrever por que ele não identifica esta com o ‘Eu’: ‘Nós nos louvamos e nos censuramos a nós mesmos. Nós mesmos nos batemos no ombro e, cheios de ira cega, batemos em nós mesmos. Ao censurarmos nossas idéias e monólogos e ao afirmamos as regras gerais e princípios de nossa comunidade de comunicação, assumimos o enfoque generalizado do grupo.’”
216	“Neste ponto importante, Mead recorre a processos de diferenciação social e às experiências de emancipação, em relação a formas de vida estandardizadas, bem delimitadas e bem firmes em termos de tradição, as quais acompanham regularmente a integração e a passagem para grupos de referência e formas ampliadas de intercâmbio, ao mesmo tempo mais abrangentes e funcionalmente diferenciadas.”
216	“Neste contexto, Mead fala do processo de ‘civilização’ da sociedade, que implica um progresso na individuação do indivíduo: ‘Na sociedade primitiva a individualidade manifesta-se numa medida muito maior do que na civilizada, através da adaptação mais ou menos perfeita a um determinado tipo social... Na sociedade civilizada a individualidade manifesta-se muito mais através da recusa ou da realização modificada dos respectivos tipos sociais... Ela tende a ser muito mais singular e diferenciada.’”
217	“A originalidade de Mead resulta da sua teoria da comunicação, desenvolvida independentemente numa perspectiva interior reconstrutiva, a qual lhe fornece elementos para atribuir um significado mais preciso aos conceitos básicos da sociologia, empregados geralmente de modo indeterminado.”
218	“A passagem para uma moral pós-convencional torna-se inevitável. Mead a interpreta da seguinte maneira: ‘Produz-se uma comunidade de comunicação ilimitada que transcende a ordem particular de uma sociedade determinada, no interior da qual os membros são capazes de sair da sociedade existente, quando se dá um conflito particular, a fim de buscar um consenso sobre costumes modificados de ação e uma nova formulação de idéias de valor.’”

Continua...

Tabela 4- Continuação

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
218	“A esfera pública universalizada, de Rousseau, e o mundo inteligível, de Kant, são concretizados socialmente por Mead e dinamizados temporalmente; e a antecipação de uma forma idealizada da comunicação deve assegurar ao processo discursivo da formação da vontade um momento de incondicionalidade.”
218	“A figura de pensamento desenvolvida por Peirce, ou seja, a de um consenso obtido na comunidade de comunicação ilimitada, a da <i>‘ultimate opinion’</i> , reaparece em Mead. No discurso prático nós construímos ‘um mundo ideal, não de coisas reais, mas do método apropriado. A pretensão chega até o ponto de exigir que todas as condições do comportamento e todos os valores, envolvidos num conflito, sejam levados em conta, abstraindo-se das formas de comportamento fixadas e das boas qualidades que conflitam entre si.’”
219	“‘Uma pessoa pode atingir o ponto onde ela se opõe ao mundo todo’. Como pessoa, porém, ela não poderá manter-se nessa situação de extremo isolamento como se fora um elemento isolado, in vácuo, ‘a não ser que ela entre como membro na república mais abrangente dos seres racionais.’”
219	“Quem desejar falar consigo mesmo com a voz da razão, situando-se bem dentro de si mesmo, ‘precisa abranger as vozes do passado e do futuro. Somente assim, a identidade pode assegurar para si mesma uma voz mais forte que a da comunidade (atualmente existente). Nós pensamos comumente que a voz da comunidade <i>em geral</i> coincide com a da comunidade maior do passado e do futuro.’”
219	“Mead levou o princípio da teoria moral mais longe que o de uma ética. Esta teria que enquadrar o conceito de auto-realização na moldura de uma teoria da comunicação semelhante àquela que a teoria moral desenvolve para o conceito de autodeterminação.”
219	“Neste contexto, Mead insiste no entrelaçamento entre individuação e socialização: ‘O fato que todo <i>Selbst</i> ... se forma através do processo social, sendo sua expressão individual... é facilmente combinável com o fato que todo o <i>Selbst</i> particular tem uma individualidade própria e específica... porque todo o <i>Selbst</i> particular forma sua posição própria e singular no interior desse processo, enquanto reflete suas estruturas organizadas de comportamento (precisamente como as mônadas do universo leibniziano, cada uma das quais reflete esse universo a partir de um outro ângulo).’”
219, 220	“Aqui Mead repete sua primeira constatação, ‘de que cada indivíduo classifica os acontecimentos na vida da comunidade, que é comum a todos, sob um aspecto que se distingue do ponto de vista de qualquer outro indivíduo. Nas palavras de Whitehead isso significa: cada indivíduo estratifica a vida comum de maneira diferente, e a vida da comunidade é a soma de todas estas estratificações’. Ambas as passagens reproduzem bem a intuição que Mead deseja expressar; no entanto, a referência ontologizante a Leibniz e a Whitehead desloca a explicação adequada para a qual apontam, no entanto, as reflexões do próprio Mead.”

Continua...

Tabela 4- *Continuação*

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
221	“Certos processos de diferenciação social impõem essa reconstrução. Eles colocam em movimento uma generalização de valores, e, especialmente no sistema jurídico, uma generalização de normas que exigem dos indivíduos socializados realizações singulares de tipo próprio. Estas dificuldades de decisão exigem uma identidade-eu de tipo não convencional.”
222	“Isso pode explicar tendências a uma certa carga existencial e à moralização de temas públicos, principalmente a tendência ao crescente represamento normativo na cultura política de sociedades desenvolvidas, fato deplorado pela crítica neo-conservadora. No entanto, as perspectivas democrático-radicais de Mead e Dewey conseguem obter a partir daí sua coerência interna.”
223, 224	“O significado performativo do ‘Eu’ é, pois, o ‘Me’ de Mead, o qual deve poder acompanhar todos os meus atos de fala. Mead insistiu que a referência a uma segunda pessoa é inevitável – portanto, fundamental – para qualquer auto-referência, também para a epistêmica. Com a formação de diferentes modos de comunicação (que Mead não investigou, assim como não investigara a dupla estrutura proposicional-ilocucionária da fala) ele reduz, no entanto, a auto-referência epistêmica à classe das ações de fala expressivas; ora, sabemos que uma auto-relação prática em sentido estrito diferencia-se dessa classe. Com isso se especifica também o significado da expressão-sujeito das proposições performativas, a saber, no sentido de ‘Me’, que Mead entendeu de um ponto de vista psicológico-social como a ‘identidade’ da pessoa capaz de falar e agir.”
225	“Por esta razão, Mead não se cansa de sublinhar que o momento da não-previsibilidade e da espontaneidade está no modo <i>como</i> o ator representa interativamente seus papéis.”
227	“Ora, Mead considerou a individualização social somente sob o ângulo da individualização progressiva. No seu entender, as sociedades modernas sobrecarregam o indivíduo com decisões que exigem uma identidade-eu pós-convencional, tornando necessária, assim, uma radicalização da autocompreensão prática do ator, a qual já está sempre pressuposta no uso da linguagem orientada para o entendimento. Contudo, a realidade é outra. Os processos da individualização social não se desenvolvem de modo linear. Os processos complexos revelam-se sob aspectos confusos e contraditórios. E estes só podem ser diferenciados adequadamente se interpretarmos os conceitos básicos convencionais da sociologia à luz da teoria da comunicação, que Mead desenvolveu primeiro num outro enfoque metódico.”
227	“Assim como o filósofo transcendental realiza sua pesquisa no enfoque de uma primeira pessoa, que se refere a si mesma, assim também Mead concretiza sua pragmática lingüística no enfoque de um participante da interação, o qual se refere a si mesmo a partir da perspectiva de uma segunda pessoa.”
228	“O conceito meadiano de ‘identidade’, delineado intersubjetivamente, oferece um meio para uma distinção nítida entre aspectos contrários da individualização social.”

Continua...

Tabela 4- *Continuação*

Nº da Página	Observações - Excertos demonstrativos da apropriação Meadiana
231	“Esse novo tipo de ligação social teria que ser pensado como realização própria dos indivíduos. Mead já mostrou, no entanto, que para isso não basta uma formação convencional da identidade.”
234	“Mead liberou o núcleo intersubjetivo do Eu. Através disso, ele pôde explicar por que uma identidade-eu, pós-convencional, não pode desenvolver-se sem antecipar estruturas comunicativas modificadas; porém, a partir do momento em que essa antecipação se torna realidade social, não deixará intocadas as formas tradicionais de integração social.”

Na sequência do capítulo apresentaremos o resultado da análise desses autores que trabalham com a Teoria Social e que recorrem à obra de Mead como referência balizadora de suas próprias pesquisas e teorias.

Peter Berger e Thomas Luckmann, são sociólogos, ambos nascidos na Europa; Berger em Viena e Luckmann na Eslovênia.

Tornaram-se cidadãos americanos após algum tempo de suas emigrações para os Estados Unidos. Encontraram-se no curso de pós-graduação na New School for Social Research antes de serem professores nesta mesma instituição em 1963. Após estreita colaboração, publicam em co-autoria o famoso livro *The Social Construction of Reality*. Nova York, Doubleday, 1966. (*A construção Social da Realidade*, Vozes, 1985, traduzido por Floriano de Souza Fernandes).

Mesmo com Luckmann voltando para Alemanha depois de terem publicado o livro, a distância entre os dois e a relativa diferença no interesse dos estudos não impediu de produzirem mais um trabalho em colaboração, *Modernität, Pluralismus und Sinnkrise: Die Orientierung des modernem Menschen*. Bertelsmann Foundation Publishers, 1995. (*Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno*, Vozes, 2004. Com tradução de Edgar Orth).

Atualmente, Berger leciona sociologia na Universidade de Rutgers e Luckmann na Universidade de Frankfurt.

Habermas, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt, é considerado como um dos mais influentes pensadores alemães em nossos dias. Como

filósofo e sociólogo articulou criativamente uma extraordinária produção literária especializada nas ciências sociais, teorias sociais e história das idéias, com uma provocativa e crítica teoria do conhecimento e interesses humanos. Em 1968 tornou-se professor da New York School for Social Research⁴⁹. Em 1972 mudou-se para o Instituto Max-Planck em Starnberg, Alemanha, assumindo sua direção. Contudo, em meados de 1980 retorna para seu posto de professor em Frankfurt até aposentar-se em 1994, porém sem deixar de contribuir para a teoria crítica da sociedade com suas palestras, seminários e livros que começam a ser traduzidos no Brasil.

Relembramos, conforme Sass (2004), que Mead finaliza *Mind, Self and Society*, concluindo que “o ideal da sociedade humana não poderá existir enquanto resultar impossível para os indivíduos penetrarem nas atitudes dos outros a quem afetam durante a execução de suas próprias funções peculiares.” (Mead, 1972, p. 328) Notamos algo familiar em Habermas (1990), em sua original tentativa de formular uma teoria capaz de emancipar-se das concepções individualistas e subjetivistas que costumam orientar as ciências humanas, sociais e naturais. “Só podem ser consideradas racionais as normas universais, que garantam a reciprocidade dos direitos e dos deveres de cada um com relação a todos os outros.” (p. 80)

Jürgen Habermas é um dos principais autores que têm resgatado a importância dos estudos de George Herbert Mead para o entendimento da socialização e da individuação. Segundo ele, “a única tentativa promissora de apreender conceitualmente o conteúdo pleno do significado da individualização social encontra-se na psicologia social de G. H. Mead.” (Habermas, 1990, p. 185)

⁴⁹ - Mesma instituição em que Berger e Luckmann fizeram suas pós-graduações e posteriormente tornaram-se professores.

1. MEAD, APORTE PARA MUDANÇA NA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO

Teremos como base inicial de análise das apropriações/contribuições de Mead, a obra: *A Construção Social da Realidade*, (1966) dos sociólogos Berger e Luckmann.

Berger/ Luckmann contextualizam a obra dentro da subdisciplina da Sociologia conhecida como sociologia do conhecimento – “tudo aquilo que se considera conhecimento na sociedade” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 11). Mediante o conhecimento do senso comum, constitui-se a realidade cotidiana para o membro comum da sociedade. Pretendem redefinir a sociologia do conhecimento ampliando-a; não se preocupam com a metodologia da Sociologia, mas com a teoria sociológica.

Entender o processo dialético entre a realidade objetiva e subjetiva tendo uma perspectiva humanística da teorização sociológica, sendo o laboratório para o conhecimento nada mais nada menos que a vida cotidiana, é o que instiga os autores para o trabalho de um modo geral.

Para compreendermos a exposição de nossos sociólogos, faz-se necessário entendermos suas definições de “realidade” e “conhecimento”, sendo a primeira uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos serem independentes de nossa própria volição e o conhecimento a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. Consideram ser estas definições válidas tanto para os homens da rua quanto para os filósofos, mas nunca esquecendo dos contextos sociais específicos.

Uma sociologia do conhecimento terá de tratar não somente da multiplicidade empírica do ‘conhecimento’ nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo de ‘conhecimento’ chega a ser socialmente estabelecido como ‘realidade’. (p. 13)

A sociologia do conhecimento deve procurar compreender o processo pelo qual isto se realiza, a análise da construção social da realidade.

Para uma breve contextualização da sociologia do conhecimento recorreremos a sua história, percorrendo o caminho descrito por Berger/ Luckmann: Esta “subdisciplina” teve origem em uma particular situação da história intelectual alemã (década de 1920) e em determinado contexto filosófico. Ao ser introduzida no mundo de língua inglesa, a mesma não deixou de ser influenciada por seus problemas particulares originais; como resultado, tornou-se um objeto marginal de estudo entre os sociólogos que a consideravam periférica.

Três criações do pensamento alemão do séc. XIX foram seus antecedentes; tem sua raiz na proposição de Marx que declara ser a consciência do homem determinada por seu ser social, herdando conceitos-chave, dentre os quais, ideologia, falsa consciência, infra-estrutura e superestrutura, atividade humana, e o mundo produzido por esta atividade respectivamente.

O anti-idealismo de Nietzsche acrescentara novas perspectivas para o pensamento humano visto agora como real instrumento de luta para a sobrevivência e pelo poder. “Nietzsche desenvolveu sua própria teoria da ‘falsa consciência’ em suas análises da significação social do engano e do auto-engano e da ilusão como condição necessária da vida.” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 19) A sociologia do conhecimento de um modo mais geral representava um tipo de aplicação chamada por Nietzsche de a “arte da desconfiança”.

A última influência precedente à sociologia do conhecimento foi o historicismo, expresso especialmente na obra de Wilhelm Dilthey na qual o tema dominante era o sentido da relatividade de todas as perspectivas sobre os acontecimentos humanos, isto é, da inevitável historicidade do pensamento humano⁵⁰.

Os autores consideram estas três correntes do pensamento alemão como os alicerces da sociologia do conhecimento. A partir desta base, surgem novos autores que continuam a processualidade teórica na sociologia do conhecimento e a influenciar Berger/ Luckmann que irão trilhar caminho científico “independente”.

⁵⁰ Interessante que, para Berger e Luckmann, essa herança historicista da sociologia do conhecimento, com interesses e métodos essencialmente históricos, contribuiu para sua marginalização no ambiente da sociologia americana.

O filósofo Scheler é citado em seu embate contra o relativismo na filosofia. Para ele, a sociologia do conhecimento seria a forma de estudar e proceder à frente da seleção sócio-histórica dos conteúdos ideativos. Fatores reais regulariam as condições nas quais certos fatores ideais podem aparecer na história; assim, a sociedade determinaria a presença mas não a natureza das idéias. “Fatores ideais” e “fatores reais” teriam uma função regulativa. Analisa assim, com um método essencialmente negativo, a maneira pela qual o conhecimento humano é ordenado na sociedade. Pelo seu modelo teríamos a “relativa e natural concepção do mundo”.

A partir daí é que a sociologia do conhecimento chega ao mundo de língua inglesa. Karl Mannheim tem maior destaque que Scheler por confrontar suas idéias com o marxismo, preocupando-se principalmente com o fenômeno da ideologia. Não haveria pensamento humano que fosse imune às influências ideologizantes de seu contexto social. Scheler com a concepção “moderada” e Mannheim com a “radical” foram decisivos para o debate sobre a sociologia do conhecimento; é fato que o subsequente desenvolvimento da disciplina constitui em grande parte em críticas e modificações dessas duas concepções (Berger/ Luckmann, 1966).

O sociólogo americano Robert Merton concentrou-se na obra de Mannheim acentuando a importância da escola de Durkheim, que é para ele o sociólogo do conhecimento por excelência. Outro representante desta escola é Theodor Geiger, voltado a um conceito mais estreito da ideologia, “como sendo o pensamento socialmente distorcido sustentando a possibilidade de superar a ideologia pela cuidadosa observação dos cânones científicos de procedimento” (p. 25), num esforço para integrar a sociologia do conhecimento com o enfoque neopositivista. Werner Stark, no estudo sistemático das condições sociais do conhecimento, chega a ir mais longe, deixando o problema da ideologia para trás, considerando ser o problema a sociologia da verdade, na relação entre as idéias e seu contexto social.

Parece-nos que Berger/ Luckmann partem desta configuração histórica da sociologia do conhecimento⁵¹ para criarem a sua excluindo os problemas teóricos e

⁵¹ - Berger/ Luckmann alertam que esta contextualização apontando os autores expoentes não pode ser considerada como um adequado panorama histórico da sociologia do conhecimento, mas, não menos importante, demonstra o desenvolvimento teórico por trás da bandeira da “sociologia do conhecimento”.

metodológicos que perturbaram seus fundadores. Afastam-se assim tanto de Scheler quanto de Mannheim e também dos últimos sociólogos de cunho neopositivista.

Colocamos decididamente entre parênteses todas as questões epistemológicas ou metodológicas relativas à validade da análise sociológica, na própria sociologia do conhecimento ou em qualquer outro terreno; nosso propósito aqui é evidentemente de caráter teórico; nosso empreendimento pertence à teoria sociológica e não à metodologia da sociologia. (Berger/ Luckmann, 1966, p. 28)

A sociologia do conhecimento deve ocupar-se com tudo que é considerado “conhecimento” na sociedade. Berger/ Luckmann explicitam a mudança de foco ao defenderem que o problema das idéias incluindo o problema da ideologia é apenas parte do problema mais amplo. Pretendem corrigir esta incompreensão intelectualista que não esgota o “real” para os membros de uma sociedade. O conhecimento do senso comum, e não as “idéias”, deve ser o foco central da “sociologia do conhecimento”. É proposta uma redefinição de longo alcance da sociologia do conhecimento. “A sociologia do conhecimento, portanto, deve tratar da construção social da realidade.” (p. 30)

Alfred Schutz ajuda-os nessa redefinição ao concentrar-se na estrutura do mundo do sentido comum da vida cotidiana, percebendo o que esta disciplina deveria focalizar. “O conhecimento encontra-se socialmente distribuído e o mecanismo desta distribuição pode tornar-se objeto de uma disciplina sociológica.” (Schutz, apud. Berger/ Luckmann, 1966, p.31)

Falando dos pressupostos antropológicos da “nova teoria”, Berger/ Luckmann citam: Marx, especialmente seus primeiros escritos; Helmuth Plessner e Arnold Gehlen pelas implicações antropológicas tiradas da biologia humana; Durkheim e sua escola de sociologia da França pela introdução de uma perspectiva dialética derivada de Marx; a acentuação da constituição da realidade social derivada de Weber, e por fim:

Nossos pressupostos sócio-psicológicos, especialmente importantes para a análise da interiorização da realidade social, são grandemente influenciados por George Herbert Mead e alguns desenvolvimentos de sua obra realizados pela chamada escola simbólico-interacionista da sociologia americana. (Berger/ Luckmann, 1966, p. 31)

Em nota de rodapé (p. 32), os dois sociólogos, fazem algumas ponderações sobre George Mead e a escola interacionista americana.

O malogro em fazer a conexão entre a psicologia social de Mead e a sociologia do conhecimento, por parte dos interacionistas simbólicos, relaciona-se sem dúvida com a limitada difusão da sociologia do conhecimento nos Estados Unidos, mas seu fundamento teórico mais importante tem de ser encontrado no fato de Mead e seus adeptos posteriores não terem criado um conceito adequado da estrutura social. Precisamente por esta razão, pensamos, é tão importante a integração das abordagens de Mead e de Durkheim. Pode-se observar aqui que, assim como a indiferença com relação à sociologia do conhecimento por parte dos psicólogos sociais americanos impediu estes de relacionar suas perspectivas com uma teoria macro-sociológica, da mesma maneira a total ignorância da obra de Mead constitui um grave defeito teórico do pensamento social neomarxista na Europa hoje em dia. Há uma considerável ironia no fato de ultimamente os teóricos neomarxistas estarem procurando uma ligação com a psicologia freudiana (fundamentalmente incompatível com as premissas antropológicas do marxismo), esquecendo completamente a existência da teoria de Mead sobre a dialética entre a sociedade e o indivíduo, que seria imensuravelmente mais compatível com sua própria abordagem....

Concluem os autores fazendo ainda uma ressalva, alertando que em alguns casos não são e nem poderiam ser “fiéis às intenções originais destas várias correntes da teoria social” (p. 32), e que o empenho estaria em criar um “raciocínio teórico sistemático” e não fazer uma síntese de conceitos e teorias. Notamos que o objetivo

dos autores é deslocar a sociologia do conhecimento da periferia para o próprio centro da teoria sociológica.

É precisamente o duplo caráter da sociedade em termos de facticidade objetiva e significado subjetivo que torna sua ‘realidade *sui generis*’, para usar outro termo fundamental de Durkheim. A questão central da teoria sociológica pode por conseguinte ser enunciada desta maneira: como é possível que significados subjetivos se tornem facticidades objetivas? (p. 34)

Berger/ Luckmann nos apresentaram uma breve história da sociologia do conhecimento, suas bases teóricas, seus protagonistas, e o momento de discordância em relação a esta teorização. A partir de então suas posições tendem a se materializar em idéias.

2. FALANDO EM CIÊNCIA: A LINGUAGEM DE MEAD

O conhecimento na vida cotidiana e a vida em si apresentam-se como uma realidade interpretada, dotada subjetivamente de sentido na medida em que formam um mundo coerente. Esta é a realidade, objeto de análise dos sociólogos Berger/ Luckmann. Assim tentam esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, “as objetivações dos processos e significações subjetivas graças às quais é construído o mundo intersubjetivo do senso comum.” (p. 36)

Habermas compreende que neste mesmo processo intersubjetivo de interiorização da realidade, à medida que os fundamentos do conhecimento trazem significações comuns para uma sociedade, dialeticamente ocorre a individuação do sujeito em meio a estes processos sociais intersubjetivos.

G. H. Mead foi o primeiro a refletir sobre esse modelo intersubjetivo do Eu produzido socialmente. Ele lança fora o modelo da reflexão da autoconsciência, de acordo com o qual o sujeito cognoscente refere-se a si mesmo como um objeto, a fim de apoderar-se de si mesmo e,

através disso, tornar-se consciente de si mesmo. (Habermas, 1988, p. 204)

Berger/ Luckmann consideram o método “empírico”, puramente descritivo da análise fenomenológica, o mais conveniente para esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, já que este “abstém-se de qualquer hipótese causal ou genética, assim como de afirmações relativas ao status ontológico dos fenômenos analisados.” (p. 37)

Minha consciência é capaz de mover-se através de diferentes esferas da realidade, sempre havendo uma que se apresente como a realidade por excelência, a realidade cotidiana, sendo sua presença esmagadora e maciça, experimentando a vida no estado de total vigília e isto constituindo uma naturalidade. Esta realidade então aparece como que objetivada, constituída por uma ordem de objetos anteriores a mim. Esta “naturalização” é mediada segundo Berger/ Luckmann pela linguagem.

A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde os abridores de latas até os automóveis de esporte, que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; vivo dentro de uma teia de relações humanas, de meu clube de xadrez até os Estados Unidos da América, que são também ordenadas por meio do vocabulário. (p. 38)

Sem esta interação comunicativa com os outros não podemos existir na vida cotidiana. A importância dada pelos autores à função da linguagem foi descrita por George Mead (1904), ao considerá-la como o *medium* fundamental que possibilita a construção do *self* no processo de interação entre o indivíduo e a sociedade. “Mead elabora um modelo eminentemente comunicativo de formação psíquica da individualidade, fundamentado na relação entre sujeitos mediatizada pela linguagem.” (Sass, 2004, p. 224)

Para Habermas (1988), ocorre uma guinada pragmático-formal quando Mead atribui primazia à linguagem como possibilidade de entendimento, de cooperação social, e como elemento constitutivo da consciência.

Mead tem um outro mérito, no meu entender, que é o de ter acolhido certos motivos encontráveis em Humboldt e Kierkegaard: que a individuação não é representada como a auto-realização de um sujeito auto-ativo na liberdade e na solidão, mas como um processo lingüisticamente mediado da socialização e, ao mesmo tempo, da constituição de uma história de vida consciente de si mesma. A identidade de indivíduos socializados forma-se simultaneamente no meio do entendimento lingüístico com outros e no meio do entendimento intra-subjetivo-histórico-vital consigo mesmo. A individualidade forma-se em condições de reconhecimento intersubjetivo e de auto-entendimento mediado intersubjetivamente. (p. 186-187)

Experimentamos a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, não a esgotando na imediatividade da vida diária. Concordando com Berger/ Luckmann: sou movido e minha consciência é motivada pragmaticamente, ou seja, dedico-me principalmente naquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer nele. Este é meu mundo por excelência. Meu interesse nas zonas distantes é menos intenso e certamente menos urgente⁵².

Ao aparecerem expectativas conflitantes no decorrer de nossa história, ocorre uma separação na medida em que temos de tomar decisões; elas são individuais, imputáveis e entram para o campo das possibilidades, que são corroboradas por nossa ação autônoma. Este cotidiano é intersubjetivo na medida em que participo comunicando e interagindo com outros homens que aqui e agora também têm seus planos. Consigo diferenciar as realidades de que tenho consciência mesmo sabendo

⁵² - Como sou um pesquisador o material de meu dia a dia tem a ver com isto, livros, anotações, orientações, dúvidas, estudos e cronogramas me ocupam. O que se passa no conselho de Psicologia, por exemplo, me interessa, pois pode afetar em algum momento meu cotidiano, mas nisto estou interessado menos diretamente.

que o mundo da vida é real tanto para mim quanto para os outros. Não deixamos de ter sonhos “individuais” e projetos diferentes.

De todo modo, sei que vivo com eles em um mundo comum. O que tem a maior importância é que eu sei que há uma contínua correspondência entre meus significados e seus significados neste mundo que partilhamos em comum, no que respeita a realidade dele. A atitude natural é a atitude da consciência do senso comum precisamente porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana. (Berger/ Luckmann, 1966, p. 40)

Não precisamos verificar a realidade da vida, pois a mesma está presente; uma facticidade compulsória de si mesma na rotineira experiência do existir. Quando aparece algo novo, uma surpresa dentro desta rotina, fazemos um movimento de assimilação e tentamos incorporar ao nosso dia a dia este potencial problema. Integramos aquilo que é problemático dentro daquilo que já é não-problemático. Parece-nos que Berger/ Luckmann encontram na linguagem, objetivadora da realidade, uma espécie de amortecedor catártico para possíveis angústias e conflitos.

Por conseguinte, ‘destrorço’ tipicamente a realidade destes últimos [conflitos] logo assim que começo a usar a linguagem comum para interpretá-los, isto é, ‘traduzo’ as experiências não-pertencentes à vida cotidiana na realidade suprema da vida diária. (p. 43-44)

Outro ponto importante para os autores na busca de entendimento sobre a produção social do conhecimento é a temporalidade, uma propriedade intrínseca da consciência que nos situa no cotidiano. A própria intersubjetividade tem essa dimensão temporal e social⁵³. Esta estrutura temporal é a responsável por fornecer a historicidade que determina minha situação no mundo da vida cotidiana; o relógio e

⁵³ - Tenho de levar em conta o tempo para tentar sincronizar meus próprios projetos; isto pode ser exemplificado ao pensarmos a própria questão do tempo para realizarmos a pesquisa em nosso país, ou seja, questões objetivas de uma facticidade temporal que está em nossa consciência.

o calendário garantem minha existência nesta estrutura temporal. O cotidiano se materializa impondo seqüências em nossos dias e em nossas biografias.

Ao prosseguirem com a análise dos fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, Berger e Luckmann comentam o importante papel da interação social. Parece-nos que também recorrem ou ao menos são influenciados pelo corpo teórico da obra de Mead. Somos levados a pensar nesta hipótese à medida que, para os autores, a situação de estar face a face com o outro seria o protótipo da interação social, já que a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros, este primeiro contato teria então grande importância sendo as demais interações derivadas dele. Na situação face a face o mundo é partilhado presentemente, meu aqui coincide com o agora do outro. Na relação ocorre um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele.

Todas as minhas expressões orientam-se na direção dele e vice-versa e esta contínua reciprocidade de atos expressivos é simultaneamente acessível a nós ambos. Isto significa que na situação face a face a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas. (Berger/ Luckmann, 1966, p. 47)

Parece-nos a própria mudança de enfoque feita por Mead, no seu esforço para compreender a gênese da personalidade, colocando a referência a uma segunda pessoa como sendo fundamental para qualquer auto-referência, rompendo com o círculo da reflexão auto-objetivadora ao tomar a relação simétrica “tu-me” , como chave para sua crítica à auto-relação do sujeito que objetiva a si mesmo, abrindo com isso, a passagem para um novo “paradigma”, em que a construção do ‘Eu’ vai se dar por meio de interações mediadas simbolicamente, em um processo lingüisticamente mediado pelo social⁵⁴.

Mead será o primeiro a tomar o enfoque performativo da primeira pessoa em relação à segunda – e principalmente a relação simétrica

⁵⁴ - “Tal modelo comunicativo representa, por assim dizer, uma ruptura de Mead com o modelo instrumental desenvolvido por John Dewey, e que marcou sobremaneira a primeira fase da obra de Mead” (Sass, 2004, p. 224). Mead apoiou-se em Dewey para através do “Me” reificado da psicologia positivista encontrar o “Eu” espontaneamente realizador.

tu-me – como chave para a sua crítica ao modelo do espelho, isto é, à auto-relação do sujeito que se objetiva a si mesmo. (Habermas, 1988 p. 197)

Ao abandonar este modelo instrumental deweyano, e adotar o modelo da relação interativa entre vários atores, Mead pode esclarecer o fenômeno do surgimento da consciência, acrescentando a dimensão social ao organismo singular.

Ainda assim restaria um problema a se pensar: como nas interações surge a auto-referência, se ainda não existe uma relação mediada lingüisticamente entre falante e ouvinte, na qual o *ego* poderia assumir para si o papel de um *Alter ego*? Conforme Habermas, esta seria a razão para Mead começar sua análise da comunicação no nível pré-lingüístico, pelos gestos.

Resultante de todo este processo é a autoconsciência originada comunicativamente, e não em um fenômeno autoconsciente que habitaria o sujeito, o que demonstra a dependência da subjetividade face à linguagem.

É a guinada em direção a um modo de ver intersubjetivista, onde a consciência que parece estar centrada no Eu não é imediata ou simplesmente interior. (...) Ao contrário, a autoconsciência forma-se através da relação simbolicamente mediada que se tem com um parceiro de interação, num caminho que vai de fora para dentro. (p. 212)

Ao interagir com o outro na vida cotidiana posso interpretá-lo erroneamente, além de existir a possibilidade de que “hipocritamente” esconda suas intenções, mas sem dúvida este contato face a face é o que pode reproduzir melhor a plenitude de sintomas da subjetividade, pois aqui a expressão é real, maciça e irresistível como a plenitude do cotidiano.

Ao objetivar meu próprio ser por meio da **linguagem** meu próprio ser torna-se maciça e continuamente **acessível a mim**, ao mesmo tempo que se torna assim **alcançável pelo outro**, e posso

espontaneamente responder a esse ser sem a “interrupção” da reflexão deliberada. (Berger/ Luckmann, 1966, p. 58, grifo nosso)

A linguagem faz mais real minha subjetividade não somente para meu interlocutor, mas também para mim mesmo. Conforme Mead; sou um objeto ou me transformo em, para mim mesmo, daí a possibilidade de reflexão imediata. Interessante perceber que esta reflexão é influenciada diretamente pela atitude do outro com relação a mim.

O gesto vocal humano – a palavra – é onde podemos encontrar o símbolo que tem significação idêntica, e isto é o que confere importância especial ao gesto vocal: é um desses estímulos sociais que afeta quando é produzido por outro; quer dizer, escutam-nos falar e o sentido do que dizemos é o mesmo para nós e para os outros. (Mead, 1972, apud Sass, 2004, p. 212, 213)

A estrutura social é compreendida como um elemento essencial da realidade da vida cotidiana. Esta estrutura seria formada pelos contatos e interações do meu viver cotidiano, nossas relações face a face seriam pré-requisitos para a realidade entendida como tipificações, que vão se tornando anônimas progressivamente à medida que se distanciam do “aqui e agora” do meu “circulo interior”. “A estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas.” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 52)

Para Sass (2004) a importância da linguagem⁵⁵ em suas várias formas de expressão aparece na obra de George Mead com pelo menos duas funções:

a) a de ser meio de comunicação entre os indivíduos da espécie, constituindo-se, por isso, na base socialmente genética da organização dos atos sociais; b) a de ser um dos principais mecanismos para o indivíduo controlar a sua ação em relação ao

⁵⁵ - Concordamos com Sass (2004) que a psicologia social meadiana não se separa da psicologia da linguagem sendo inclusive dela indissociável; podemos considerá-la como uma teoria dentre as clássicas da psicologia que procuram analisar as correlações intelectuais superiores entre a linguagem e o pensamento.

mundo, constituindo-se, nesse sentido, em componente fundamental da individuação. (Sass, 2004, p. 175)

Para a construção social da realidade, Berger/ Luckmann consideram a expressividade humana capaz de objetivações ao servir como índice mais ou menos duradouro dos processos subjetivos de seus produtores, permitindo que se estendam além da situação face a face. “A realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas.” (p. 54)

Atenção especial deve ser prestada para a importância da significação neste processo de objetivações, isto é, a produção humana de sinais. Habermas, discutindo a linguagem como *medium* para a construção do Eu em Mead, vai caracterizar o ato social como um processo de ação e adaptação de cada indivíduo, por meio de gestos, às ações e reações dos outros indivíduos. Para ele, Mead:

Considera a linguagem de gestos – conversação de gestos – difundida nas sociedades desenvolvidas de vertebrados como ponto de partida evolutivo de um desenvolvimento da linguagem que conduz primeiro à etapa da interação mediada simbolicamente em termos de uma linguagem de sinais e depois à fala proposicionalmente diferenciada. (Habermas, 1987, p. 13)

Mead parte da premissa de que a interação mediada por gestos é comandada pelos instintos como, por exemplo, para fuga, defesa, reprodução, etc. e que passaria a servir como objeto para a própria interpretação do comportamento a partir do momento em que o ator experimenta isso, interpretando o outro por seu gesto sonoro. “Através do gesto sonoro, que ambos os organismos captam simultaneamente, o ator é afetado ao mesmo tempo e da mesma maneira que o seu parceiro” (Habermas, 1988, p. 210), aprendendo a compreender o próprio comportamento na perspectiva do outro.

O emprego dos gestos e a capacidade reflexiva de pensar é o que possibilita ao ser humano adotar o papel do outro, para regular sua própria conduta na medida em que um gesto representa a idéia que existe por trás dele e provoca essa idéia em um outro indivíduo. Tem-se, então, um símbolo significante que representa um certo

significado e quando o gesto chega a essa situação tem-se uma linguagem propriamente dita.

Habermas chega com Mead no conceito de significação, que surgiria no momento da reação da segunda pessoa ao gesto da primeira, sendo que essa reação significa, ao mesmo tempo, “adaptação” do segundo organismo ao gesto do primeiro; estímulo para readaptação desse primeiro organismo à reação do segundo, e é também a resultante do ato social que foi iniciado por ambos os organismos envolvidos.

Com essa auto-referência, o ator reduplica-se, passando para a instância de um ‘*Me*’, que acompanha o ‘*Eu*’ performativo como se fosse uma sombra – como uma sombra, pois, ‘eu’, enquanto autor de um gesto realizado espontaneamente, somente sou dado ‘a mim’ na recordação: Portanto, quando perguntamos acerca do lugar onde o ‘*Eu*’ da própria experiência surge diretamente, a resposta é a seguinte: como figura histórica. Aquilo que nós éramos instantes atrás, isso é o “*Eu*” do “*Me*” (p. 211)

Essas objetivações são mantidas principalmente pela significação lingüística. Compreender a linguagem é essencial para tornar real meu cotidiano. “A linguagem, que pode ser aqui definida como sistema de sinais vocais, é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 56), mesmo porque ela é capaz de se tornar o repositório de vários tipos de acumulações de significados e experiências que se perpetuam sendo transmitidas para diferentes gerações.

De início, é conveniente ressaltar que a palavra é um gesto vocal cujas características o distinguem dos outros tipos de gestos. Já está suficientemente estabelecida na literatura psicológica a importância decisiva da linguagem oral de unitermos para o desenvolvimento psicológico humano, pois esta é a forma primeira com que a criança ‘sintetiza’ comportamentos complexos como os de solicitar comida ou água a sua mãe dizendo apenas ‘papá’ ou ‘aca’, claro indício de que a indicação libertou-se do momento gestual (Sass, 2004, p. 208-209)

A linguagem força-me a entrar em seus padrões, sendo uma facticidade anterior e externa a mim. À medida que levo em conta os padrões dominantes da fala em determinadas ocasiões e situações, a mesma torna-se coercitiva, ao agrupar e tipificar as experiências em amplas categorias que são semelhantes a mim e aos outros de minha sociedade. Esta capacidade transcendente da linguagem de ir além do aqui-agora estabelece as pontes que possibilitam integrar as diferentes esferas da realidade dotando-as de sentido no cotidiano. O resultado desta possibilidade transcendente da linguagem é presentificar uma grande variedade de objetos que estão espacialmente, temporalmente e socialmente ausentes no “aqui e agora”, ou seja, por meio da linguagem um mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento.

A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo”. (...). Sendo assim, “o simbolismo e a linguagem simbólica tornam-se componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade.” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 61)

Sendo o sistema de sinais lingüísticos decisivo, a linguagem objetiva as experiências partilhadas e as torna acessíveis a todos dentro da comunidade lingüística, passando a ser base e instrumento do acervo coletivo do conhecimento. É a sedimentação pura e objetivada de conhecimentos que são transmitidos na tradição da coletividade em questão. Mead desbrava estas considerações acerca da importância social da linguagem. É esta mesma linguagem, veículo da historicidade, que nos permite novas interações integrando-as na realidade construída da ciência.

3. MEAD, UM ‘OUTRO’ MUITO ‘SIGNIFICATIVO’

Continuando o entendimento sobre a construção social da realidade, Berger/Luckmann se aproximam novamente de Mead ao fazerem uma diferenciação entre os humanos e os outros animais; estes teriam uma relação fechada com estruturas predeterminadas por seu equipamento biológico. O homem ao contrario se abre para o mundo ao se empenhar em diversas atividades; esta abertura não pode ser explicada em termos de processos biológicos; diferente dos outros animais, o homem não nasce “pronto”, sendo constituído na inter-relação com o ambiente que por sua vez é natural e humano.

Isto é, o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos que o têm a seu cargo. (Berger/Luckmann, 1966, p. 71)

Percebe-se logo a influência mais que ‘significativa’ da teoria meadiana. Aqui esta referência é explicitada em nota de rodapé (p. 71), da seguinte forma: “O termo ‘outros significativos’ foi tomado de Mead. Sobre a teoria da ontogênese do eu, enunciada por Mead, cf. a obra do autor *Mind, Self and Society* (Chicago, University of Chicago Press, 1934).”

Estas influências fazem com que os autores sustentem suas posições de que a direção do desenvolvimento orgânico é socialmente determinada, apesar dos limites fisiológicos nesta dupla correlação com o ambiente. A humanização é variável em sentido sócio-cultural e esta possibilidade naturaliza a espécie biologicamente. As formações sócio-culturais moldam e determinam a forma de humanização, ou seja, o homem constrói sua própria natureza ou, simplesmente, o homem produz a si mesmo. Mais uma vez em nota de rodapé, Berger e Luckmann mencionam Mead:

Há uma dicotomia fundamental entre a concepção do homem como um ser que se produz a si mesmo e a concepção da ‘natureza humana’. Isto constitui uma decisiva diferença antropológica entre

Marx e qualquer perspectiva adequadamente sociológica, de um lado (especialmente a que é fundada na psicologia social de Mead), e, de outro lado, Freud e a maioria das perspectivas psicológicas não-freudianas. O esclarecimento desta diferença é muito importante se quisermos que haja um debate significativo entre os campos da sociologia e da psicologia hoje em dia. Na própria teoria sociológica é possível distinguir várias posições conforme se aproximem mais do pólo 'sociológico' ou do pólo 'psicológico'. (...) (p. 72)

Berger/ Luckmann utilizam-se de exemplos na esfera sexual para demonstrar que a natureza humana não é biologicamente fixa; embora o homem possua impulsos sexuais, sua sexualidade caracteriza-se por uma grande flexibilidade tanto no que diz respeito aos objetos a que se dirige quanto a sua própria expressão, sendo assim produto das formações sócio-culturais próprias do homem. “Este ponto é explicado na teoria de Mead sobre a gênese social do eu” (1966). Os autores recorrem novamente a um conceito próximo a teoria meadiana para clarificar a questão: “Por conseguinte, a formação do eu deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, no qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos.” (p. 73)

Os mesmos processos sociais constituem a produção do 'eu' experimentado mais tarde como uma identidade subjetiva, e “produzem” o organismo em sua forma particular, culturalmente relativa. Os pressupostos genéticos são dados na hora do nascimento, já o eu não o é. Isto significa que o organismo e, principalmente, o 'Eu' não podem ser compreendidos fora do particular contexto social em que foram formados. Confirmando a expectativa de que o homem é necessariamente e sempre uma produção e um empreendimento social, os autores alertam para que este processo não seja visto como se o homem produzisse a si mesmo de forma solitária com um toque da inspiração divina.

Em nota de rodapé encontramos uma indicação na qual Mead pode contribuir: “O particular interesse de Sartre nas 'mediações' entre os processos macroscópicos sócio-históricos e a biografia individual seria grandemente beneficiado, ainda uma vez, pela consideração da psicologia social de Mead.” (p. 74)

Para uma adequada interpretação da realidade devemos levar em consideração, ao mesmo tempo, a realidade objetiva da sociedade e a realidade subjetiva internalizada em nossa socialização.

Para levar a cabo a análise social, Berger/ Luckmann compreendem que três momentos em curso da sociedade devam ser considerados: os fenômenos da exteriorização, objetivação e interiorização, pois todos aparecem simultaneamente na dialética social.

A história faz-nos membros da sociedade tão logo nos damos conta de nossa precária condição, ao perceber subjetividades de outrem que se tornam significativos; antes, porém, temos apenas a sociabilidade para iniciarmos na sociedade. Essa propensão social permite-nos aos poucos interiorizar e perceber nossos semelhantes, dotando também aos poucos sentido ao mundo. Começamos a entender e assumir o mundo dos outros, assim gradativamente este mundo também vai se tornando nosso, havendo uma identificação mútua entre nós. Surge assim o mais novo membro da sociedade, e este processo é conhecido como socialização.

“A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 175) ao ser introduzido em seu mundo objetivo. Esta socialização é carregada de emoção e aprendizado; a criança identifica-se com seus outros significativos dentro de um mundo já estruturado objetivamente e simbolicamente, absorvendo papéis e atitudes dos mesmos, formando assim a base para todas as subseqüentes socializações, denominadas secundárias. Berger/ Luckmann comentam, mais uma vez em nota de rodapé: “**Nossa descrição** neste ponto **apóia-se** sem dúvida **abundantemente na teoria da socialização de Mead**” (p. 175, grifo nosso).

Nesta relação entre a identificação por outros e a auto-identificação, a criança vai acolhendo os papéis de seus outros significativos e os entendendo como seus. Assim, torna-se capaz de se identificar e de adquirir subjetivamente uma identidade coerente. “A personalidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos outros para ele significativos.” (p. 177)

Para Mead uma das características principais do *self* é a reflexividade, pois é construído através da resultante simbólica ou psíquica da interação entre a experiência ou atividade individual e os processos sociais, tendo como mediador a linguagem. “Nossa concepção do caráter reflexo do eu deriva de Cooley e Mead.” (Berger/ Luckmann. 1966, p. 177)

Essa relação entre a identidade objetiva e subjetivamente apropriada é a particularização geral da sociedade na vida do indivíduo; sobre suas implicações para a teoria sócio-psicológica, Berger e Luckmann esclarecem que:

Embora não possa ser desenvolvido aqui, pode-se dizer o suficiente para indicar a possibilidade de uma psicologia social genuinamente dialética. Esta seria igualmente importante para a antropologia filosófica e para a sociologia. No que diz respeito a esta última, uma psicologia social (fundamentalmente de orientação no sentido de Mead, mas com o acréscimo de importantes elementos retirados de outras correntes do pensamento social científico) tornariam desnecessário procurar alianças teoricamente insustentáveis com o psicologismo freudiano ou behaviorista. (p. 177)

A identidade então, para ser apropriada subjetivamente, precisa de um lugar específico no mundo, até por que, além de o indivíduo absorver os papéis de seus outros significativos, nesse mesmo processo assume o mundo deles, interiorizando-o.

No decorrer da socialização primária, a generalidade da norma se estende subjetivamente e a criança progressivamente começa a abstrair de papéis e atitudes particulares para o geral. O indivíduo agora se identifica com uma generalidade de outros, ou seja, com a sociedade, o que possibilita uma plausível identificação consigo mesmo. “Esta abstração dos papéis e atitudes dos outros significativos concretos é chamada o outro generalizado” (p. 178). E mais uma vez em nota de rodapé, os autores comentam que o “conceito de ‘outro generalizado’ é usado aqui inteiramente no sentido que lhe foi dado por Mead” (178), e concluem que:

A formação na consciência do outro generalizado marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização. (p. 179)

Para Sass (2004, p. 280), em decorrência da maneira como Mead define o conceito, o outro generalizado se constitui um elemento de mediação entre o indivíduo e a sociedade, ou é a forma concreta com que esta opera sobre aquele. Dizendo com as palavras do próprio Mead:

É na forma do outro generalizado que os processos sociais influenciam na conduta dos indivíduos envolvidos nele e que os levam a cabo, i é, que a comunidade exerce controle sobre a conduta de seus membros individuais; pois dessa maneira o processo ou comunidade social entra como um fator determinante no pensamento do indivíduo. No pensamento abstrato o indivíduo adota a atitude do outro generalizado. (Mead, 1972, p. 155)

Portanto, é através da atividade abstrata do pensar que o indivíduo estabelece uma conversação interna consigo mesmo, e relaciona-se diretamente com o ponto de vista do ‘outro generalizado’, que serve como uma espécie de referencial de interlocução.

No decorrer deste processo de socialização e interiorização da realidade, a linguagem se faz instrumento fundamental que possibilita a interlocução na consciência entre a realidade objetiva e a subjetiva; “aquilo que é real fora corresponde ao que é real dentro” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 179) e vice-versa, mas este processo não chega a ser simétrico completamente, pois há sempre mais realidade objetiva disponível. Não interiorizamos tudo de nossa sociedade, inclusive pelo fato de nossa socialização ser determinada, via linguagem, pela distribuição social do conhecimento. Lembramos que, para Mead, é através da interação lingüística com o mundo que o indivíduo converte-se, por meio de seu *self*, em um

objeto para si próprio, uma vez que aquilo que é comunicado não é somente dirigido aos outros, mas também ao próprio indivíduo.

A socialização nunca se encerra, as exigências da ordem institucional e o acervo de conhecimentos da sociedade influem diretamente neste processo sem fim.

O que acontece na socialização primária é que a criança, mesmo não sendo passiva, não tem como escolher seus outros significativos, identificando-se automaticamente com eles. Este é seu primeiro mundo e por isso esta socialização é tão marcante para os indivíduos.

Amplia-se depois a assunção de perspectivas de um outro na interação, para a assimilação ampla de papéis sociais. *Ego* assume as expectativas normativas de *Alter*, agora por uma instância reflexiva, as expectativas de comportamentos de outros, como as instituições estabelecidas historicamente são vivenciadas.

“O ‘*Me*’ da *auto-relação* prática não é mais a sede de uma *auto-consciência* originária ou refletida, mas a instância do *auto-controle*.” (Habermas, 1988, p. 213) Mead interpreta esse ‘*Me*’ como o ‘generalized other’ (o outro generalizado), isto é, “como as expectativas de comportamento do ambiente social, generalizadas normativamente, que de certa forma imigram para o interior da pessoa.” (p. 214)

A dualidade ‘*Eu*’-‘*Me*’, encontrada na obra de Mead, representa dois aspectos do ‘*self*’. O ‘*Eu*’ seria o ‘*self*’ enquanto sujeito, e o ‘*Me*’, o ‘*self*’ enquanto objeto. Caberia ao ‘*Eu*’ um papel essencialmente de agente, que desempenha suas atividades na imediaticidade do presente e reage às atitudes dos outros no aqui-agora. Já o ‘*Me*’ seria uma espécie de recordação das atitudes do ‘*Eu*’, bem como a série de atitudes organizadas dos outros que o ‘*self*’ individual adota. Daí a ligação com a cultura internalizada, com os conteúdos de memória e com todos aqueles valores que de um modo geral pertencem à sociedade, pois o ‘*Me*’ vai estar inter-relacionado também com as influências e conseqüências sociais da ação do ‘*Eu*’.

“A *auto-relação* prática torna-se possível através de um ‘*Me*’, que levanta barreiras à impulsividade e à criatividade de um ‘*Eu*’ resistente, na perspectiva intersubjetiva do ‘*Nós*’ social.” (Habermas, 1988, p. 214)

O ‘*Me*’, em qualquer situação, é composto pela internalização ou incorporação do ‘outro generalizado’, uma vez que essa parte do ‘*self*’ engloba ou

incorpora todas as atitudes dos outros, por mais específicas ou generalizadas que possam ser. A ação seria resultado do diálogo interno entre o 'eu' e o 'me'.

Já que o indivíduo "socializando" é agora membro "oficial" da sociedade, a distribuição social do trabalho e a distribuição do conhecimento começam a afetá-lo diretamente. Quando isto acontece, a socialização secundária torna-se inevitável. "A socialização secundária é a interiorização de 'submundos' institucionais ou baseados em instituições" (Berger/ Luckmann, 1966, p. 185), determinados diretamente pela divisão do trabalho e conseqüentemente pela distribuição social do conhecimento e suas especialidades. A função primordial desta segunda socialização seria a aquisição de linguagens, vocabulários, e conhecimentos de funções específicas, mais precisamente,

Aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional. Ao mesmo tempo, são também adquiridas 'compreensões tácitas', avaliações e colorações afetivas desses campos semânticos. (p. 185)

Estes "submundos" parciais e específicos adquiridos com esta socialização contrastam com o "mundo básico" já estabelecido e arraigado na primeira socialização. A semelhança é que ambos precisam de legitimação para se identificar subjetivamente com as respectivas funções e normas adequadas do papel que irão exercer. Surge assim um problema de fundamental importância, a saber; como estas socializações secundárias serão interiorizadas por uma personalidade basicamente constituída em sua primeira socialização onde a realidade era mediada por seus outros significativos?

A socialização secundária precisa de procedimentos conceituais para manter e conservar a coerência ao integrar novos corpos de conhecimentos. Ocorre um grande reforço institucional à medida que o indivíduo pragmaticamente vai adquirindo capacidade para executar novas funções, sendo prestigiado pelo pessoal ministrante deste corpo de conhecimentos.

Enquanto a socialização primária não pode ser realizada sem a identificação, carregada de emoção, da criança com seus outros significativos, a maior parte da socialização secundária pode dispensar este tipo de identificação e prosseguir eficientemente só com a quantidade de identificação mútua incluída em qualquer comunicação entre seres humanos. (Berger e Luckmann, 1966, p. 188)

Percebemos que as funções da socialização secundária são bem mais formais e anônimas que de sua antecedente. Por isso, é bem mais tranqüilo colocar em xeque o conhecimento interiorizado nesta fase e até mesmo deslocá-lo.

A conseqüência imediata de tantas possibilidades na socialização secundária é a existência de sistemas muito diferenciados que se constituem de acordo com as exigências das várias categorias do pessoal institucional. Outra conseqüência é a dificuldade em haver uma certa simetria entre as realidades objetiva e a subjetiva, já que a socialização não para, a sociedade cria procedimentos para superar este impasse.

4. MEAD, AS INSTITUIÇÕES E A REALIDADE

A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana. Uma progressiva produção humana em sua exteriorização. “A inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua conduta” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 77); a ordem social não é derivada dos dados biológicos, mas é proveniente do equipamento biológico humano na medida em que o próprio homem tem de especializar e dirigir seus impulsos. Mas, tendo opções plurais e imersos em um desenvolvimento acelerado das sociedades como é possível falar em sentido, em “direção” para os impulsos? “Como ajustam as pessoas os inúmeros papéis e conexões sociais que atuam?” (Berger/ Luckmann, 1995, p. 7)⁵⁶

⁵⁶ - “Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno”, (Berger e Luckmann, 1995).

Ultimamente as pessoas se constituem e estabelecem padrões para sua vida em nova circunstância. São estes padrões que nos orientarão diante das tomadas de decisões.

Em meio a esta estruturação histórica o resultado direto é a diferenciação do reservatório social do sentido. A parte acessível a todos é a que possibilita o entendimento comum, e ao processamento das experiências. Outra parte é “reservada” aos especialistas que irão demarcar território com seus conhecimentos herméticos.

“Ao controle da produção de sentido associa-se a comunicação de sentido. Através da educação ou da doutrinação orientada visa-se a que o indivíduo só pense e faça o que corresponde às normas da sociedade.” (Berger/ Luckmann, 1995, p. 23)

À medida que os sentidos e as vivências tornam-se experiências no cotidiano, as ações sociais vividas interativamente começam a ser significadas historicamente, acontecendo o fenômeno social da formação do acervo de conhecimentos de determinada sociedade, surgindo também o que conhecemos como tradição. Estas ações comuns vividas socialmente, onde se pressupõe certa uniformidade de comportamentos historicamente objetivados é terreno para a formação das instituições sociais.

A formação do hábito acarreta o importante ganho psicológico de fazer estreitarem-se as opções possibilitando uma “economia” psíquica. Toda institucionalização é precedida pela formação dos hábitos e ao mesmo tempo é coextensiva à medida que os hábitos se formam tendo já um mundo de instituições que o precedem.

As áreas de sentido são estratificadas configurando valores que serão aplicados para regular a vida social e individual, e para superar possíveis crises que transcendam ao cotidiano. Instituições produzem sentido, mas como se formam?

“A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores.” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 79). A historicidade e o controle são tipificadores das instituições que são compartilhadas, e nunca criadas instantaneamente. “As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida.” (p. 79)

Inerente às instituições há um caráter controlador à medida que estabelecem padrões pré-definidos para a conduta humana. É o que conhecemos como controle social. Tais mecanismos permeiam muitas instituições e mesmo sociedades.

Fica evidente o papel da institucionalização se manifestando em coletividades; a “institucionalização fará” com que indivíduos, à medida que forem interagindo, possam prever atitudes do outro e isto sendo essencial para diminuir a quantidade de tensão no contato. Esta possibilidade aparecerá pela real possibilidade de um tomar o papel do outro.

O termo “tomar o papel do outro” foi tirado de Mead. Tomamos aqui o paradigma da socialização, exposto por Mead, aplicando-o ao problema mais amplo da institucionalização. A argumentação combina aspectos fundamentais dos enfoques de Mead e de Gehlen. (Berger/ Luckmann, 1966, p. 82)

A institucionalização se aperfeiçoa à medida que se torna histórica objetivando relações. Assim as instituições são experimentadas como a própria realidade com a qual os indivíduos se defrontam, como fato coercitivo, anterior e exterior a eles, se expandindo para os demais através da linguagem. À medida que uma geração repassa suas objetivações para a geração seguinte socializando-as, a primeira tende a solidificar ainda mais suas instituições, pois as mesmas refletiriam de volta sobre seus transmissores. Só desta maneira, com o mundo objetivado, é que as formações sociais podem ser passadas para uma nova geração, e elas a recebem como prontas, dadas, inalteráveis e evidentes.

Nas fases iniciais da socialização a criança é completamente incapaz de distinguir entre a objetividade dos fenômenos naturais e a objetividade das formações sociais. Tomando o aspecto mais importante da socialização, a linguagem aparece à criança como inerente à natureza das coisas, não podendo perceber a noção do caráter convencional dela. (p. 85)

As instituições são anteriores a nós persistindo, queiramos ou não, sendo fatídicas em sua coerção tanto pelos mecanismos de controle quanto por sua facticidade. Este mundo institucional é experimentado de tal forma que sua realidade sobressalta a história individual, pois já existe antes dela e continuará existindo depois. Como estas instituições são entendidas como realidades exteriores, os indivíduos não podem entendê-las por introspecção; ao contrário, apreendem-nas na interação com os outros.

“A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social.” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 87)

Berger/ Luckmann apontam para a legitimação do mundo institucional como mais um fator decisivo no processo da construção social da realidade. Esta legitimação, que explica e justifica o mundo, aparece cada vez mais real ao passo que vai sendo transmitida. O fato de a realidade ser histórica faz com que chegue com mais força às novas gerações que a compreendem como tradição.

O que a sociedade admite como conhecimento vem a ser coextensivo com o cognoscível, ou de qualquer modo fornece a estrutura dentro da qual tudo aquilo que ainda não é conhecido chegará a ser conhecido no futuro. Este é o **conhecimento** aprendido no curso da **socialização** e que serve de **mediação** na **interiorização** pela **consciência** individual das estruturas objetivadas do mundo social. Neste sentido, o conhecimento situa-se no coração da **dialética** fundamental da **sociedade**. ‘Programa’ os canais pelos quais a **exteriorização** produz um mundo objetivo. Objetiva este mundo por meio da **linguagem**, isto é ordena-o em objetos que serão apreendidos como **realidade**. É em seguida **interiorizado** como verdade objetivamente válida no curso da **socialização**. Desta maneira, o conhecimento relativo à **sociedade** é uma realização no duplo sentido da palavra, no sentido de apreender a **realidade social objetivada** e no sentido de produzir continuamente esta realidade.
(p. 94, grifo nosso)

Resultante deste processo socializante é o início da construção dos papéis sociais; “as origens de qualquer ordem institucional consistem na tipificação dos

desempenhos de um indivíduo e dos outros” (Berger/ Luckmann, 1995, p. 101), ou seja, para o indivíduo ser representante de um papel é necessário que os outros também possam executar este papel e vice-versa, sendo ambos compreendidos como executantes de ações objetivas, conhecidas e recorrentes a qualquer ator que se adequar; as instituições precisam e produzem seus atores.

“A tipificação das formas de ação requer haver nestas um sentido objetivo, que por sua vez exige uma objetividade lingüística.” (p. 101) A ação executada é determinada socialmente, ou, o papel do ator é compreendido devido à possibilidade de encontrar sua atuação dentro do repertório oferecido pelo acervo do conhecimento produzido em sua sociedade. Partes constitutivas de sua personalidade podem ser acolhidas à medida que estes fragmentos se enquadrem objetivamente nas tipificações socialmente válidas. Estes segmentos formam o “verdadeiro ‘eu social’, que é subjetivamente experimentado como distinto do eu em sua totalidade, chegando mesmo a defrontar-se com este” (p. 102), permitindo uma “conversa” interna entre os diferentes segmentos da personalidade.

Neste aspecto fundamental em relação à institucionalização dos papéis, os autores recorrem a Mead: “Sobre o ‘eu social’ confrontado com o eu em sua totalidade, cf. o conceito de Mead do ‘mim’ [me] com o conceito, enunciado por Durkheim, de *homo duplex*.” (p. 102)

A consciência não emana do “eu”, pois não a experimenta diretamente, mas mediatizada da memória daquilo que é para “mim”. “Do confronto entre a ação do ‘eu’ e a reflexão da experiência em ‘mim’ é tecida a trama da autoconsciência ou consciência de si.” (Sass, 2004, p. 264). O ‘self’ é um processo que envolve duas partes: o ‘eu’ e o ‘me’. “As atitudes dos outros constituem o mim organizado e então o indivíduo reage a elas como um ‘eu’.” (Mead, 1972, p. 175)

O indivíduo participa de um mundo social ao desempenhar papéis e ao interiorizá-los tornando o mundo subjetivo real. Esta incorporação dos papéis via instituições é objetivada lingüisticamente. Há padrões a serem desempenhados de acordo com o cabedal social do conhecimento que os torna acessíveis aos membros da sociedade. Papéis sociais participam do esquema controlador das instituições à medida que os atores executam papéis que são passíveis de reforços institucionais

por perpetuarem a realidade. Ganha-se por ter uma “identidade”, por mantê-la e “propagá-la”, evitando distorções imprevistas.

Somente mediante esta representação em papéis desempenhados é que a instituição pode manifestar-se na experiência real. Cotidianamente e continuamente as interpretações dos papéis vivificam as instituições, pois os atores representam-na em experiências reais e individuais.

Para apreendermos determinado papel, é preciso que sejamos iniciados em várias etapas cognoscitivas e mesmo afetivas do corpo de conhecimentos adequados. Cada papel é uma chave para entrarmos em lugares específicos do acervo total do conhecimento de uma sociedade. Isto implica uma distribuição social do conhecimento.

O sentido objetivo da ordem institucional apresenta-se a cada indivíduo como dado universalmente conhecido, (*outro generalizado*), socialmente admitido como natural e certo enquanto tal. Se há algum problema, deve-se a dificuldades subjetivas que o indivíduo pode ter na interiorização de significados a respeito dos quais existe acordo social (Berger e Luckmann, 1966, p. 114. destaque nosso)

À medida que a distribuição do conhecimento segmenta a ordem institucional, aparece o problema de fornecer significados integradores e abrangentes que dêem um sentido objetivo para a experiência do indivíduo nesta sociedade fragmentada.

Devido à variabilidade histórica da institucionalização ocorre um fenômeno que faz com que percamos de vista estas objetivações institucionais, naturalizando-as. “A reificação é a apreensão dos produtos da atividade humana como se fossem algo diferente de produtos humanos, como se fossem fatos da natureza, resultados de leis cósmicas ou manifestações da vontade divina.” (p. 122)

Outro fenômeno de manutenção deste universo institucional é a legitimação, uma espécie de objetivação de segunda ordem que viria para “reconciliar” a disparidade entre os significados institucionais existentes. A legitimação viria para explicar e justificar esta lacuna existente entre o indivíduo e as instituições,

possibilitando o entendimento dos aspectos desta relação tornando-os inteligíveis e integrados. Estes processos simbólicos legitimam a biografia individual e a própria institucionalização ao oferecer ordem para apreensão da experiência biográfica subjetivamente, integrando as realidades dotando-as de sentido no cotidiano.

“A precariedade da identidade subjetiva está já implicada na análise de Mead da gênese do eu.” (Berger/ Luckmann, 1966, p. 137)

O pluralismo moderno se caracteriza em uma sociedade na qual as ordens de valores e as reservas de sentido não são mais propriedade comum a todos os membros da sociedade; não existe uma única realidade. Este sentido é diferenciado para cada cidadão; nem mesmo ideologias totalitárias conseguiram triunfar em suas tentativas radicais de uniformizar tais sistemas interpretando-os para fazê-los característicos e estruturantes da sociedade moderna.

Percebemos a importância das instituições para a orientação do ser humano na realidade social, aliviando um pouco suas angústias ao criarem “‘programas’ para a execução de interações e para a ‘realização’ de currículos de vida.” (Berger/ Luckmann, 1995, p. 55)

Muitas interações sociais de importância são realizadas automaticamente, devido ao fato da institucionalização praticamente substituir os instintos, possibilitando um agir mais espontâneo sem grandes preocupações em pesar possibilidades e alternativas.

Unindo a teoria das instituições, de Gehlen, e a **psicologia social de George Herbert Mead** (da qual já aproveitamos alguma coisa na explanação anterior sobre a formação da identidade pessoal), pode-se dizer que os **‘programas’ institucionais são ‘internalizados’** na consciência do indivíduo e o dirigem em seu agir não como experimentando um sentido estranho, mas como dele próprio. Os ‘programas’ são ‘internalizados’ em processos de camadas múltiplas; em primeiro lugar na **‘socialização primária’**, em que se coloca a **pedra fundamental da construção da identidade pessoal**; depois na **‘socialização secundária’**, que **introduz o indivíduo nos papéis da realidade social**, sobretudo do mundo do trabalho. (p. 55-56, grifo nosso)

Há uma correspondência entre conduta e papel desempenhado, já que as estruturas da sociedade tornam-se as estruturantes da consciência. Na formação das identidades pessoais, é comum acontecer rupturas na transição da socialização primária para a secundária, e ainda o indivíduo pode querer transferir seus sonhos para a realidade do cotidiano, aventurar-se fora do programa pré-estabelecido socialmente, elaborando pensamentos perigosos ao já instituído.

A supressão ou ao menos a limitação do pluralismo, seriam necessários para os projetos restauradores de reconstituição de um “mundo curado”, já que o pluralismo coloca uma gama de possibilidades diante de nossas mãos; as alternativas obrigam a refletirmos, podendo desencadear a possibilidade cômoda de nossa auto-evidência querer se aproximar e assemelhar-se ao “mundo curado”. Ofertas não faltam (religiosas, políticas, terapêuticas) que pretendam tornar possível uma volta interior, como se curassem os sofrimentos causados pela alienação.

O desenvolvimento tecnológico, em um plano puramente material, traz consigo uma expansão enorme de possibilidades. “A perda de auto-evidência é hoje um fenômeno global” (Berger/ Luckmann, 1995, p. 63). Em todas as sociedades ocorrem mudanças prototípicas na existência do indivíduo que se não forem reconhecidas socialmente, podem provocar a crise de sentido. A sociedade moderna “inventa” novas instituições para a produção e a comunicação de sentido⁵⁷.

Os meios de comunicação de massa desempenham um papel fundamental nesta moderna orientação de sentido, intermediando a experiência coletiva e a individual com suas típicas interpretações para seus problemas preferidos. “As mais diferentes reservas de sentido tornaram-se acessíveis em geral através dos meios de comunicação de massa” (p. 88). Estas costumam ter grande carga moral, às vezes implicitamente e são utilizadas pelo poder político e econômico como representantes de comunidades de convicção⁵⁸.

⁵⁷ - Diferentes tendências de psicoterapias, aconselhamento sexual e profissional e até de etiqueta. Às vezes nem é preciso recorrer a uma instituição, repartição ou consultório, basta ligar a televisão e ali estão diversos programas terapêuticos ao nosso dispor, ou podemos ir a uma livraria e escolher, entre muitos, um livro de auto-ajuda, ou uma revista educativa de moda, padrões, tendências e comportamentos. (Berger/ Luckmann, 1995)

⁵⁸ - “Ora, a prática dos modelos culturais, em nossas sociedades de consumo, tem revelado serem os mesmos maquiados pelo poder político e econômico, com a finalidade de manipular e mascarar necessidades humanas” (Campos, org. 1996).

Tudo o que as outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação, (*outro generalizado*), selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão. (Berger/ Luckmann, 1995, p. 68. destaque nosso)

A participação da sociedade na formulação de estratégias para a organização social permite que o indivíduo coloque a serviço de vários setores da sociedade os valores de sua vida privada; indivíduos coincidentes à sua instituição. “Com a ajuda dessas instituições a própria pessoa colabora na produção e processamento do acervo social de sentido” (p. 70), e por isso esta reserva de sentido é experimentada como se fosse sua, natural, formada pelos membros individuais de sua sociedade.

Isto acontece diferentemente em cada sociedade, já que o sentido objetivo deste agir é ditado principalmente pelas instituições de poder (político) e econômico sendo subjetivamente incorporadas por cada membro social⁵⁹.

Neste sentido a preocupação seria em entender a identidade pessoal, o ponto de referência pessoal do sentido da vida e do agir. “A identidade pessoal da criança se forma ao perceber o reflexo de seu comportamento na ação das pessoas que lhe estão mais próximas” (p. 77), decorrendo daí o fato da pessoa ter em seu agir individual uma certa coerência social, amenizando o surgimento das possíveis crises subjetivas de sentido.

No entanto, em decorrência deste pluralismo moderno, duas reações contraditórias e extremas, tanto individuais quanto institucionais, podem ocorrer:

A atitude ‘fundamentalista’ pretende reconquistar a sociedade toda para os valores e tradições antigos. Os políticos tentaram sempre de novo explorar para seus objetivos as emoções ligadas a esta atitude. (...) Por outro lado, a atitude ‘relativista’ desistiu de afirmar quaisquer valores e reservas de sentido comuns. (p. 79)

⁵⁹ - De antemão adiantamos nossas considerações finais para dizer que consideramos as instituições de poder político e econômico uma espécie de “outro generalizado” meadiano que ditam os modelos culturais significativos e socializadores dos cidadãos. Partimos daí para pensarmos a questão de identidade.

Percebe-se um paradoxo social. Se de um lado a diferenciação estrutural das funções e o próprio pluralismo trazem vantagens e possibilidades as sociedades lhes oferecendo um certo bem-estar econômico, material e psíquico, estas mesmas características dificultam a geração, comunicação e preservação de sentido.

Nestas mesmas sociedades em que surgiram as crises, acontece um contra-ataque. As “instituições intermediárias” refreariam a crise impedindo que se espalhe por toda sociedade. Elas abrandam as crises não deixando que se propaguem. Uma alternativa possível é nos conformarmos com as conseqüências negativas do pluralismo e da diferenciação estrutural, para não tendermos a reação relativista e nem as possibilidades fundamentalistas.

O programa é modesto, mas, pensamos nós, realistas: as instituições intermediárias precisam ser apoiadas lá onde não encarnam atitudes ‘fundamentalistas’, mas onde apóiam os ‘pequenos mundos da vida’ de comunidades de sentido e eventualmente também de convicção e educam ao mesmo tempo seus membros para serem portadores de uma ‘civil society’ pluralista. (Berger/ Luckmann, 1995, p. 83)

As instituições se organizam racionalmente para a consecução de seus objetivos determinando o agir dentro de uma ética específica. Mas as comunidades de vida e de convicção não ficam tão distantes na sociedade, e mesmo chegam a atravessá-la. Resta saber quais são verdadeiramente as instituições intermediárias que possam mediar as reservas de sentido entre as grandes instituições e a vida do indivíduo nas duas direções, tanto para cima quanto para baixo, como sugere a idéia da “civil society”.

Somente quando estas instituições intermediárias se integrarem ao contexto de suas sociedades, e contribuírem para que os padrões subjetivos de experiência e de ação dos indivíduos participem da discussão e estabelecimento de sentido, será possível evitar que os indivíduos se sintam totalmente estranhos no mundo moderno; e somente então será possível evitar que a identidade das pessoas individuais e a coesão intersubjetiva das sociedades sejam ameaçadas ou, até mesmo, destruídas pelas afecções de crises da modernidade. (p. 90, 91)

5. MEAD E OS ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE

“O elemento individual deve ser caracterizado como sendo o essencial; no entanto, ele somente pode ser determinado como o acidental, isto é, como aquilo que se desvia da incorporação exemplar de um geral genérico (...).” (Habermas, 1990, p. 184)

Veremos que as contribuições de Mead são fundamentais para superar a dicotomia existente entre indivíduo/sociedade, auxiliando-nos a compreender a realidade social e a formação da individualidade em meio aos processos sociais. No prefácio de *“Espiritu, persona e sociedad: Desde el punto de vista Del conductivismo social”*, Germani (1972) lembra três aspectos destacados por Mead para esta compreensão: a historicidade do indivíduo como autoconsciência, ou seja, a anterioridade histórica da sociedade sobre o indivíduo; o desenvolvimento do indivíduo autoconsciente a partir de uma matriz social; e a formação do “Eu” pela adoção de “outro(s) generalizado(s)”, atribuída pela adoção de papéis e pela internalização sociocultural. A autoconsciência é então uma suposição histórica internalizada que se individua junto ao processo de socialização.

O emaranhado destas relações sociais ao qual estamos submetidos é o pressuposto histórico que permite a emergência de nossa autoconsciência, de nosso “si mesmo”. A criança apreende o mundo social se auto-identificando e internalizando seus outros significativos. Com a aquisição da linguagem e pela diferenciação dos setores da sociedade, desenvolve o pensamento reflexivo que permite o aparecimento do *Selbst*; a pessoa passa a ser um objeto para si mesmo.

É o próprio Mead quem faz a passagem deste modelo de “reflexão objetivadora” para o “paradigma da interação mediada simbolicamente” sendo pioneiro em refletir sobre esse modelo intersubjetivo do Eu produzido socialmente. “O conceito meadiano de “identidade”, delinea-se intersubjetivisticamente, oferece um meio para uma distinção nítida entre aspectos contrários da individualização social.” (Habermas, 1988, p. 228)

Habermas (1988) considera que Mead foi o único que conceitualmente apreendeu o conteúdo pleno do significado da individuação social, como não somente a diferenciação de identidades singulares, mas, também, o crescimento da

autonomia pessoal; uma individuação progressiva decorre de “realizações autônomas do sujeito”.

Ora, isso só é possível se o indivíduo apropriar-se de sua história de vida de modo crítico: num ato paradoxal, eu tenho que escolher-me a mim mesmo como eu sou e como eu gostaria de ser. A história de vida torna-se o princípio da individuação, mas para que isso aconteça, precisa ser transladada, através de tal ato de auto-escolha, para uma forma de existência auto-responsável. Essa decisão extraordinária pela auto-colocação, que coloca como que nas próprias mãos o *Selbst* que se formou historicamente, resulta na pretensão do indivíduo se ser idêntico consigo mesmo na vida ética. O indivíduo autêntico deve sua individuação a si mesmo; ele aceitou a si mesmo, por responsabilidade própria, como sendo este produto determinado de um certo ambiente histórico: podemos afirmar que enquanto ele se escolhe a si mesmo como produto, ele se produz a si mesmo. (Habermas, 1988, p. 198-199)

Alguém que tenha consciência das determinações sociais gerais, o “Mim” de Mead, pode individuar-se, responsabilizando-se por seus atos. “A individualidade forma-se em condições de reconhecimento intersubjetivo e de auto-entendimento mediado intersubjetivamente” (p. 187).

Habermas reconhece as decisivas contribuições de Mead, mas, ao fazer sua “guinada lingüística⁶⁰”, aponta algumas ressalvas no sentido de “atualizar” a teoria meadiana. Para ele, Mead compara a formação do “si mesmo” com Leibniz e sua teoria das “mônadas”, sendo esta referência “ontologizante” ao não considerar que:

O *Selbst* da auto-relação prática não pode certificar-se de si mesmo numa reflexão direta: ele precisa partir da perspectiva de outros; e isso vale não somente do *Selbst* como ser *autônomo*, mas também como ser *individuo*. Neste caso, eu não dependo do *assentimento* deles a meus juízos e ações, mas do *reconhecimento* por parte deles,

⁶⁰ - De acordo com Habermas (1988): É a substituição do paradigma da consciência, pela linguagem como critério de racionalidade por excelência, fugindo da unilateralidade da dimensão cognitiva para estabelecer um conceito mais amplo de razão.

de minha pretensão de originalidade e de insubstituíbilidade.
(Habermas, 1988, p. 220)

Outra consideração de Habermas é o fato de Mead priorizar as questões sociais influenciando na identidade e na conduta do indivíduo; a sociedade como formadora do *self* se sobreporia às atitudes individuais e seus reflexos na sociedade. O Trabalho de Habermas se pauta na busca deste equilíbrio no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Como vimos, Habermas diz ter sido Mead quem solucionou o problema da questão da individuação que, para Hegel, dependeria de uma subjetivação crescente do espírito. Ao apresentar-nos a proposição de que o indivíduo seria resultado da socialização e individuação em um processo tendo a linguagem como *medium*, Mead traz a questão da identidade para fora da metafísica, ampliando a possibilidade de sua compreensão, contribuindo, conforme Habermas (1988), decisivamente para esta área de estudos das ciências humanas e sociais.

A concepção de *self* de Mead e os conceitos de ‘mim’ e de ‘eu’ também são decisivos para Habermas, ao possibilitar-lhe compreender o desenvolvimento individual da Identidade.

Por via da internalização dos papéis sociais se forma uma estrutura de super-ego cada vez mais integrada, que permite ao agente orientar-se por pretensões normativas de validade. Ao tempo este super-ego – o mim – se forma o Eu – o eu - , o mundo subjetivo das vivências com que cada um tem acesso privilegiado. (Habermas, 1987, p. 62- 63)

Devido a esta tensão entre o ‘mim’ e o ‘eu’ seria impossível pensarmos em identidade estática, ou idêntica a si mesma.

Seriam estas as bases do significado da individuação social, para pensarmos a formação da “identidade-eu de tipo não convencional” (Habermas, 1988, p. 218), identidade formada socialmente, mas para a qual se espera uma autodeterminação e uma auto-realização. Habermas, em sua Teoria da Sociedade, distingue o mundo da

vida⁶¹ e a ordem sistêmica fazendo distinções entre ação comunicativa e ação estratégica, o que possibilitaria compreendermos a formação de identidade de um sujeito que se possui a si mesmo; o indivíduo situa-se no mundo compartilhando-o intersubjetivamente assumindo sua história conscientemente guiado por uma individualidade que foi adquirida socialmente, mas que deseja ser identificado como o “Eu” que se fez por si mesmo.

De acordo com Habermas (1988), para Mead, a individualidade emerge somente nas interações sociais ao realizar uma auto-reflexão moral e existencial em relação aos outros; somente assim produz-se um novo tipo de ligação entre sujeitos individualizados.

Este é o começo da Identidade gerada comunicativamente possibilitando a emergência da autoconsciência capaz de refletir sobre o si-mesmo responsabilizando-se, tendo o outro como um balizador internalizado nas interações sociais.

Esse novo tipo de ligação social teria que ser pensado como realização própria dos indivíduos. Mead já mostrou, no entanto, que para isso não basta uma formação convencional da identidade. Também não basta tomar o Eu como centro de uma escolha inteligente, egocêntrica, entre possibilidades de participação pré-estruturada sistematicamente. Pois, este indivíduo, ao mesmo tempo liberado e só, não dispõe, para a elaboração racional de uma necessidade crescente de decisão, de nenhum critério a não ser as preferências próprias, reguladas pelo imperativo natural da auto-afirmação. Uma instância-eu destituída de todas as dimensões normativas e reduzida a realizações de adaptação cognitiva forma, é verdade, um complemento funcional aos subsistemas comandados por meios; não pode, porém, substituir as realizações próprias da integração social, que um mundo da vida racionalizado exige dos indivíduos. Somente uma identidade-eu-pós-convencional poderia satisfazer a essas exigências. E esta somente pode formar-se no bojo de uma individuação progressiva. (p. 231-232)

⁶¹ -O “mundo da vida” seria constituído conforme Habermas, pelos elementos da cultura, sociedade e personalidade. É a condição de existência do entendimento e a fonte de racionalização comunicativa desenvolvidas em um mundo intersubjetivo, implicitamente consciente em cada indivíduo.

Compreendemos a identidade como um fenômeno social engendrado historicamente propiciando um sentido de Eu, situando o indivíduo no contexto das relações sociais humanas; a individuação e a socialização possibilitariam suas múltiplas faces. Essa identidade “é construção, reconstrução e desconstrução constantes, no dia-a-dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas” (Kolyniak e Ciampa, apud, Lima, 2005)⁶².

Para Ciampa, empiricamente a identidade se expressa em seus personagens, sendo a articulação destes papéis à composição da identidade do indivíduo; cada personagem seria um momento da identidade; degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si mesmos, movimento constante de regressão e progressão; identidade é história dentro de estórias.

É como Hegel explica: “a matéria, que, como formada, tem forma, torna a ser matéria para nova forma”. As imagens que Hegel utiliza são claras; cada momento do desenvolvimento do concreto é um degrau derradeiro de degraus anteriores, ao mesmo tempo que “é o ponto de partida e o primeiro de um sucessivo desenvolvimento”. O movimento do concreto é “uma série de desenvolvimento, que se não deve representar à maneira dum linha reta dirigida para um infinito abstrato, mas à maneira dum círculo que volta sobre si mesmo e cuja periferia é uma grande quantidade de círculos, em que é ao mesmo tempo uma grande série de desenvolvimentos que giram sobre si mesmos.” Se utilizarmos essas imagens para falar da metamorfose como desenvolvimento do concreto, podemos dizer que as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em movimento, ao mesmo tempo, de progressão e regressão. A identidade, como concreto, está sempre se concretizando. (Ciampa, 1987, p. 197-198)

⁶² - Concepção de Identidade apresentada por Ciampa em sua tese de doutorado: *A Estória do Severino e a História da Severina – um ensaio de psicologia social*; onde nos diz que é impossível falar de identidade sem falar em metamorfose, processo que se dá desde o nascimento até a morte. Identidade é a articulação tanto entre diferença e igualdade, como entre objetividade e subjetividade; “sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e a objetividade é finalidade sem realização.” (Ciampa, 1987, p. 145)

Ciampa explica a necessidade de normatização e conservação de determinados personagens conservando a identidade produzida, possibilitando a aparência da não-metamorfose⁶³.

A distinção entre “papel” e “personagem” feita por Ciampa (1987) é fundamental para compreendermos a construção social da identidade; o papel é resultado de uma definição institucional onde o indivíduo tem seus ganhos sociais, psíquicos e econômicos; assim a somatória de papéis não caracteriza a identidade de alguém, o que notamos é a possibilidade de identificarmos singularidades. O personagem, contudo, expressa a possibilidade autônoma do ator construí-la idiossincraticamente; temos de considerar além da noção de ator, a de autor, onde perceberemos a individualidade⁶⁴. Precisamos entender o próprio processo de produção da identidade para compreendermos a identidade.

Outra contribuição importante de Ciampa (1999) aos estudos sobre identidade é a incorporação e integração à sua própria teoria, do conceito de emancipação, Identidade-Metamorfose-Emancipação, colocando tanto questões individuais quanto coletivas em evidência, possibilitando embasamento para a discussão desta possibilidade emancipatória dos seres humanos e também sobre a temática das políticas de identidade.

A ampliação da concepção identidade-metamorfose-emancipação é resultado da influência dos trabalhos de Habermas na concepção de Identidade desenvolvida por Ciampa (...) **Habermas ao fazer a releitura do Materialismo Histórico e da teoria de George Herbert Mead amplia a possibilidade de estudo da identidade desenvolvido por Ciampa**, principalmente no que se refere à teoria de sociedade, a importância da simultaneidade da socialização e internalização; aspectos pouco explorados nos estudos de Berger e Luckmann e Sarbin & Scheibe (...) (Lima, 2005, p. 117, grifo nosso)

⁶³ - Para compreendermos este processo de fixação da identidade, Ciampa propõe dois movimentos, *mesmice* e *mesmidade*; “contudo, evitar a transformação é impossível, o que é possível, com muito trabalho é a conservação da *mesmice*”. Para um entendimento completo dos conceitos, Ciampa, (1987).

⁶⁴ - Ao se fundamentar no Materialismo Histórico, Ciampa leva em consideração as limitações impostas materialmente e historicamente pela sociedade nesta obra de construção de cada autor.

Ciampa afirma que compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade; para isto recorre a conceitos de Berger e Luckmann, tomando como base, os processos de exteriorização, objetivação e interiorização. Vimos que Berger/ Luckmann se apropriam da psicologia social de Mead com o intuito de explicação da formação da realidade objetiva, e principalmente da realidade subjetiva; conceitos como os de socialização, do outro significativo, e a importância da linguagem são algumas das contribuições meadianas. “Ciampa também apresenta a influência do pensamento ‘meadiano’ nos trabalhos de Scheibe, apontando a diferença na noção feita por Berger e Luckmann, que estaria na importância dada por Scheibe ao desenvolvimento de ‘valores’ na socialização” (p. 117). A escolha destes autores por Ciampa ocorreu devido ao fato dos mesmos fazerem uma releitura da teoria de George Herbert Mead que possibilitava pensar a questão da Identidade Social e sua relação com a ideologia para a Psicologia Social⁶⁵.

Nossa intenção ao nos enveredarmos pelo tortuoso e instigante campo de estudos da Identidade, não foi de esgotá-lo em uma resenha, pontuando alguns de seus principais conceitos e autores; não é nossa pretensão, nem objetivo, fazermos uma exposição que contemple e abarque teoricamente as questões da Identidade, e mesmo do pensamento dos autores que trabalham com a temática.

Nosso maior interesse esteve em demonstrar a influência da psicologia social de George Mead, para o entendimento e construção de uma área de interesse que se faz fundamental para o trabalho da Psicologia.

⁶⁵ - Lima (2005) constata a importância de Mead: “Entendendo a importância e a riqueza do pensamento de George Mead na concepção de identidade-metamorfose-emancipação desenvolvida por Ciampa, apresentaremos uma visão acerca de suas idéias principais, que serão retomadas a seguir, quando apresentarmos a teoria de Habermas (...)” (p. 118)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da investigação, dois aspectos do trabalho merecem destaque: a contribuição acerca da história de um pioneiro da psicologia social, o que possibilita inclusive vislumbrarmos a própria constituição da psicologia em seu tempo; e a análise das apropriações dos conceitos meadianos, facilitadores de compreensão para a teoria social; destacá-los: a linguagem, a interação social, e o processo de construção da individuação, paralelo à socialização, resultando em possibilidades de construção e desconstrução da identidade.

Com Berger e Luckmann constatamos a influência meadiana, na importância dada às relações, ao *outro* e seu papel constitutivo na interação social, propiciando um trabalho de reflexão do *eu*, essencial para o processo de surgimento do *self*. A *linguagem* de Mead foi o *medium* pelo qual os autores objetivaram seus conceitos científicos sobre a construção social do conhecimento; mesma linguagem utilizada por Habermas, ao começo de sua elaboração da teoria da individuação, que se torna um estudo sobre a sociedade, correlato à formação da identidade.

Vimos como a linguagem objetiva o mundo ao significar nossas experiências de modo coerente, onde ao mesmo tempo, apreendemos e produzimos este mundo. A conversação é a atualização desta eficácia realizadora da linguagem nas situações face a face da existência individual. Assim o indivíduo é capaz de manter sua auto-identificação já que sua realidade subjetiva é assegurada por uma base social onde as relações sociais são plausivelmente estruturadas e conversadas com outros.

Para Berger e Luckmann, a realidade social objetiva será defendida pela legitimação, via institucionalizações das comunidades de vida. Habermas se apoiando também na teoria meadiana reflete sobre a “defesa” da realidade subjetiva, nossa identidade apreendida na consciência individual, para o autor, não basta interiorizarmos uma sociedade, temos de apropriá-la internalizando-a como nossa.

Berger, Luckmann, desenvolvem uma teoria da “institucionalização”, analisando como a ordem social emerge, se mantém e se transmite através das gerações de uma sociedade. A questão dos papéis sociais, discutida não poderia prescindir da teoria da socialização de Mead; vimos à correlação entre o “outro

generalizado” meadiano com o “outro significativo”; as fases da socialização propostas por Mead, o “EU” e o “MIM”, aparecem para fortalecer a concepção de papéis sociais; esta análise é de grande importância por demonstrar, as mediações existentes entre os universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos.

Neste caminhar com Mead, concluem Berger e Luckmann, que o próprio estado psicológico é relativo às definições sociais da realidade em geral, sendo ele próprio socialmente definido. Por conseguinte, as teorias psicológicas com suas terapêuticas servem como legitimadoras dos procedimentos de conservação da identidade, e para repará-las, fornecendo a “ligação” entre o mundo e a identidade, tal como ambos são definidos socialmente e apreendidos subjetivamente. Este fato explica que nenhuma psicologia tem uma condição ontológica de suas categorias; psicologia também é construção social. Elas existem em virtude de definições sociais, e são interiorizadas como realidade no curso da socialização, refletindo a realidade psicológica que pretendem explicar, não sendo capazes de superar a relatividade sócio-histórica das sociedades, já que seus esquemas interpretativos são aplicáveis e condizem com fenômenos empíricos específicos da vida cotidiana das diferentes sociedades.

Como já notamos, a socialização tem condições e conseqüências estruturantes. A análise sócio-psicológica dos fenômenos de interiorização deve ser pensada em relação à compreensão dos processos macro-sociológicos. Existindo uma maior complexidade na distribuição do conhecimento, e na divisão do trabalho, *outros significativos* fazem a mediação de sua(s) realidade(s) objetivando-as para o mesmo indivíduo. Como a identidade é formada por processos sociais, é também por eles mantida, modificada, cristalizada, ou mesmo remodelada, tornando-se elemento central da realidade subjetiva ao se encontrar nesta relação com o mundo social.

Quando Berger e Luckmann apresentam esta idéia da identidade “cristalizada” em um processo de interiorização da sociedade através de sua realidade objetiva, parece-nos haver uma sobredeterminação do geral, da sociedade sobre o particular; mas, se os indivíduos socializados interiorizassem este mundo concreto de forma objetiva, como perceberíamos suas individualidades? Como neste

processo de socialização, chegaríamos à individuação, a uma identidade-singularizada em contínua metamorfose?

Vimos que a ascensão realizada por Habermas e Ciampa em relação à problemática da identidade, também é recorrente à obra de Mead; com um entendimento diferenciado, prosseguem com a construção social do conhecimento. É esta possibilidade conjuntural que queremos trazer para outros estudiosos e discursos da psicologia social.

Habermas, parte destes pressupostos meadianos, como elemento fundamental para sua Teoria da Sociedade e do Agir Comunicativo; pode-se dizer, que ele traça uma linha de raciocínio sintonizado com o pensamento de Mead, demonstrando a impossibilidade da individuação a partir de um saber meramente reflexivo, mostrando que esse caminho para se pensar a autoconstituição, deixa de ter “validez científica”, uma vez que, o saber-se a si mesmo é gerado intersubjetivamente através das interações comunicativas.

Percebemos que neste processo histórico, social e científico de construção da Psicologia, Ciampa também se referencia na teoria social de Mead, ao utilizar os conceitos desenvolvidos por Habermas, trabalhando algumas deficiências encontradas em autores utilizados anteriormente, como as questões colocadas em relação ao trabalho de Berger e Luckmann: a não diferenciação entre os conceitos de interiorização e internalização, do determinismo social, modulador de identidades, esquecendo-se da individuação, e à alternativa encontrada para a concepção fenomenológica da sociedade que lhe atribuía um caráter ontológico.

Habermas considera que a inovação à filosofia do sujeito foi possível também, devido a uma guinada pragmático-formal, atribuindo a primazia da linguagem, como o meio possível de entendimento, de cooperação social, e não à subjetividade criadora de mundos. Esse pensamento será realizado por Mead, no momento em que reduz a instância-eu da filosofia da consciência a um ‘*Me*’, a um *Selbst* que se põe apenas em contextos de interação, sob os olhos de um *Alter* – tirando assim todos os conceitos fundamentais da filosofia da base da consciência e transportando-os para a linguagem.

O “*Me*”, espécie de radar social, caracterizaria a formação de uma identidade que tornaria possível o agir responsável, já que esta assunção de papéis é submissa

aos controles sociais exteriores. Mead fala do processo de civilização da sociedade, que implica um progresso na individuação do indivíduo. As formas concretas da sociedade, como os costumes e as instituições, se precipitam no “Me”, mas quando sob pressão social e multiplicação das expectativas de representações que fazem o indivíduo ver-se em conflito, há um distanciamento da identidade-convencional.

O *Selbst* não se isola e nem pode se isolar neste processo, já que é sobrecarregado e inteiramente construído pela sociedade, não pode ao sair de contextos particulares, se instalar em uma solidão abstrata que justamente aponta para a mesma direção do processo de civilização. O indivíduo se esboça ou se projeta na direção que aponta para uma sociedade mais abrangente, na expectativa de que existam outros grupos organizados que reagiram a seu apelo.

Para Habermas é a passagem para uma moral pós-convencional que se produz pela comunicação ilimitada e transcendente, onde membros de uma sociedade são capazes de formular idéias de valor e juízo moral ao socializar ao mesmo tempo em que temporalizam a razão prática de um auto-entendimento ético.

Essa identidade pretendida é a pós-convencional, já que não se prende mais exclusivamente ao ‘tipo social’, e diz respeito à história consciente da vida refletida individualmente. A referência a uma forma de sociedade projetada torna possível levar a sério à própria história de vida como princípio da individuação.

Mead considerou que a individualização social ocorreria em uma perspectiva progressiva, ao entender a sociedade moderna sobrecarregando o indivíduo, que se vê diante de possibilidades amplas, espaço propício para o aparecimento da identidade-eu pós-convencional, radicalizando sua autocompreensão prática de representação, já pressuposta no uso da linguagem orientada para o entendimento. Habermas parte destas proposições meadianas, fazendo alguns apontamentos, acrescentando a filosofia de Mead, questões que serão essenciais para sua teoria do agir comunicativo.

Para Habermas o conceito de “identidade” meadiano, construído intersubjetivamente, oferece respaldo para uma nítida distinção entre estes aspectos contraditórios da individualização social, pois para se falar da crescente individuação dos sujeitos socializados, não se pode interpretá-los apenas no sentido da amplitude de opções e possibilidades racionais, para realizações finais de seus desejos. Este tipo

de interpretação reduziria a possibilidades de escolha, como efeito da modernização para a individualização social. Por este sentido, a individualização social, andaria integrada aos valores e normas, sendo estes os comandantes dos atores individuais; daí, a desintegração dos mundos tradicionais em subsistemas independentes, regidos no mundo capital, por exemplo, pelo dinheiro, poder e demais valores do sistema.

As realizações próprias dos indivíduos constituem este novo tipo de ligação social. No entanto, Mead já teria demonstrado que não bastaria a formação convencional da identidade, assim como pensar o Eu como fonte autônoma de escolhas racionais, pois tornar-se-ia, uma instância-eu destituída das convenções normativas, sendo reduzido a adaptações cognitivas, formando apenas complementos funcionais aos subsistemas.

Para Habermas, cada membro da sociedade deve criar suas formas para serem reconhecidos e integrados reciprocamente, como capazes de ações autônomas e responsáveis por sua vida. Precisa-se aqui fazer uma reflexão moral e existencial, pois a estrutura de decisões que é exigida pelos subsistemas sociais invade o mundo da vida privada e pública, fazendo com que os sujeitos tenham escolhas racionais pautando-se por preferências próprias, com o perigo, de não considerarem em momento algum a perspectiva de outros, e conseqüentemente inviabilizar um novo tipo de ligação social entre sujeitos individualizados.

A diferenciação de sistemas é objetivamente ambígua, na medida em que individualiza socialmente, mas somente com a racionalização do mundo da vida, da sociedade, o processo de individuação pode ser entendido como formador de uma personalidade, sendo a socialização dos sujeitos impossíveis de resumirem-se à auto-reflexão objetivadora.

Mead liberou o núcleo intersubjetivo do Eu. Através disso, ele pôde explicar por que uma identidade-eu, pós-convencional, não pode desenvolver-se sem antecipar estruturas comunicativas modificadas; porém, a partir do momento em que essa antecipação se torna realidade social, não deixará intocadas as formas tradicionais de integração social (Habermas, 1988, p. 234)

Tanto Habermas, quanto Berger e Luckmann, demonstram a necessidade de a psicologia social compreender e difundir a teoria social elaborada por George Herbert Mead; suas produções embasam e continuam por fazer parte, de trabalhos em diferentes áreas das ciências humanas e sociais. Seria no mínimo relapso não nos aproximarmos, e de certa forma, também nos apropriarmos de um trabalho pioneiro em psicologia social, base teórica para os estudos destes e de outros autores.

Consideramos ter amenizado o descaso histórico em relação a Mead; a história nos possibilita, conhecê-lo, para aproximarmos sem receio, de seus conceitos científicos. No entanto, sabemos que limitar seu alcance a este, e a outros poucos trabalhos, não trariam os efeitos desejados, em relação à difusão da psicologia social meadiana. Para Mead contribuir, como deve, passemos da conjuntura histórica, para a real (re) socialização da psicologia social, que remeterá novamente à história.

Psicologia Social, que por vezes, se pretende autônoma, crítica, comunitária, politicamente engajada, buscando no confronto de nossa (com) vivência, em meio aos determinantes estruturais de nossa sociedade, o fermento para suas elaborações, interlocuções e consequências, não pode prescindir de se entender, como parte de um processo sócio-histórico. Temos de negar sua possibilidade ontológica, para continuar construindo alternativas transformadoras de realidade.

Devemos incorporar ao nosso campo, apropriar, institucionalizar, o discurso de uma psicologia consoante a seus objetivos e anseios. Parece-nos, estar passando da hora, de a psicologia fazer esta (re) volta, e na saudável desterritorialização de suas fronteiras, agregar definitivamente a psicologia social sociológica de George Herbert Mead, facilitadora desta interlocução, entre o indivíduo e a sociedade, onde pensemos as relações verdadeiramente comunitárias, em que o desejo de um, de cada “eu” faça-se mediado em um “nós” generalizado, um nós que em suas diferenças, possibilite a autonomia e a emancipação humana, resultando em um “mim” democrático, que em sua pluralidade, permita identidades verdadeiramente sociais. Por uma psicologia social, que pense na possibilidade de *selves*, em meio a uma sociedade “eu-cêntrica”, que Mead deve ser retomado.

E por fim, parece-nos, que com a apropriação científica de Mead, seremos capazes de pensar em uma teoria da sociedade, para a Psicologia Social.

REFERÊNCIAS

- ADCOCK, J. C. (1965). *Manual de Psicologia*. Victoria University, Wellington, Nova Zelândia. Rio de Janeiro. Zahar Ed., 1965.
- ANDERY, M. A. In: *História e Historiografia da Psicologia: revisões e novas pesquisas*. (1998). (Org.). Guedes M. C. – São Paulo: EDUC.
- _____. *Para compreender a ciência, uma perspectiva histórica*, (2004). (Org.) et. al. 13ª ed. – Rio de Janeiro: Gramond; São Paulo: EDUC.
- ANTUNES, M. A. M. In: Brozek, J. e Massimi, M. (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Loyola, p. 363-372.
- ATKINSON, L. R.; ATKINSON, C. R. (Orgs.). (2002). *Introdução à Psicologia de Hilgard*. Univ. of Califórnia, San Diego; Artes Médicas, Porto Alegre.
- BAZILI, C. et al. (1998) *Interacionismo Simbólico e Teoria dos Papéis*. São Paulo: EDUC.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. (2004). *A Construção Social da Realidade; Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução de Floriano S. Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985. Original editado por Doubleday & Company, Inc. 1966.
- _____. (2004). *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis RJ, Vozes, 2004. Original editado por Bertelsmann Foundation Publishers, 1995.
- BOCK, B. M. A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, T. L. M. (2002). *Psicologia – Uma introdução ao estudo de Psicologia*; Edição reformulada e ampliada, São Paulo. Ed. Saraiva.
- BONOW W. I. (1964). *Elementos de Psicologia*; Edições Melhoramentos. São Paulo, SP. Caixa postal 8120, POx, 1964
- BROZEK, J. e MASSIMI, M. (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Loyola.
- CAMPOS, R. H. F. In: Brozek, J. e Massimi, M. (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Loyola, p. 15-20.
- _____. (Org.) (2002). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CARONE, I. (1984). “A dialética marxista: uma leitura epistemológica”. In: lane, S. T. M.; CODO, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____ (2003). *A Psicologia tem paradigmas?* – São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003.

CARMICHAEL, L. (1952). *Manuel de Psychologie De L’Enfant*. Universitaires de France, 108, Boulevard. Saint-Germain – Paris, 1952.

CIAMPA, A. C. (1987). *A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 2201.

DANZINGER, K. (1984). “Toward a critical historiography of psychology”. In: *Revista de Historia de la Psicología*, vol. 5, pp. 99-108.

DELAY, J. PICHOT, P. (1969). *Manual de Psicologia*. versão espanhola Barcelona. Torray Masson, S. A.

DEWEY, J. (1931). “George Herbert Mead”. *Journal of philosophy*, 28, p. 309-14. 1931.

DOMÉNECH, M; INIGUEZ, L. e TIRADO, F. George Herbert Mead y La Psicología Social de los objetos. *Revista de Psicología e Sociedade*, 15 (1): 18-36.

EYSENCK, J. H. (1960). *Handbook of Abnormal Psychology*. Niversity of London, Pitman Medical, 1960.

FARR, R. (1996). *As raízes da Psicologia Social moderna (1872-1954)*; tradução Pedrinho Guareschi e Paulo V. Maya. Rio de Janeiro: Vozes.

FERREIRA, R. M. (1999). *O modelo do Eu produzido socialmente em G. H. Mead*. *Psique – revista semestral de Psicologia*. Belo Horizonte, v.9, n.15, p.75-90, nov.

FERREIRA, R. M. (2000). *Individuação e Socialização em Jürgen Habermas: um estudo sobre a formação discursiva da vontade*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva.

FIGUEIREDO, M. L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, RJ: vozes, 1991.

FRANCISCO, L. A.; BERTOLINO, P. (1995). *Psicologia no Brasil: Direções Epistemológicas*. Conselho Federal de Psicologia (et al.). Brasília.

FRYER, H. D. (1950). *Handbook of Applied Psuchology, Vol. One, Two*. Printed in USA, 1950.

- GARDNER, L., HALL S., THOMPSON, F. R. (1977). *Psicologia*. Rio de Janeiro, RJ. Guanabara Koogan S. A.
- GERTH, H. MILLS, C. W. (1973). *Caráter e estrutura social: a psicologia das instituições sociais*. Tradução de Zwinglio Dias. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1973.
- GUEDES, M. C. (Org.). (1998). *História e Historiografia da Psicologia: revisões e novas pesquisas*. São Paulo: Educ.
- HABERMAS, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- _____ (2002). *Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Traduzido do original alemão, 1988.
- _____ (1978). *Teoría de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista; versión castellana de Manuel J. Redondo*. Madrid: Taurus, 1987b. II.
- HARLON, F. H. (1978). *Psicologia*. Univ. of Wisconsin. São Paulo, Brasiliense, 1978.
- HENLE, M. (1976). Why study the story of psychology?, *Anais da Academia de Ciências*. Nova York. pp. 14-20.
- HENNEMAN, H. R. (1974). *O que é Psicologia; Coleção Contemporânea*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed.
- HILGARD, R. E. (1953). *Introduction to Psychology*. Stanford Univ. Harcourt Brace Jovanovich, INC. 1953.
- HUFFMAN, K. VERNON. M. (2003). *Psicologia*. São Paulo. Atlas, 2003.
- ISRAEL, J. (1972). *Pressupostos e estrutura nas ciências sociais: Excertos de "Extipulations and construction in the social sciences"*, in: joachim Israel e Henri Tajfel: *The context of social psychology*, Academic Press, London.
- JACÓ-VILELA, A. M. (2003). *Psicologia Social: relatos na América Latina*. In.; Jacó-Vilela, A. M., Rocha, M. L., Mancebo, D., (Orgs.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- JOAS, H. (1985). *G. H. Mead, a contemporary re-examination of his thought, 1863-1931*. First MIT Press paperback, 1997.
- KATZ, D. (1954). *Manual de Psicologia*. Ediciones Morata, Madrid, 1954.

KELLER, S. F.; SHOENFELD, N. W. (1968). *Princípios de Psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento*. Universidade de Columbia. Ed. Herder, São Paulo, 1968.

KRECH, D. CRUTCHFIELD, S. R. (1974). *Elementos de Psicologia*. Univ. Berkley. Livraria Pioneira, São Paulo.

KUHN, Th. (1962). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo, Perspectiva.

LANE, S. T. M. *A Psicologia Social e uma concepção do homem para a Psicologia*. In.: Lane, S. T. M.; Codo, W. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo; brasiliense.

LIMA, A. F. (2005). *A dependência de drogas como um problema de identidade: Possibilidades de apresentação do 'Eu' por meio da oficina terapêutica de teatro*. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2005.

LAKATOS, Imre. (1989). *La Metodologia de los Programas de Investigacion Científica*. Madrid: Alianza Ed.

LUNA, S. V. (2002). *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC.

MASSIMI, M. (2000). *Matrizes de pensamento em Psicologia Social na América Latina: história e Perspectivas*. In.: Campos, R. H. F.; Guareschi, P. (Org). *Paradigmas em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

MEAD, G. H. (1972). *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Ed.: Charles W. Morris. 18 ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1972. Em catelhano: *Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista Del conductismo social*. Traducción de Florial Mazia. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 1972.

_____ (1967). *Movements of Thought in the nineteenth century*. Ed.: Merrit H. Moore. 8 ed. Chicago: The University Chicago Press, 1967.

_____ (1938). *The philosophy of the act*. Ed.: Charles W. Morris. Chicago: The University of Chicag Press, 1938.

_____ (1986). *The philosophy of the present*. Ed.: Charles W. Morris. Chicago, The University Chicago Press, 1932.

_____ (1913). "The social self". *Journal of Philosophy*, X, p. 374-80, 1913.

_____ (1910). "Social Consciousness and the Counciousness of Meaning". *Psychological Bulletin*, v. 7, p. 397-405, 1910.

- POPPER, K. (1993). *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix.
- SASS, O. (2004). *Crítica da Razão Solitária: A Psicologia Social Segundo George Herbert Mead*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- SCHLESINGER, K.; GROVES, M. P. (1976). *Psychology – A Dynamic Science*. University of Colorado. Vm. C. Brown Company Publishers Dubuque, Iowa, 1976.
- SCHULTZ, D. P. e SCHULTZ, S. E. (2003). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo, Cultrix.
- SKURNIK, S. L. (1967). *Iniciação à Psicologia*. Univ. de Maryland; Univ. de Bristol; Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- SMIRNOV, A. A.; LEONTIEV, N. A. (1960). *Psicologia*. Instituto de Investigacion Cientifica. Ed. Grijalbo, S. A. México, D. F.
- SOUZA, J. B. In: *Psicologia Social Contemporânea*. (1998) (Org.) Strey, M. N. – Petrópolis, RJ: Vozes.
- TOURINHO, E. (2006) In: *Tese apresentada à Universidade Federal do Pará*.
- WATSON, R. I. (1960). “The History of Psychology: a neglected area”. In *American Psychologists*, tradução de Marina Massimi. vol.15, pp. 251-255.
- WERTHEIMER, M. In: Brozek, J. e Massimi, M. (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Loyola, p. 25-26.
- _____ (1976). *Pequena história da psicologia*. Tradução de Lólio L. de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- WILLIAMS-PRICE, R. D. (1958). *Introductory Psychology*. London. Routledge e Kegan Paul LTD.
- WITTER, G. P., (Org.). (2002). *Psicologia: Tópicos gerais*; Coleção Psicotemas Campinas, SP. Editora Alínea.
- WOODWARD, W. R. (1998). *Rumo a uma historiografia crítica da Psicologia*. In: BROZEK, J.; MASSIMI, M. (Orgs). *Historiografia da Psicologia Moderna: Versão Brasileira*. São Paulo: Unimarco Loyola.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)